

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

BARBARA DE CASTRO BATISTA

“GO TO HELL”

As memórias de gênero e de bruxas em uma manifestação contra Judith Butler
em 2017

RIO DE JANEIRO

2020

BARBARA DE CASTRO BATISTA

“GO TO HELL”

As memórias de gênero e de bruxas em uma manifestação contra Judith Butler
em 2017

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Memória
Social da Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestra em Memória
Social.

Área de concentração: Estudos
Interdisciplinares em Memória Social
Linha de Pesquisa: Memória e Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Glenda Cristina
Valim de Melo

RIO DE JANEIRO
2020

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

B333 Batista , Barbara de Castro
Go to hell: As memórias de gênero e de bruxas em
uma manifestação contra Judith Butler em 2017 /
Barbara de Castro Batista . -- Rio de Janeiro, 2020.
133 f.

Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Memória Social, 2020.

1. Construção performativa. 2. Memórias. 3.
Gênero. 4. Bruxa. 5. Manifestação. I. Melo, Glenda
Cristina Valim de, orient. II. Título.

BARBARA DE CASTRO BATISTA

“GO TO HELL”: As memórias de gênero e de bruxas em uma manifestação
contra Judith Butler em 2017

COMISSÃO JULGADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL

Presidente: Profa. Dra. Glenda Cristina de Valim Melo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Titular 1: Profa. Dra. Joana Plaza Pinto
Universidade Federal de Goiás

Titular 2: Profa. Dra. Diana Souza Pinto
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo ao núcleo familiar que me desejou, concebeu-me, criou-me e me educou com a mais doce harmonia; possibilitando todo o sustento material, espiritual, emocional e psicológico que necessitei durante a minha, ainda breve, existência. A vocês, Valéria, Eder, Gabriela, Eliane e Cleide despejo toda a minha gratidão. À Zozô, coelhinha mais linda e companheira, também sou muito grata. Ainda que ela não saiba da existência dessas palavras, me auxiliou nos momentos de angústia da escrita.

Meu mais profundo agradecimento também vai para a minha família estendida, que se configura nas mais sinceras amizades conquistadas ao longo dos anos. Agradeço à Taísa Rezende por sua amizade consistente em momentos de provações, bem como seus – sempre certos – conselhos acadêmicos. À Tereza Cristina, por sua bravura e altivez que sempre foram de grande inspiração para mim. À Rhanna Henrique, por sua maturidade e determinação. Ao Victor Terra por sua ativa consciência e solidárias palavras. À Danielle Moraes por seu vigor e coragem que me contagiam. À Nina Hanbury e Anderson Andrade pelo companheirismo frente aos desafios e insanidades acadêmicas. À Jéssica Narciso, Marianna Papinutto e Thaís Dias pela nossa instável, porém perseverante, terapia das amigas. À Jullyana Linhares pelas palavras certeiras e atenção plena. À Mariana Russo pelas gargalhadas e frases poéticas. À Agatha por sua luz, doçura e presença sincera. Ao Bernardo Miranda por seu carinho de irmão. Ao Alex Medeiros por suas sábias palavras em momentos de intenso caos. E à Valéria Alves, minha mais breve e intensa amizade que estará para sempre em meu coração. Agradeço pelo presente deixado em terra, chamado Luiz Claudio Gomes, que muito tem me amparado frente aos desafios da vida. Cada um de vocês, com suas cabíveis especificidades, possuem uma enorme importância para a finalização desta etapa em minha vida.

Ainda preciso agradecer aos meus familiares mais distantes e aos já falecidos. Meu mais sincero obrigado também se estende aos meus colegas de classe que estiveram unidos neste desafio que chamamos de mestrado. Também à Viviana Ribeiro e Lília Pougy minha eterna gratidão pela paciência e didática ao ensinar um conteúdo tão difícil que engloba as incessantes e seculares violências contra nós, mulheres.

Sou grata também a todas as pessoas que contribuem para a manutenção do Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Aos profissionais da limpeza, aos técnicos administrativos e aos docentes que, compondo uma mesma classe trabalhadora, sustentam um núcleo que tem sido duramente atacado em tempos conservadores como os nossos.

Agradeço pelo financiamento da CAPES, sem o qual não seria possível a dedicação plena com vistas a conclusão deste mestrado.

À Glenda Melo agradeço por ter sido um combustível para a minha evolução. Meus agradecimentos sinceros também se estendem a minha banca examinadora, Diana Souza Pinto e Joana Plaza Pinto, pela leitura atenta e sugestões coerentes.

Meus sinceros agradecimentos também ao Rodrigo Monteiro, primeiro revisor deste trabalho. E a Giovana Russi, pela paciência, minúcia e capricho na revisão ortográfica e de ABNT.

Por fim, agradeço à toda espiritualidade amiga, aos meus guias espirituais que me amparam nesta existência corpórea e à força imaterial e transcendental que chamo de Deus, sem o qual não haveria sustentação alguma para que estas palavras fossem escritas.

RESUMO

BATISTA, Barbara de Castro. “**Go to hell**”: as memórias de gênero e de bruxas em uma manifestação contra Judith Butler em 2017. Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo. 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Frente ao aumento incessante do número de violências contra as mulheres e do presente conservadorismo dentro do contexto político que corresponde aos períodos pré e pós-eleições de 2018, a evocação de memórias sobre bruxas ganha destaque, sendo um deles o evento foco de nossa pesquisa. Deste modo, temos como principal objetivo compreender a construção performativa da bruxa na manifestação contra Judith Butler que ocorreu em 07 de novembro de 2017 em frente ao SESC Pompéia em São Paulo. Como objetivos específicos definimos analisar a construção performativa da bruxa mobilizada na manifestação contra Judith Butler no ano de 2017 e identificar as memórias sobre bruxas precipitadas ao longo da manifestação. Esta pesquisa se embasa nas teóricas Federici (2017), Barstow (1995) e Russel e Alexander (2019) para tratar da questão da bruxa; nos atos de fala performativos propostos Austin (1990), Derrida (1988) e Butler (2018); na concepção de memória sugerida por Gondar (2003;2016) e Pollak (1989). Essa investigação é do tipo *interpretativista* (interpretativa) (MOITA LOPES, 1994) e de caráter etnográfico de internet (HINE, 2000; GUTIERREZ, 2009). Utilizamos como material de análise dois textos multimodais em formato de vídeo, selecionados a partir de critérios bem estabelecidos e aplicados na plataforma de pesquisa Youtube. O instrumental teórico-metodológico e analítico se embasa nas concepções de entextualização e indexicalidade apontadas tanto pelos índices linguísticos propostos por Silverstein (2003) como na identificação de planos e cores sugeridos por Kress e Van Leeuwen (2006). A análise mostra que a construção performativa da bruxa se embasa em discursos judaico-cristãos condensados por ideias de verdades construídas ao longo de séculos, mas que também trazem um discurso e uma prática poderosa e de resistência. As memórias de gênero e de bruxas mobilizadas nessa construção são de violência e extermínio ao mesmo tempo em que precipitam uma poderosa sede de transformação.

Palavras-chave: Construção performativa; Memórias; Gênero; Bruxa; Manifestação.

ABSTRACT

BATISTA, Barbara de Castro. “Go to hell”: as memórias de gênero e de bruxas em uma manifestação contra Judith Butler em 2017. Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo. 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Given the unceasing increase in numbers of violence against women and the present conservatism within the political context on the pre and post 2018 elections' periods, the evocation of memories about witches are spotlighted, the term witch has been mobilized in diverse social events, among them there is one which is the focus of our research. That way, we have as our main objective to comprehend the performative construction of the term witch in the manifestation against Judith Butler that happened on November 7th, 2017 in front of SESC Pompéia in São Paulo. As specific objectives we defined: to analyze the performative construction of the term witch mobilized on the manifestation against Judith Butler in 2017 and identify the memories about witches precipitated during the manifestation. This research has in the theories of Federici (2017), Barstow (1995) and Russel & Alexander (2019) to deal with the witch issue; on the acts of performative speech proposed by Austin (1990), Derrida (1988) and Butler (2018); and in the conception of memory suggested by Gondar (2003;2016) and Pollak (1989) its theoretical bases. This investigation is *interpretativista* (interpretive) (MOITA LOPES, 1994) and of internet ethnographic character (HINE, 2000; GUTIERREZ, 2009). We utilized as material to analyze two multimodal texts in video format, selected through highly established and applied criteria on the search platform, Youtube. The methodological and analytical instruments are the *Entextualization* and Indexicality pointed by the linguistics indices proposed by Silverstein (2003) and in the identification of backgrounds and colors suggested by Kress and Van Leeuwen (2006). The analyzes show that the performative construction of the term witch is based on Jew-Christian discourse condensed by ideas of truths constructed along centuries, that also brings a powerful discourse and practice of resistance. The gender and witches' memories mobilized in this construction are of violence and extermination and at the same time show a powerful transformational desire.

Key-words: Performative construction; Memories; Gender; Witch; Manifestation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Primeiro <i>printscreen</i> da petição	31
Figura 2 –	Segundo <i>printscreen</i> da petição	31
Figura 3 –	Seleção vídeos <i>printscreen</i> 1	33
Figura 4 –	Seleção vídeos <i>printscreen</i> 2	33
Figura 5 –	Seleção vídeos <i>printscreen</i> 3	34
Figura 6 –	Seleção vídeos <i>printscreen</i> 4	34
Figura 7 –	Primeira seleção 1	35
Figura 8 –	Primeira seleção 2	35
Figura 9 –	Primeira seleção 3	35
Figura 10 –	Segunda seleção 1	36
Figura 11 –	Segunda seleção 2	36
Figura 12 –	Texto multimodal IPCO	37
Figura 13 –	Parte da tela do canal IPCO no YouTube	37
Figura 14 –	Descrição do canal Instituto Plínio Corrêa de Oliveira	38
Figura 15 –	Página de início do canal Pavio	38
Figura 16 –	Descrição texto 1	72
Figura 17 –	Fala líder IPCO antes do zoom	74
Figura 18 –	Fala líder IPCO com zoom	75
Figura 19 –	Líder, bandeira e bruxa	77
Figura 20 –	Pessoas com a bandeira enlaçada ao corpo	78
Figura 21 –	Bandeira do Brasil	79

Figura 22 –	Bandeira do Império	80
Figura 23 –	Destaque para marcas de feminilidade e masculinidade	82
Figura 24 –	Cores dos cartazes	83
Figura 25 –	Base da sociedade	84
Figura 26 –	Primeiro aparecimento da bruxa IPCO	88
Figura 27 –	Valores importantes para o IPCO	90
Figura 28 –	Quem somos PAVIO	93
Figura 29 –	Primeiro segundo do texto multimodal do canal PAVIO	94
Figura 30 –	Policiais e SESC Pompeia	95
Figura 31 –	Manifestação pela lente do PAVIO	96
Figura 32 –	Participação do IPCO	97
Figura 33 –	Go to hell	97
Figura 34 –	Cartaz	98
Figura 35 –	Cartaz azul com um menino	99
Figura 36 –	Bruxa e pedofilia	100
Figura 37 –	Argumentação pouco profunda	100
Figura 38 –	Bíblia e crucifixo	102
Figura 39 –	Postura estática crucifixo	104
Figura 40 –	Lendo a bíblia	105
Figura 41 –	Primeira vez em que a bruxa aparece no texto do canal PAVIO	106
Figura 42 –	Bruxa e as marcas do feminino	108
Figura 43 –	Não à ideologia de gênero	110
Figura 44 –	Um homem e uma mulher	111
Figura 45 –	Povo conservador	112
Figura 46 –	Crucifixo	113
Figura 47 –	Bruxa e princesa	113

Figura 48 –	Go to hell	114
Figura 49 –	Out Butler	115
Figura 50 –	Bruxa sendo queimada	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Pistas indexicas e Memória de Bruxas

125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SESC –	Serviço Social do Comércio
FBSP –	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
UFRJ –	Universidade Federal do Rio de Janeiro
PCdoB –	Partido Comunista do Brasil
LGBTQI+ –	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
PT –	Partido dos Trabalhadores
PSL –	Partido Social Liberal
USP –	Universidade de São Paulo
UC Berkeley –	University of California – Berkeley
FFLCH –	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo
IPCO –	Instituto Plínio Corrêa de Oliveira
SBDTFP –	Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade
TFP –	Tradição, Família e Propriedade
MST –	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
CELAM –	Conselho Episcopal Latino-Americano

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CAMINHOS DA PESQUISA	25
1.1 CARACTERIZANDO A PESQUISA.....	25
1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	27
1.3 MATERIAL DE ANÁLISE E PERCURSO ETNOGRÁFICO DA PESQUISA.....	32
1.4 INSTRUMENTAL METODOLÓGICO ANALÍTICO	40
2 CAÇA ÀS BRUXAS, SATANIZAÇÃO DA MULHER NA IDADE MODERNA, LINGUAGEM E MEMÓRIA	42
2.1 EXPLICAÇÕES MITOLÓGICAS E SUA RELAÇÃO COM O CRISTIANISMO.....	42
2.2 CONTEXTO GERAL DA CAÇA ÀS BRUXAS DA EUROPA MODERNA	47
2.3 MULHERES, BRUXARIA E FEITIÇARIA	52
2.4 REATUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA E OS ATOS DE FALA PERFORMATIVOS	58
2.5 APROXIMAÇÃO DOS CONCEITOS DE SABER, PODER E IDEIA DE VERDADE EM FOUCAULT.....	66
3 ANÁLISE	71
3.1 O CANAL IPCO	71
3.2 CONSTRUÇÃO PERFORMATIVA DA BRUXA NA MANIFESTAÇÃO VEICULADA PELO CANAL IPCO	87
3.3 O CANAL PAVIO	92
3.4 CONSTRUÇÃO PERFORMATIVA DA BRUXA NA MANIFESTAÇÃO VEICULADA PELO CANAL PAVIO	101
3.5 MEMÓRIA SOBRE BRUXA NA MANIFESTAÇÃO.....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	130

INTRODUÇÃO

Os tristes tempos conservadores que estamos vivendo foi um dos fatores que me motivaram a criar este trabalho. O conservadorismo e o fundamentalismo religioso estão sendo reatualizados, principalmente pós eleições de 2018 com Jair Bolsonaro assumindo a presidência do País. A linha tênue entre campos democráticos e conservadores já estava em voga antes deste período, porém, com Bolsonaro assumindo este cargo, houve uma intensa legitimação de atitudes classistas, machistas, racistas e homofóbicas. Contudo, antes de falar mais como todo este cenário político interferiu nesta dissertação, gostaria de dizer um pouco sobre a minha trajetória.

A minha principal motivação ao entrar no mestrado em Memória Social era ter contato com uma rede de autores(as) que espriassem a visão materialista marxista na qual fui iniciada em minha formação em Serviço Social. Queria me aproximar de novas maneiras de entender o mundo e, assim, contribuir para novas formas de pesquisa que fossem capazes de explicar tanto o viés social, econômico e macropolítico, quanto os aspectos individuais, subjetivos e micropolíticos. Por ter uma formação tão materialista, ainda carrego traços deterministas na minha linguagem, o que ficará explícito em algumas partes deste trabalho. No entanto, será também nítido e honesto o esforço de aproximação a uma perspectiva micropolítica e de nível interacional.

Desde a graduação, os temas que mais me saltavam aos olhos, e também que mais tinha afinidade teórica, eram os que envolviam questões relacionadas às violências contra as mulheres. Além da minha inserção em estágios que me proporcionaram este olhar ampliado e singular sobre o fenômeno, acompanhava também as estatísticas que não paravam e não param de aumentar. Conforme destacam as estatísticas do 13º Anuário Brasileiro de Segurança Pública¹, organizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), houve 66.041 registros de estupro no Brasil no ano de 2018, sendo este o maior número já registrado até o momento, correspondendo a 180 estupros por dia, o que representa um aumento de 4,1% em relação ao ano anterior. Destes 66.041 casos, 53.726 foram de mulheres, ou seja, 81,8% dos

¹ Disponível em: http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf. Acesso em: 12 nov. 2019.

estupros que ocorreram no Brasil no ano de 2018 foram contra mulheres. Em relação à violência doméstica existe 1 registro a cada 2 minutos no país, tendo um total de 263.067 casos registrados no ano de 2018, o que corresponde a um aumento de 0,8% em relação ao ano anterior. Em relação ao crime de feminicídio, os dados apontam que houve registros de 1.206 vítimas, apontando um crescimento de 11,3% em relação ao ano anterior. Os assassinos destas mulheres são 88,8% companheiros ou ex-companheiros.

Já o Observatório Judicial de Violência contra a mulher² nos mostra que em 2018 as ações penais referentes às lesões corporais contabilizaram 50.052 casos, o que corresponde a um aumento significativo se comparado ao ano anterior, com um total de 44.607 casos. Este órgão disponibiliza dados quantificados até o mês de maio de 2019 que contabilizam, por exemplo, 18.855 casos de lesão corporal, 11.244 de ameaças e 3.530 ações referentes ao crime de injúria. Esses são somente alguns dos casos que chegaram até órgãos públicos e puderam ser atendidos e quantificados de alguma forma, mas sabemos que nem todos os casos de violência contra mulheres chegam na instância pública, o que nos faz estimar que os números que correspondem ao real são superiores aos expostos aqui. Para além disso, de forma conceitual, também existem muitas definições a respeito do que é violência contra mulher.

Neste trabalho, ao utilizarmos este termo, estamos falando do fenômeno social de forma ampliada, entendendo que existem especificidades de acordo com raça/etnia, gênero, sexualidade, classe social e idade. As múltiplas violências contra as mulheres são distinguidas por Saffiotti (2015) como violências de gênero e violência contra mulheres, sendo a primeira englobando tanto homens quanto mulheres e a segunda somente mulheres. Apesar da autora adotar uma visão binária de gênero, ela é de extrema relevância para o nosso entendimento a respeito das múltiplas violências sofridas pelas mulheres na sociedade de classe em que vivemos. Segundo Saffiotti (2015)³, quanto mais sofisticado se torna o método de exploração capitalista, mais as mulheres têm aprofundadas as marcas do patriarcado.

Ao adentrar o mestrado, então, eu já tinha noção deste cenário e pretendia continuar esta pesquisa com o tema de violência contra as mulheres. No entanto, eu não queria me basear somente em uma análise quantitativa, generalista e que lida com estatísticas, porque, concordando com Moita Lopes (1994), quanto mais generalizamos, ou seja, quanto mais

² Disponível em: <http://www.tjrj.jus.br/web/guest/observatorio-judicial-violencia-mulher/vdfm/dados-estatisticos/acoes-distribuidas>. Acesso em: 15 jun. 2019.

³ Para saber mais sobre o assunto ver o livro *Gênero, Patriarcado, Violência*.

apelamos a uma padronização para fins generalistas, mais distorcida fica a realidade, já que afastamos a multiplicidade de sentidos que só podem ser encontrados no processo, nas relações, e não nos números quantificados ao final. Isso quer dizer que o meu interesse em analisar o fenômeno da violência contra as mulheres não estava ligado somente a um fator quantitativo, mas também, e principalmente, com os motivos pelos quais este fenômeno toma tais proporções.

Foi a partir deste pensamento que comecei a ter um contato mais íntimo com os estudos de Foucault (2000; 2005) e também com as concepções de linguagem e de performatividade (AUSTIN, 1990; DERRIDA, 1988) nas práticas sociais, como poderá ser observado no capítulo três deste trabalho. Neste meu processo de aprendizagem, observei que as escolhas linguísticas empregadas em manchetes de jornais e publicações em redes sociais, por exemplo, podiam tanto favorecer a denúncia dos atos criminosos quanto corroborar para a sua naturalização, ainda que de forma não intencional. Desta forma, inicialmente, construí como principal objetivo de pesquisa, entender de que maneira o uso da linguagem sobre as situações de violências contra as mulheres contribuíam para a naturalização desses crimes. Mesmo com o objetivo ainda vago, segui na pesquisa, buscando um caso de violência com o qual fosse possível iniciar a minha análise.

Escolhi o caso de assassinato da advogada Tatiane Spitzner ocorrido no ano de 2018. Após ter sofrido múltiplas violências, foi assassinada pelo marido e teve seu corpo inerte jogado pela janela. O caso foi noticiado com a seguinte formulação: “Mulher cai da janela...”⁴. Para além das manchetes, foi possível observar alguns excertos em comentários presentes em uma publicação no Facebook⁵ sobre o caso, os quais seguem: “Se o relacionamento não estava bom pq permaneceu? ”; “No primeiro momento q houve falta de respeito, já era pra ter ido embora!”; “cada dia vejo mais e mais mulheres aceitando esse tipo de comportamento”.

As pessoas que escreveram publicamente essas frases podem nem ter percebido que estavam fazendo escolhas linguísticas que culpabilizavam a mulher que foi violentada,

⁴ Alguns links desta notícia (acessos em: 01 mai. 2019):

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/marido-suspeito-de-matar-advogada-que-caiu-de-predio-no-parana-vira-reu.shtml>

<https://ndmais.com.br/noticias/advogada-morre-apos-cair-de-predio-e-policia-prende-marido-no-parana/>

<https://www.portalt5.com.br/noticias/policia/2018/8/123112-marido-escravizava-advogada-que-caiu-de-predio-e-a-tratava-por-apelidos-humilhantes-diz-mp>

<https://globoplay.globo.com/v/6921170/>

⁵ Disponível em: https://web.facebook.com/search/top/?q=tatiane%20spitzner%20advogada&epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 01 mai. 2019.

assassinada e teve seu corpo descartado pela janela. Ou talvez, algumas delas, podem até ter assumido a postura conscientemente de culpabilização da mulher. Porém, o que importava na análise era que, ao enunciar estas ideias estavam realizando uma ação e que essa ação tinha o efeito de contribuir para a perpetuação das práticas de violência.

Para um maior aprofundamento da minha pesquisa fui buscar outras disciplinas que pudessem ampliar o meu aporte bibliográfico a respeito do tema de violência contra mulheres. Foi quando comecei a cursar uma disciplina externa na UFRJ onde tive o meu primeiro contato com o livro *Calibã e a bruxa*, de autoria de Silvia Federici, que foi o grande responsável pela mudança de objeto de pesquisa. Nesse livro, a autora coloca no centro da análise a acumulação primitiva do capital (MARX, 2011), a perseguição às bruxas nos séculos XVI e XVII e afirma que este fenômeno foi fundamental para o desenvolvimento do capitalismo, para os processos de colonização e para as expropriações de terras que ocorriam na Europa neste período. Esses pensamentos de Federici (2017) são importantes para nós por três motivos: o primeiro é porque o Brasil foi um desses países colonizados os quais a autora indica; o segundo se relaciona com o sistema econômico capitalista, que apesar das diferentes fases, está ligado diretamente com o fenômeno da violência contra as mulheres; por fim, o terceiro e último, foco de interesse desta pesquisa, são os discursos e as memórias sobre bruxas que estão vinculadas a uma memória e uma construção da mulher como inferior ao homem, o que nos fornece subsídios para o entendimento a respeito do fenômeno em questão.

Diante disso, comecei a perceber que o fenômeno da violência contra as mulheres estava mesmo para além dos números que foram aqui expostos. As múltiplas violências que nós mulheres sofremos têm sido construídas por décadas, se aperfeiçoando de acordo com os tempos, regiões e tipos de governo em que são praticadas. Então, com o intuito de encontrar uma base mais sólida de relação entre a caça às bruxas e a violência contra as mulheres hoje, me aprofundei nos estudos acerca do contexto histórico, político, econômico e social em que o fenômeno da caça às bruxas na Europa estava ocorrendo. Foi quando me deparei com a teoria proposta por Federici (2017), em que coloca a mulher enquanto agente do processo de transformação social no momento de transição do sistema econômico feudal para o capitalista. Para além disso, para os habitantes das aldeias, elas eram referência nos cuidados com a saúde física e espiritual, conhecimento esse transmitido oralmente em ambientes comuns e potencializados pela construção coletiva de práticas sociais. Como será bem desenvolvido no capítulo 1 deste trabalho, as práticas dessas mulheres começaram a ser vistas pela igreja (que tinha um papel central na sociedade na época) como uma ameaça social.

De acordo com Russell e Alexander (2019), o termo bruxa, antes deste período, não era utilizado como sinônimo de pacto com demônio ou como forma de desqualificar e satanizar práticas sociais específicas realizadas por mulheres. Todavia, com a influência advinda da igreja, em um contexto político econômico e social marinado em misoginia e tradição judaico-cristã, este cenário começou a se modificar trazendo grandes prejuízos para as mulheres, principalmente, as tipificadas como bruxas.

Em todo esse percurso de pesquisa, ainda que interessada em descobrir esse contexto da caça às bruxas, minha principal motivação era fazer o vínculo com o mundo contemporâneo. Sem isso, não fazia sentido a existência do presente trabalho. No entanto, esse não deveria ter sido um motivo de preocupação, já que seria impossível passar ilesa pelo momento de efervescência política proveniente das eleições de 2018. Neste momento a pesquisa estagnou, ou ao menos era o que eu pensava, sem saber que esse seria o principal combustível para a própria construção do objeto.

Os ataques incessantes e violentos à universidade pública, a ascensão de pensamentos e práticas conservadoras, além da exaltação colérica de grupos religiosos defensores da família e da moral cristã, os diversos cortes na saúde e na educação, dentre tantos outros motivos, me faziam cotidianamente rever a real necessidade de se completar este percurso do mestrado. O desejo de construção de algo novo que pudesse superar ou ampliar as possibilidades de algum tipo de mudança na sociedade era utópico demais, já que o não retroceder social já se mostrava como um grande ganho.

O retrocesso foi oficializado e representado pela figura de Jair Bolsonaro assumindo a presidência do País. Contudo, após o período de luto, fiz a escolha de continuar minha trajetória acadêmica. Como já era de se esperar, eram muitas as matérias com conteúdo misógino, machista, racista, de intolerância religiosa e tantas outras, sendo uma delas a responsável por me levar da inerte produção da dissertação até a epifania que me faz escrever essas palavras.

A notícia refere-se à fala que Damares Alves (Ministra da mulher, da família e dos Direitos Humanos do governo Jair Bolsonaro) fez em um culto evangélico em que afirmava estarem sendo distribuídos para as crianças em escolas do Nordeste, manuais de bruxaria⁷. Apesar deste não ter sido o acontecimento que escolhi como material de pesquisa, ele foi importante porque me fez perceber o quão atual era a vinculação entre a bruxaria e o mundo

⁷ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-nordeste-tem-um-manual-de-bruxaria-para-criancas-diz-damares/>. Acesso em: 30 de ago. 2019.

contemporâneo. Isso me motivou a buscar mais exemplos em que o termo bruxa fosse utilizado no contexto do século XXI. Encontrei então a fala que Jair Bolsonaro fez em janeiro de 2019 em uma publicação de ataque à deputada Jandira Feghalli do PCdoB, chamando-a de “bruxa da ditadura”⁸, e também, os vínculos que são estabelecidos entre feministas e bruxas⁹.

Este breve período de busca me possibilitou lembrar de uma manifestação que teve grande reverberação no meio acadêmico, ambiente este em que eu já estava inserida. Junto disso, lembrei que nessa manifestação tinha algo que remetia à bruxa, e por esse motivo fui pesquisar melhor sobre o evento. Foi quando encontrei no meio online a manifestação ocorrida em novembro 2017 contra a filósofa americana Judith Butler, estudiosa de gênero, sexualidade, teorias *queer*, ética, violência, feminismo, discurso político, performatividade, democracia, e questões relacionadas à Palestina. Ela é atualmente professora na Universidade da Califórnia em Berkeley, vinculada ao departamento de Literatura Comparada. E uma das suas principais contribuições teóricas, a qual mais foi confrontada nesta manifestação, é a respeito das construções de gênero.

A autora diz que ter um determinado órgão sexual não implica uma atribuição natural de gênero. Ela defende em *Problemas de gênero: subversão da identidade* (1990) que o gênero é socialmente construído e que nem todos se adequam a essa norma estabelecida. A discussão da autora aponta sobretudo para uma defesa da liberdade de se ser quem é, sem que isso cause prejuízos a vida dessas pessoas.

A vinda desta personalidade para o Brasil causou grande reverberação também nas redes sociais, com ampla circulação e mobilizações até mesmo antes do evento acontecer, com uma petição¹⁰ criada em 26 de outubro de 2017 para reivindicar o cancelamento da palestra da autora, que contou com 373.354 assinaturas.

No entanto, Butler não viria ao Brasil para ministrar uma palestra sobre gênero, mas sim para compor a mesa de abertura do *Seminário Internacional Os fins da democracia*, organizado pela Universidade de Berkeley e Universidade de São Paulo, no qual a professora era uma das responsáveis e idealizadoras. O evento ocorreu do dia 07 a 09 de novembro de 2017, no teatro do SESC Pompéia em São Paulo. No dia da apresentação da autora, se reuniram na frente do SESC Pompéia manifestantes pró e contra Butler. O segundo grupo fez uma grande

⁸ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/jair-bolsonaro-para-jandira-feghalli-bruxa-da-ditadura/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

⁹ Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/vida-real/por-que-as-bruxas-sao-consideradas-icone-do-movimento-feminista/>. Acesso em: 30 ago. 2019.

¹⁰ Disponível em: <https://www.citizengo.org/pt-br/fm/108060-cancelamento-da-palestra-judith-butler-no-sesc-pompeia>. Acesso em: 21 nov. 2019.

boneca com um chapéu de bruxa e o rosto desta bruxa era o de Judith Butler. Essa boneca foi queimada durante a manifestação ao som de gritos como “queimem a bruxa”, com placas com dizeres como “*go to hell*” e com manifestantes erguendo crucifixos, dentre outros simbolismos que serão trazidos neste trabalho. Este ato foi filmado por diversas pessoas que estavam presentes no momento, e colocados no Youtube e redes sociais.

Os manifestantes contra Judith Butler poderiam ter escolhido qualquer outro tipo de símbolo, ou até mesmo não terem escolhido nenhum. Poderiam marcar presença com seus corpos reunidos em assembleia¹¹ em uma praça pública, fato que já teria sido suficiente para demonstrar o repúdio à Butler, porém, esta não foi a escolha deles. Ali naquele protesto, as/os participantes evocaram e utilizaram a imagem da bruxa para fazer referência à Judith Butler, apontando com este índice linguístico (como veremos ao longo deste texto) memórias sobre o que é ser bruxa e qual mulher deve ou não existir. Ali eles fazem referência a uma bruxa demoníaca que representa uma ameaça social tão repugnante que precisa ser queimada em uma fogueira para pagar pelo crime que cometeu. Esta memória de bruxa, portanto, está ligada a uma construção social sustentada por bases misóginas e religiosas extremamente violentas e reatualizadas nos dias modernos.

Esses manifestantes diziam que Butler era a maior idealizadora da “ideologia de gênero” e que queria destruir a família e a inocência das crianças, conforme será visto com mais detalhes no capítulo de análise. Em um artigo¹² publicado por Judith Butler em 2017 a respeito desta manifestação, ela ironiza o ato dizendo que não sabe ao certo que poder foi conferido a sua suposta palestra sobre gênero, mas que deve ter sido uma palestra muito poderosa já que ela, aparentemente, ameaçou a família, a moral cristã e até mesmo a nação.

Vemos aqui que o índice bruxa também evoca poder acima do “normal” já que é capaz de mexer com estruturas sociais profundas e normatizadas na sociedade. Isso retoma o poder das bruxas na Idade Moderna, quando foram queimadas e mortas principalmente pela sua potência e poder de impedir a ascensão do sistema social que estava em formação. É na luta antifeudal que encontramos o primeiro indício na história europeia da existência de raízes de um movimento de mulheres que se opunha à ordem estabelecida e contribuía para a construção de modelos alternativos de vida comunal. A luta contra o poder feudal produziu também as primeiras tentativas organizadas de desafiar as normas sexuais dominantes e de estabelecer

¹¹ Termo utilizado por Butler (2019) para designar uma reunião de pessoas.

¹² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acesso em: 21 nov. 2019.

relações mais igualitárias entre mulheres e homens. Combinadas à recusa do trabalho servil e das relações comerciais, estas formas conscientes de transgressão social construíram uma poderosa alternativa não só ao feudalismo, mas também à ordem capitalista que estava substituindo o feudalismo, demonstrando que outro mundo era possível (FEDERICI, 2017, p. 45).

Essas mulheres, que na Idade Moderna lutavam por uma sociedade mais justa, estavam apontando um novo caminho a ser percorrido e isso foi configurado como uma ameaça social, tendo sido elas consideradas bruxas e coligadas ao diabo, o que ajudou as pessoas a se colocarem contra elas, já que o pensamento religioso judaico-cristão na época era forte e continua sendo. Na manifestação contra Judith Butler ocorrida em 2017 vemos três questões que se assemelham a essa. Embora hoje estejamos longe da luta para um novo modo de produção econômica, as questões que envolvem a sexualidade, aparentemente, ainda se mostram como muito transgressora. O segundo ponto se trata da correlação estabelecida pelos manifestantes, entre Judith Butler, bruxas e diabo. E a terceira é a atuação massiva da religião por esses manifestantes. Todos esses pontos serão retomados para maior aprofundamento no capítulo de análise.

Nesse mesmo artigo, a estudiosa aborda o fenômeno da violência de gênero e diz que as normas de gênero impostas às mulheres e à população LGBTQI+, quando subvertidas, tem causado assassinato dessas pessoas, como apontam os dados, por exemplo, de feminicídios expostos no início desta introdução. Aponta ainda que a utilização da bruxa sendo queimada para demarcar esse espaço não a feriu fisicamente, mas o gesto simbólico de queimar a sua imagem “transmitiu uma mensagem aterrorizante e ameaçadora para todos que acreditam na igualdade das mulheres e no direito de mulheres, gays e lésbicas, pessoas trans e travestis serem protegidos contra a violência e assassinato” (BUTLER, 2017)¹³.

Os manifestantes colocam ainda a autora como sendo a grande pessoa responsável pela “ideologia de gênero”, porém não foi possível observar esse conceito em nenhuma de suas obras. A autora construiu a teoria da performatividade de gênero com o objetivo de “relaxar o domínio coercitivo das normas sobre a vida generificada – o que não é o mesmo que transcender ou abolir todas as normas – com a finalidade de viver uma vida mais vivível” (BUTLER, 2019, p. 40). A autora mostra que a performatividade de gênero é uma teoria e uma prática que tem a capacidade de expor as “condições insuportáveis nas quais as

¹³ Link do artigo disponível na nota 12.

minorias sexuais e de gênero vivem” (BUTLER, 2019, p.40) e com isso explicitar a precariedade que essa normatização binária e heterossexista de gênero induz às condições precárias de vida com as deteriorações, por exemplo das redes de apoio sociais e econômicas, que corroboram para que essas vidas fiquem mais expostas ao dano, múltiplas violências, assédios, patologização e à morte. (BUTLER, 2019). Logo, o pensamento de Butler está diretamente ligado a uma proposta ética em defesa da vida, tanto das pessoas que se enquadram com as normas tradicionais de gênero, quanto as que não se enquadram. Em suma, essa teoria defende uma forma de vida mais vivível e suportável.

Entendendo então essa problemática a respeito da construção de gênero proposta pela filósofa e articulando tais aspectos com as significações de bruxa na época da caça às bruxas, percebi que as resistências que mulheres desempenham, para a sua sobrevivência, estavam no cerne da questão tanto na Idade Moderna quanto hoje em dia. Observei, também, que existem pistas que podem nos indicar os motivos pelos quais essa memória da bruxa, que mobiliza valores, crença, discursos têm sido reatualizada em pleno século XXI. Desta forma, motivada por este percurso aqui retratado, defini os seguintes objetivos:

Objetivo geral

- Compreender a construção performativa de bruxa na manifestação contra Judith Butler que ocorreu, no dia 07 de novembro de 2017, em frente ao SESC Pompéia em São Paulo.

Objetivos específicos

- Analisar a construção performativa de bruxa mobilizada na manifestação contra Judith Butler no ano de 2017;
- Identificar as memórias sobre bruxas precipitadas ao longo da manifestação;

Deste modo, as perguntas de pesquisa que serão respondidas desta investigação são:

- i) Como ocorre a construção performativa de bruxa mobilizada na manifestação contra Judith Butler realizada em São Paulo no ano de 2017?
- ii) Que memórias sobre bruxas comparecem nos textos multimodais produzidos pelos manifestantes ao longo da manifestação citada?

Para realizar este estudo, as bases teóricas sobre as quais me debruço para discutir o objeto de pesquisa no que se refere à bruxaria na Idade Moderna são principalmente

Federici (2017), Russel e Alexander (2019) e Barstow (1995); quanto à performatividade da linguagem, utilizo Austin (1990), Butler (2018; 2019) e Melo & Moita Lopes (2013; 2015). Para um maior aprofundamento nas relações entre saber, poder e disciplina me embaso em Foucault (2000). E para os estudos da memória me embaso principalmente em Gondar (2003; 2016) e Pollak (1989). Quanto à metodologia de pesquisa, este estudo se insere na pesquisa de internet (GUTIERREZ, 2009) e o material de análise são dois textos multimodais em formato de vídeos produzidos ao longo do protesto supracitado.

Saliento ainda que não pretendo fazer uma abordagem inédita no campo da Memória Social, este trabalho pretende trazer uma contribuição para a interseção entre Memória Social e Linguagem, partindo da perspectiva da linguagem como ação e performatividade. Além disso, pode trazer contribuições para os estudos sobre violência, além de nos permitir conhecer mais as ideologias, as crenças e os valores de um grupo, cujas ideias se embasam e são apoiadas por responsáveis pelo governo do país, de cidades e estados que compactuam com discursos e memórias que tratam e relegam as vidas femininas ao segundo plano, indicando quais vidas importam neste momento crucial do país.

Dessa forma, apesar deste ser uma investigação, produzido no interior deste núcleo, não tenho a pretensão de torná-lo academicista. Em outras palavras, a presente produção tem sido pensada para espriar os muros da academia e atingir o leitor e a leitora que buscam entender os aspectos abstratos e imateriais intrínsecos a todo o tipo de violência contra as mulheres e principalmente sobre a nossa potencialidade em criar algo novo.

Neste sentido, torna-se importante apresentar a organização dessa dissertação que é dividida em quatro capítulos. Dois teóricos, um de metodologia e o outro de análise dos dados. No capítulo 1, apresentamos então, todo o percurso metodológico realizado ao longo desse trabalho de pesquisa. No capítulo 2, fizemos um breve histórico a respeito da bruxaria na Europa Moderna, buscando entender como funcionava este período histórico no sentido macrossocial, ou seja, qual era o sistema econômico da época, como as mulheres estavam inseridas neste contexto e como a Igreja exercia sua ascensão sob as práticas sociais daquele período. Aqui discutimos o significado de ser bruxa naquele momento histórico, já que a bruxaria estava vinculada as mulheres e era considerada crime para os inquisidores, com punições como a morte.

No Capítulo 3, abordamos uma concepção de linguagem e de memória. Deste modo, as visões de Austin (1990) elucidam o uso perlocucionário e performativo da linguagem. Por sua vez, este estudo está completamente relacionado à construção de memórias, e suas

repetição, ou o que Derrida (1988) nomeia de iterabilidade. Este vínculo é costurado com base nos conceitos de saber, poder e ideias de verdade em Foucault (2000). Por fim, no capítulo 4, mostramos a análise dos textos multimodais, respondendo aos objetivos desta pesquisa.

1 CAMINHOS DA PESQUISA

Neste capítulo, abordamos o percurso metodológico realizado nesta pesquisa. Para tal, iniciamos trazendo brevemente a caracterização da pesquisa. Após isso, abordamos como se deu a construção do objeto de pesquisa em meio a tantos atravessamentos políticos ocorridos desde o início do curso até a escolha da manifestação foco de análise nesta dissertação.

Em seguida apresentamos nosso material de análise, expondo os critérios de seleção desse material, bem como o percurso etnográfico percorrido. Por fim, mostramos o instrumental analítico utilizado ao longo da análise dos dados.

1.1 CARACTERIZANDO A PESQUISA

A presente pesquisa se caracteriza como interpretativista, como assim proposto por Moita Lopes (1994). Segundo o autor, ao construirmos o mundo social estamos nos utilizando da linguagem para atribuir significado às práticas sociais, além de também estarmos a todo momento as ressignificando. Nesse sentido, ele demonstra a inexistência de uma realidade simples e absoluta. O estudioso ainda traça traz um contraponto entre a pesquisa positivista e a interpretativista dizendo que a primeira, mesmo sendo utilizada dentro das Ciências Sociais, está interessada em estabelecer relações de causa e efeito, descobrir padronizações, chegar a um resultado estático e estável a respeito de algo. Enquanto a pesquisa interpretativista considera as padronizações como uma forma difusa de entrar em contato com a realidade, já que descarta exatamente o que pode ser essencial para o entendimento a respeito do mundo social. Ela é realizada, então, de forma indireta e também precisa. A pesquisa interpretativista identifica as múltiplas interpretações e as construções de significados que estão presentes em um mesmo acontecimento social.

Desta maneira, ao definir essa pesquisa como sendo interpretativista, queremos dizer que o estabelecimento de uma relação de causa e efeito entre a caça às bruxas e os tempos

de hoje não é o nosso objetivo, nem mesmo estamos trazendo os aspectos misóginos e dogmáticos que ocorriam na Europa Moderna para mostrar que eles se repetem na manifestação contra Judith Butler. Aqui, portanto, se analisa um enquadramento, na perspectiva butleriana (BUTLER, 2018), da manifestação apreendida por lentes de câmeras editada e disponibilizada no Youtube e a partir deles interpretar os textos multimodais através de marcas linguísticas e multisemiose para assim chegar às memórias sobre bruxas que estão sendo reatualizadas no momento da manifestação.

Além disso, esta investigação é de caráter etnográfico de internet (Clifford, 1997; Marcus e Fisher, 1986; Hakken, 2001 apud Dias, 2011). Isso quer dizer que utilizamos a internet como campo de pesquisa. De acordo com Polivanov (2013), uma pesquisa etnográfica é considerada complexa, porque é um campo de estudo ainda recente e que ascende após os anos 1990, mas é somente nos anos 2000 que a etnografia virtual começa a ser considerada um ambiente possível de pesquisa científica. Isso ocorre porque no mundo da web também é um local em que ocorrem relações, interações sociais e sobretudo aglutina um potencial para ser um agente de transformação (FERRAZ et. al., 2009). Uma das pioneiras nos estudos da etnografia virtual foi Cristine Hine, ao analisar as interações sociais em comunidades virtuais e a problematizar a utilização do método etnográfico nesses ambientes.

Melo e Moita Lopes (2013) nos mostram, citando Hine (2000), que neste tipo de pesquisa é possível ter uma nova perspectiva de presença, de temporalidade e de espaço, já que após o uso das redes sociais houve uma enorme mudança a nível de interações. Eles ainda apontam que esses recursos tecnológicos estão sendo capazes de mudar práticas sociais. Pela etnografia de internet se torna acessível a análise do funcionamento das práticas sociais e das interações em um contexto ainda desconhecido.

Entende-se, portanto, que uma pesquisa etnográfica de internet tem como recurso os espaços virtuais, fazendo com que o pesquisador(a) tenha uma imersão profunda neste ambiente. Deste modo, “a tela do computador deixa de ser somente um local onde se busca informação e passa a ser principalmente um lugar de construção, de disputa, de contestação de significados” (MOITA LOPES, 2010, p. 308 apud MELO e MOITA LOPES, 2013, p. 249). Segundo Gutierrez (2009), ao tratar também da etnografia ou netnografia, a define como

um processo que se desenvolve a partir da ação do pesquisador, de suas escolhas dentro do contexto pesquisado e, por isso, não tem uma estrutura rígida, pois depende do campo de pesquisa. Deste modo, parte de uma visão dialética da cultura, na qual essa se movimenta entre as estruturas sociais e as práticas sociais dos sujeitos históricos (GITIERREZ, 2009, p. 4).

Para Polivanov (2013), embasada em Rebs (2011), uma pesquisadora ao definir sua pesquisa como de cunho etnográfico de internet pode enfrentar algumas dificuldades, uma vez que o espaço em questão é um ambiente marcado pela rapidez, efemeridade, facilidade de atualização e modificações pelos usuários ou criadores das plataformas. Concordando com essa perspectiva e com o mencionado anteriormente, a pesquisa nos espaços virtuais requer repensar sobre o fazer da investigação pois a presença de participantes, pesquisadoras e a geração de dados, segue um outro espaço/tempo, transformando o pesquisar. Ao longo deste estudo foi comum, após alguns dias ou até mesmo alguns minutos em que deixamos de lidar com o material de análise, os números de acesso terem se modificado. Não conseguimos completamente aplicar essa estratégia, mas no decorrer da pesquisa podemos perceber que facilita a pesquisa se obtivermos as imagens na plataforma em um único dia, deixando-as salvas em pastas no computador, com especificação de dia, hora e minuto de recolhimento da informação. Todo o nosso percurso etnográfico feito virtualmente até o material de análise será exposto ao longo deste capítulo.

1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Para compreender o contexto da manifestação contra Judith Butler ocorrida em novembro de 2017, na cidade de São Paulo, torna-se relevante compreender o momento em que o Brasil vem passando nestes últimos anos. São acontecimentos políticos, econômicos e sociais que configuram uma fase marcada por uma forte polarização política junto a práticas e ideias tradicionais conservadoras que voltaram, ou nunca saíram totalmente, do imaginário social brasileiro. Essa polarização e conservadorismo estão presentes sobretudo nas práticas sociais cotidianas e se refletem em momentos como os da manifestação em análise.

Desde a luta pela redemocratização do país, no início da década de 1980, as ruas tinham sido ocupadas majoritariamente por grupos identificados com posições políticas de centro-esquerda e de esquerda. Contudo, “a partir de 2013 e mais acentuadamente em 2014 e 2015, os manifestantes tenderam cada vez mais a se identificar com posições políticas de centro e de direita” (PINTO, 2017, p. 119). Um exemplo disso são os variados protestos organizados por grupos como “Movimento Brasil Livre” e “Direita São Paulo”, que levaram milhões às ruas

questionando desde os valores do transporte nas grandes cidades, a corrupção até a insatisfação com a situação econômica, política e social vivida pelo país.

Para além desta nova tendência das manifestações, estamos vivendo no Brasil uma ascensão da bancada religiosa, presente no Senado e na Câmara de Deputados (tanto a nível federal e estadual como municipal). São, neste momento, apenas nos dois primeiros espaços citados 91 congressistas autodeclarados evangélicos¹⁴, além de parlamentares que se posicionam como conservadores¹⁵. Conforme entrevista de Maria Machado¹⁶, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) especialista em sociologia da religião, o número de parlamentares evangélicos apesar de ter crescido, ainda é considerado minoria, porém sua potência de ação está na articulação com outros segmentos conservadores da sociedade e seu alto nível de influência com líderes religiosos de grande ascensão em suas igrejas. Nestes lugares religiosos são compartilhadas narrativas tradicionais que pregam, por exemplo, valores como a ausência de estudo para mulheres, como observado no vídeo do bispo Edir Macedo da Igreja Universal em que diz que suas filhas estudariam apenas até o ensino médio, já que se elas tivessem ensino superior contrariariam um dos preceitos cristão de que o homem é o cabeça da família. Outra temática tabu é a construção de gênero que, segundo os conservadores, destruiria os valores da família conservadora, além disso, este conceito tradicional de família reforça a heteronormatividade, já que para esta parte da sociedade ela é composta unicamente por homens e mulheres, ignorando por completo os dados do último censo demográfico de 2010¹⁷ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Este documento aponta que, de um total de 37% de famílias chefiadas por mulheres dentro do Brasil, 87% são monoparentais, ou seja, aquelas em que mulheres são responsáveis pelos filhos e não têm cônjuge.

As eleições de 2018 contaram não apenas com o aumento deste setor conservador como também com uma nova forma de campanha, promovida por meio de inteligência artificial impulsionada nas redes sociais. Esta forma de se lidar com as mídias sociais intensificou uma já orquestrada construção de algozes do cenário político brasileiro. Segundo estudo linguístico criterioso de reportagens da revista Veja, desenvolvido por Gomes e Alencar (2019), puderam concluir que

¹⁴ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/em-crescimento-bancada-evangelica-tera-91-parlamentares-no-congresso>. Acesso em: 09 dez. 2019.

¹⁵ Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-congresso-mais-conservador-dos-ultimos-quarenta-anos/>. Acesso em: 09 dez. 2019.

¹⁶ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/02/politica/1512221378_127760.html. Acesso em: 09 dez. 2019.

¹⁷ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-15,-16,53,54,55,-17,-18,128&ind=4704>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Tais marcas se realizam sob a forma de avaliações atitudinais e de contrações de vozes proposicionais alternativas que tanto constroem identidades de membros do governo de Lula e Dilma de maneira desprestigiada, quanto ainda as comprometem moral e juridicamente para a audiência, ao propor que seus governos são assolados por escândalos e esquemas desonestos e criminosos. Este antagonismo presente na voz dos jornalistas de *Veja* foi um ponto importante para argumentar que, primeiro, seu uso da linguagem não é informativo e que, segundo, suas proposições põem em xeque, contraexpectativamente, a própria legitimidade não só das identidades dos atores sociais em questão, mas também da alternativa política e ideológica que elas representam para o mundo social. Assim, percebemos que a corrupção é avaliada em termos políticos, de tal modo que a impugnação e desaprovação dos atores políticos tornam-se apenas a consequência natural e legítima dela, tudo isso graças à forma como a corrupção é representada nos textos midiáticos. (GOMES e ALENCAR, 2019, p. 108)

Desta forma, podemos dizer que a mídia contribuiu para a construção dessas figuras (PT, Lula e Dilma), como as grandes responsáveis pela corrupção do País, fator esse que tem seus desdobramentos até os dias atuais. Somado a isso, temos uma atuação massiva das redes sociais e um processo de mitificação de Bolsonaro (JUNIOR e BIANCO, 2019) que constrói a imagem desse personagem como sendo um grande herói salvador do Brasil.

Retomando o ano da manifestação contra Judith Butler, 2017 estava recheado de polarizações políticas: de um lado, observamos o ódio ao PT; de outro, o fanatismo cego por Jair Bolsonaro. Todo esse clima de aversão ao PT e idolatria à Jair Bolsonaro se reverberaram nas ruas, na web, resultando em rompimentos familiares e desentendimentos entre desconhecidos como o assassinato de Romualdo Rosário da Costa¹⁸, de 63 anos, esfaqueado doze vezes, após declarar seu voto ao PT e feito críticas ao atual presidente, oriundo do PSL.

Neste contexto complexo e polarizado, ocorre o evento em São Paulo com a presença da pesquisadora Judith Butler. Ela é uma filósofa americana, estudiosa de gênero, sexualidade, teorias *queer*, ética, violência, feminismo, discurso político, performatividade, dentre outros. Algumas de suas principais obras publicadas no Brasil são: *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2018); *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* (2018); *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética* (2017); *Corpos em aliança e política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembléia* (2019). Atualmente, é professora na Universidade da Califórnia em Berkeley e está vinculada ao Departamento de Literatura Comparada.

Mas como ocorreu o evento? A pesquisadora foi contemplada com uma bolsa da Fundação Andrew Mellon para desenvolver um Consórcio Internacional de Programas de

¹⁸ Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/politica/2018/10/apos-declarar-voto-em-pt-homem-e-assassinado-por-eleitor-de-bolsonaro-1014151478.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

Teoria Crítica¹⁹, o que possibilitou a parceria com algumas universidades, sendo uma delas a Universidade de São Paulo (USP). Como parte dessa parceria, foi então organizado pela USP, em colaboração com a Universidade da Califórnia em Berkeley, o *Seminário Internacional Os fins da Democracia*. O evento ocorreu no SESC Pompéia e contou com o apoio financeiro da Universidade da Califórnia (consórcio financiado pela Fundação Andrew Mellon). As palestras ocorreram entre os dias 7 e 9 de novembro de 2017, no teatro do SESC Pompéia²⁰ em São Paulo. Esse seminário tinha como principal objetivo “confrontar analiticamente as reações contemporâneas locais ao enfraquecimento do campo potencial de consenso em democracias liberais”²¹.

Judith Butler, por ser uma das professoras responsáveis pelo desenvolvimento deste projeto, compunha a mesa de abertura do evento ao lado de Natalia Brizuela, professora assistente no departamento de Espanhol e Português da Universidade Berkeley (UC Berkeley) e Vladimir Safatle, professor titular da cadeira de Teoria das Ciências Humanas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Essa mesa ocorreu às 10h do dia 07 de novembro de 2017. A filósofa abordou os desafios contemporâneos em lidar com a democracia que se encontrava a cada dia mais atravessada pela ascensão do conservadorismo também no Brasil²². A vinda da estudiosa ao Brasil teve efeitos diversos e os grupos conservadores organizaram, por exemplo, boicotes ao Sesc, abaixo-assinados para impedir a participação da estudiosa, considerada uma bruxa poderosa cujos estudos abalariam as famílias conservadoras brasileiras. A seguir, vemos uma petição²³, replicada nas redes sociais, solicitando o cancelamento do evento:

¹⁹ Disponível em: <https://vcresearch.berkeley.edu/faculty/judith-butler/>. Acesso em: 10 set. 2019.

²⁰ Material postado pelo SESC Pompéia no dia 26 set. 2017 divulgando o Seminário em questão. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/11395_SESC+POMPEIA+RECEBE+O+SEMINARIO+INTERNACIONAL+OS+FINS+DA+DEMOCRACIA. Acesso em: 10 set. 2019.

²¹ A programação do evento pode ser encontrada neste link: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/4a5b867f/8285/452a/96da/f3a0a9950bd1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

²² Informação retirada em matéria disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/07/politica/1510085652_717856.html. Acesso em 10 set. 2019.

²³ Disponível em: <https://www.citizenngo.org/pt-br/fm/108060-cancelamento-da-palestra-judith-butler-no-sesc-pompeia>. Acesso em: 21 nov. 2019.

Figura 1: primeiro PrtSc da petição.

Português-Brasil

PÁGINA INICIAL CONHEÇA-NOS CAMPANHAS SALA DE IMPRENSA DOAR MEMBRO

PETIÇÃO DIRIGIDA AO SESC POMPEIA

CANCELAMENTO DA PALESTRA DE JUDITH BUTLER NO SESC POMPEIA

0 500.000

373.345 pessoas já assinaram esta petição. Ajude-nos a conseguir 500.000 assinaturas.

ASSINE ESTA PETIÇÃO AGORA!

Nome * Sobrenome *

Email *

Brasil CEP

ASSINE

Ao assinar você aceita os [termos de uso](#) da CitizenGO e sua política de [privacidade](#), e aceita receber mensagens de e-mail sobre nossas campanhas. Você pode cancelar seu cadastro na lista a qualquer momento.

Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Figura 2: segundo PrtSc da petição.

By CitizenGO · 26 Out 2017

Bernardo Pires Küster alertou que Judith Butler, idealizadora e uma das principais promotoras da ideologia de gênero, virá ao Brasil entre os dias 7 e 9 de novembro para participar do Simpósio Internacional "Os Fins da Democracia".

Ela propõe a desconstrução da identidade humana por meio da desconstrução da sexualidade. Segundo ela, "homem e masculino podem facilmente significar tanto um corpo feminino como um corpo masculino, e mulher e feminino podem significar tanto um corpo masculino como um corpo feminino". Porém, ela não se satisfaz em constatar isso. Por meio daquilo que chama de *performance*, propõe que as pessoas vivenciem todo tipo de experiência sexual.

Temos visto nos últimos alguns exemplos graves da aplicação da ideologia de gênero em nossas escolas (recentemente, numa escola tradicional de São Paulo uma das turmas deve de apresentar um trabalho para explicar os mais de trinta gêneros existentes, seja lá o que isso queira dizer).

Não podemos permitir que a promotora dessa ideologia nefasta promova em nosso país suas ideias absurdas, que têm por objetivo acelerar o processo de corrupção e fragmentação da sociedade.

Assine a campanha para enviar seu e-mail ao Sesc Pompeia e pedir o cancelamento das palestras de Butler.

Cancelamento da palestra de Judith Butler

Judith Butler não é bem-vinda no Brasil! Nossa nação negou a ideologia de gênero no Plano Nacional de Educação e nos Planos Municipais de Educação de quase todos os municípios. Não queremos uma ideologia que mascara um objetivo político marxista. Seus livros querem nos fazer crer que a identidade é variável e fruto da cultura. A ciência e, acima de tudo, a realidade nos mostram o contrário.

Sua presença em nosso país num simpósio comunista, pago com o dinheiro de uma fundação internacional, não é desejada pela esmagadora maioria da população nacional.

Zelamos pelas nossas crianças e pelo futuro do nosso Brasil. #ForaButler

Atenciosamente,
[Seu nome]

Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Vale salientar que, concomitantemente às ações conservadoras contra o evento, ocorriam ações em apoio ao mesmo, como pode ser visto, por exemplo, no Facebook do próprio Sesc²⁴. O momento da manifestação ocorrida do lado de fora do evento é nosso objeto de estudo para compreender a construção performativa da bruxa e as memórias mobilizadas ao longo do protesto.

²⁴ Para mais informações, acesse: <https://www.facebook.com/sescpompeia/posts/1708692802508470/>.

1.3 MATERIAL DE ANÁLISE E PERCURSO ETNOGRÁFICO DA PESQUISA

Apresentado o contexto da manifestação supracitada, centramo-nos nesta seção, nos materiais de análise. Ao longo da manifestação contra Judith Butler foram produzidos uma gama de textos que circularam nas redes sociais. Nesta pesquisa, interessava-nos, contudo, textos que tratassem o momento da manifestação em si, devido a toda polarização em torno do evento. Desta forma, o material de análise é composto por dois textos multimodais em formato de vídeo publicados na plataforma Youtube. O Youtube, oficialmente, nasceu em 14 de fevereiro de 2005, quando três homens (Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim) registraram o domínio “youtube.com”²⁵. Isso quer dizer que a plataforma é recente e neste pouco tempo oferece uma nova maneira de nos comunicarmos por imagem e som. A plataforma é hoje um dos sites de busca mais acessados no mundo²⁶, perdendo somente para o Google. Ao longo deste pouco tempo, o sistema de vídeo e de algoritmos expandiu e se modificou, tanto em qualidade quanto em forma de divulgação.

Esse sistema é o responsável por entender quais vídeos têm qualidade, dentro do padrão Youtube, para serem recomendados ao público; em outras palavras, é através desse sistema de algoritmos que os vídeos são ranqueados na plataforma permitindo com que mais pessoas possam acessá-los. A avaliação é realizada através das métricas estabelecidas pelo tempo de sessão e retenção do público, ou seja, tempo de permanência do usuário assistindo a vídeos; as ações desse usuário após assisti-lo; o tempo de permanência na plataforma; e a frequência/consistência do canal na publicação de vídeos. Vale dizer que além dos aspectos mencionados, a taxa de engajamento (*likes*, *deslikes* e comentários) também são essenciais para um bom ranqueamento.

Conforme fica expresso em um dos critérios de seleção do material de análise, ao me debruçar sob os textos multimodais, o intuito era observar e entender os textos que os próprios manifestantes estavam enunciando, textos esses escritos em placas, falados, gesticulados e até mesmo o próprio enquadramento gravado e publicado nas redes sociais, já que também fazem parte da manifestação. Butler (2019) nos ajuda a entender como esses corpos

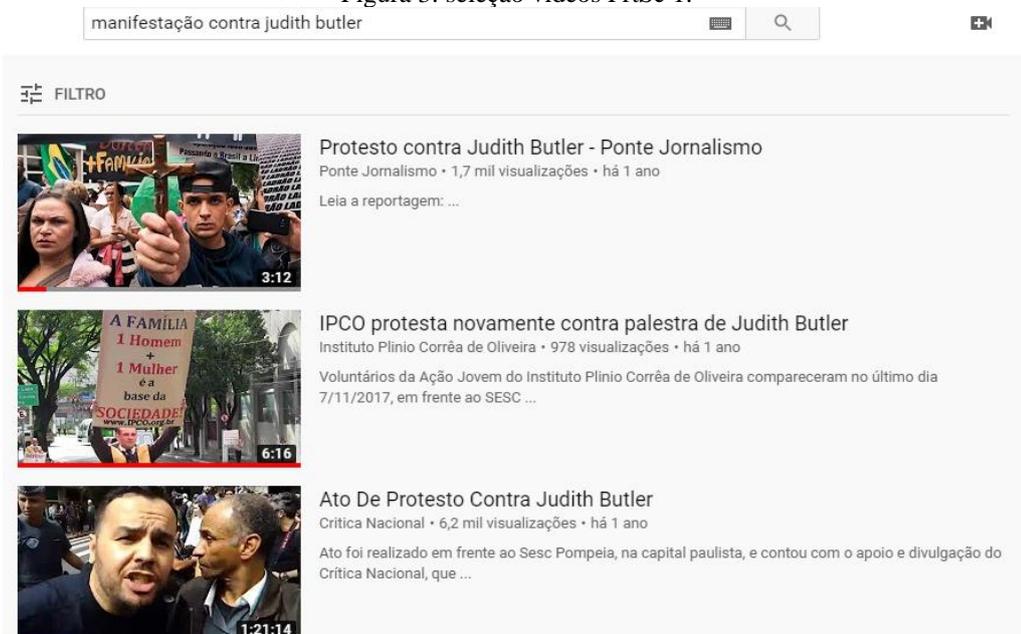
²⁵ Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/youtube/118500-historia-youtube-maior-plataforma-videos-do-mundo-video.htm> Acesso em: 03 dez. 2019.

²⁶ Disponível em: <https://www.alexa.com/topsites>. Acesso em: 03 dez. 2019.

reunidos em assembleia são performativos, no sentido de que, quando corpos estão reunidos em uma praça pública, ainda que permaneçam em silêncio, demonstram sua existência.

Como mencionado anteriormente, essa investigação é considerada de caráter etnográfico de internet que se materializa no percurso metodológico traçado aqui. Após a definição pelo tema ‘definitivo’ deste estudo e ciente do funcionamento da plataforma Youtube sobre o ranqueamento dos vídeos, na tarde do dia 12 de agosto de 2019, iniciei uma busca na plataforma, aplicando os filtros de “vídeo” e “relevância”, com os termos “manifestação contra Judith Butler”. A plataforma não mostra o quantitativo de vídeos encontrados na busca e sim apresenta os vídeos como é possível ver a seguir:

Figura 3: seleção vídeos PrtSc 1.



manifestação contra judith butler

FILTRO

Protesto contra Judith Butler - Ponte Jornalismo
 Ponte Jornalismo • 1,7 mil visualizações • há 1 ano
 Leia a reportagem: ...

IPCO protesta novamente contra palestra de Judith Butler
 Instituto Plínio Corrêa de Oliveira • 978 visualizações • há 1 ano
 Voluntários da Ação Jovem do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira compareceram no último dia 7/11/2017, em frente ao SESC ...

Ato De Protesto Contra Judith Butler
 Crítica Nacional • 6,2 mil visualizações • há 1 ano
 Ato foi realizado em frente ao Sesc Pompeia, na capital paulista, e contou com o apoio e divulgação do Crítica Nacional, que ...

Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Figura 4: seleção vídeos PrtSc 2.



Protestos a favor e contra a filósofa Judith Butler em São Paulo
 afpbr • 2,9 mil visualizações • há 1 ano
 A vinda da filósofa americana Judith Butler a São Paulo provocou manifestações a favor e contra sua presença no SESC ...

Manifestação de ataques contra Judith Butler e contra a (sic) ideologia de gênero
 Rodrigo Alves Barreto • 121 visualizações • há 1 ano
 Dia 07 de novembro de 2017, durante uma passagem da filósofa Judith Butler, em seminário “Os Fins da Democracia ocorrido no ...

no ato contra a judith butler e contra a ideologia de gênero #forabutler
 Matheus Galdino • 118 visualizações • há 1 ano
 a ideóloga da ideologia de gênero, a Judith Butler veio ao brasil bancada com dinheiro público para fazer uma palestra no Sesc ...

Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Figura 5: seleção vídeos PrtSc 3.



Judith Butler no Sesc Pompeia
Pavio • 265 visualizações • há 1 ano
[08/11/2017] Na última terça-feira (7), a filósofa americana Judith Butler esteve em São Paulo para participar do seminário ...

Protesto contra Judith Butler e a Ideologia de Gênero| BioEGrafia #10
Canal Despaginando • 574 visualizações • há 1 ano
Conhecida como a criadora da Ideologia de gênero, Judith Butler vem ao Sesc diante de protestos dos militantes da direita ...

Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Figura 6: seleção vídeos PrtSc 4.



Grupos protestam a favor e contra palestra da americana Judith Butler
Morning Show • 3,9 mil visualizações • há 1 ano
JovemPan #MorningShow.

Manifestações contra e a favor de Judith Butler
EL PAIS • 2,3 mil visualizações • há 1 ano

Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

O primeiro critério para a seleção dos vídeos foram os filtros aplicados e o ranqueamento do próprio Youtube. Assim, foram selecionados os dez primeiros textos multimodais (vídeos) para essa primeira fase. Após assistir cada um deles, percebemos que nem todos os vídeos mostravam a manifestação em si, alguns tratavam de entrevistas e de falas de terceiros a respeito das reivindicações. Como o foco era o próprio protesto, para esta segunda fase, selecionamos 6 vídeos:

Figura 7: primeira seleção.

manifestação contra judith butler

FILTRO



Protesto contra Judith Butler - Ponte Jornalismo
 Ponte Jornalismo • 1,7 mil visualizações • há 1 ano
 Leia a reportagem: ...



IPCO protesta novamente contra palestra de Judith Butler
 Instituto Plínio Corrêa de Oliveira • 978 visualizações • há 1 ano
 Voluntários da Ação Jovem do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira compareceram no último dia 7/11/2017, em frente ao SESC ...



Ato De Protesto Contra Judith Butler
 Crítica Nacional • 6,2 mil visualizações • há 1 ano
 Ato foi realizado em frente ao Sesc Pompeia, na capital paulista, e contou com o apoio e divulgação do Crítica Nacional, que ...

Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Figura 8: primeira seleção 2.



Manifestação de ataques contra Judith Butler e contra a (sic) ideologia de gênero
 Rodrigo Alves Barreto • 121 visualizações • há 1 ano
 Dia 07 de novembro de 2017, durante uma passagem da filósofa Judith Butler, em seminário "Os Fins da Democracia ocorrido no ...



no ato contra a judith butler e contra a ideologia de gênero #forabutler
 Matheus Galdino • 118 visualizações • há 1 ano
 a ideóloga da ideologia de gênero, a Judith Butler veio ao brasil bancada com dinheiro público para fazer uma palestra no Sesc ...

Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Figura 9: primeira seleção 3.

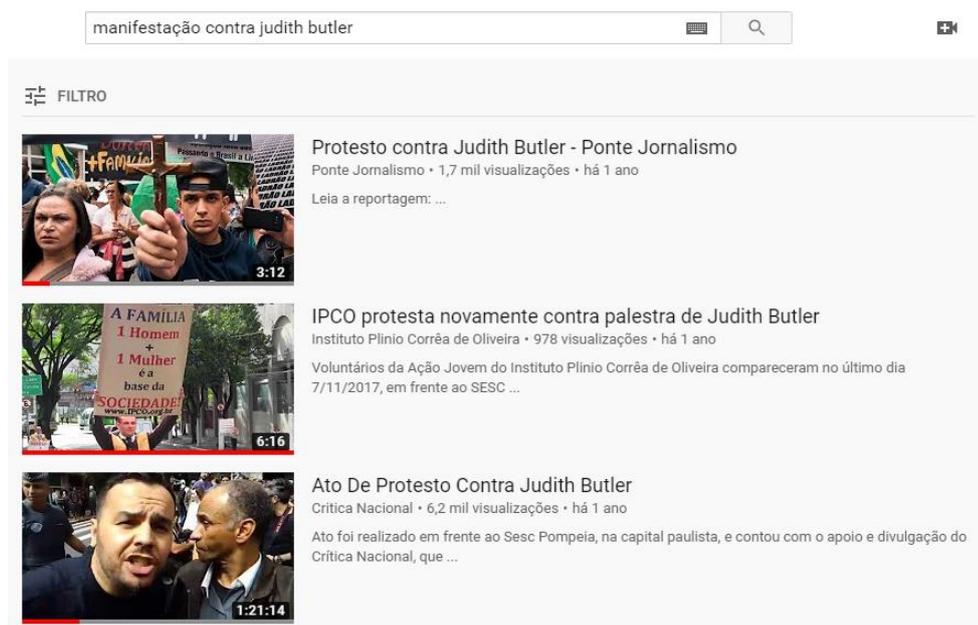


Judith Butler no Sesc Pompeia
 Pavio • 265 visualizações • há 1 ano
 [08/11/2017] Na última terça-feira (7), a filósofa americana Judith Butler esteve em São Paulo para participar do seminário ...

Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Destes, optamos por aqueles que foram produzidos e publicados por canais não pertencentes a pessoas físicas e sim instituições, segundo critério, pois esses canais sinalizariam posicionamentos políticos e ideológicos compartilhados por grupos específicos. Com este critério definido, retiramos o quinto e o sexto vídeos, chegando, assim, a quatro vídeos:

Figura 10: segunda seleção 1.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Figura 11: segunda seleção 2.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Outro critério de seleção, o penúltimo deles, foi a qualidade tanto da imagem quanto do som, visto que tais aspectos poderiam comprometer a análise aqui em curso. Desta forma, o vídeo postado pelo canal Crítica Nacional foi eliminado, porque apresentava problemas técnicos dificultando a compreensão da articulação verbal oral captada em vídeo. Após a aplicação dos critérios citados, temos três vídeos dos canais Ponte Jornalismo, IPCO e Pavio. Assim, ao assistir novamente os vídeos, percebemos que dois deles mostravam indícios de serem favoráveis ao evento e à presença de Judith Butler, e um deles se colocava em oposição tanto ao evento quanto à presença da estudiosa. Decidimos, então, analisar dois textos multimodais, um contrário ao evento e à Judith Butler e outro favorável ao Seminário previamente citado.

Depois de assistir aos dois textos multimodais em formato de vídeo do canal Ponte Jornalismo e Pavio, percebemos que o do segundo canal disponibilizava trechos mais explícitos da manifestação, incluindo a queima da boneca bruxa com o rosto da autora. Este foi o aspecto definitivo para que pudéssemos selecionar o vídeo produzido e veiculado pelo canal

Pavio como o nosso segundo material de análise. Neste sentido, o último critério estava relacionado ao tempo em que a manifestação era foco do vídeo e a presença da bruxa materializado ao longo do protesto.

Assim, o primeiro texto multimodal em formato de vídeo, intitulado “IPCO protesta novamente contra palestra de Judith Butler”²⁷, foi postado no dia 10 de novembro de 2017, tem duração de 6m 15s, contabilizando até o momento 1.038 visualizações, 106 likes, 4 deslikes e 11 comentários, conforme a imagem abaixo, adquirida no dia 29 de novembro de 2019 às 14h 54min.

Figura 12: texto multimodal IPCO.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

A página inicial do Canal pode ser observada a seguir e uma análise detalhada da mesma será realizada no capítulo 04:

Figura 13: parte da tela do canal IPCO no YouTube.



²⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2VguTc0B1e0>. Acesso em: 11 set. 2019.

Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Figura 14: descrição do canal Instituto Plínio Corrêa de Oliveira.

Descrição

O Instituto Plínio Corrêa de Oliveira é uma associação de direito privado, pessoa jurídica de fins não econômicos, de inspiração católica.

O IPCO foi fundado em 8 de dezembro de 2006 por um grupo de discípulos do saudoso líder católico brasileiro, por iniciativa do Eng^o Adolpho Lindenberg, seu primo-irmão e um de seus primeiros seguidores, o qual assumiu a presidência da entidade.

Nosso principal objetivo é promover a mobilização da sociedade civil, com vistas a preservar os pilares básicos da Civilização Cristã ameaçados pela Revolução anti-cristã.

Em defesa da Família Tradicional; Da vida humana inocente; Da Propriedade Privada e da Livre Iniciativa!

Descrição completa em: <http://ipco.org.br/ipco/quem-somos>

Estatísticas

Inscreevou-se em 10 de jan de 2014

1.354.034 visualizações

FEATURED CHANNELS

- TheAmericanTFP INSCREVER-SE
- TFP Student Action INSCREVER-SE
- PiotrSkargaTV INSCREVER-SE
- MontfortAcademy INSCREVER-SE
- Edson Oliveira INSCREVER-SE

Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Já o segundo texto multimodal em formato de vídeo promovido pelo canal PAVIO, intitulado “Judith Butler no SESC Pompéia”²⁸, foi postado no dia 16 de janeiro de 2018, com duração de 4m 21s, contabilizando 318 visualizações, 7 likes, 3 deslikes e 1 comentário, conforme a imagem abaixo, adquirida no dia 29 de novembro de 2019 às 15h 26min:

Figura 15: página de início do canal PAVIO.

Pavio
829 inscritos

INSCREVER-SE 829

INÍCIO VÍDEOS PLAYLISTS CANAIS DISCUSSÃO SOBRE

O que é a Pavio?
488 visualizações • 2 anos atrás

A Pavio é uma agência de videoreportagem autônoma focada em pautas sobre violações de direitos e mobilizações sociais. Contamos as histórias pela perspectiva de quem está no centro dos fatos. Saiba mais em <https://pavio.org/quem-somos/>

Imagens: Equipe Pavio
Edição: Rica Saito
LEIA MAIS

Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Um aprofundamento maior a respeito do que é esse canal será feito no capítulo 4. No entanto, nesse momento é necessário dizer sobre os números de visualizações e engajamento dos vídeos, que se colocados em comparação, se faz notória a diferenciação, sendo o do canal IPCO aquele que conseguiu uma maior quantidade de likes e visualizações. Essa

²⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_t-t32YmMIA. Acesso em: 11 set. 2019.

diferença nos números entendemos que ocorreu por dois motivos: o primeiro corresponde ao momento de postagem e o segundo aos números de inscritos e data de criação dos canais.

Como já vimos aqui, a palestra ocorreu no dia 07 de novembro de 2017 e o canal IPCO publicou o seu material três dias depois do ocorrido, logo, a tendência é que o assunto ainda estivesse sendo amplamente procurado na plataforma, sendo mais fácil para um público maior ter acesso ao texto multimodal promovido pelo canal IPCO. Já o texto do canal PAVIO, que por sua vez nem tinha sido publicado ainda, apresenta uma baixa quantidade de visualizações e engajamento, o que não significa que ele seja irrelevante, pois se assim o fosse, não se encontraria entre os 10 primeiros vídeos mais relevantes no momento da pesquisa.

Dois outros pontos são importantes no que tange aos números dos canais. O canal IPCO foi criado no dia 10 de janeiro de 2014 e possui até o momento 74,1 mil inscritos. Já o canal PAVIO foi criado em 30 de junho de 2017 possuindo 1,87 mil inscritos. Esta informação sobre a quantidade de público foi acessada no dia 11 de dezembro de 2019 às 11h 38min, sendo possível que com o passar do tempo ocorram mudanças nesses índices numéricos. Porém, o importante para nós é alertar para o fato de que o primeiro canal existe na plataforma três anos a mais que o segundo, sendo este um tempo considerável para o acúmulo de inscritos e taxas que são consideradas pelo sistema do Youtube. Para a plataforma, as formas que temos de ação e comunicação com o produtor do conteúdo são pelo *like*, *deslike*, comentário e compartilhamento²⁹.

Vale ressaltar que os vídeos foram acessados diversas vezes ao longo da pesquisa, tendo como data inicial o dia 12 de agosto de 2019, data da busca e aplicação dos critérios citados para a geração dos dados, e finalização no dia 29 de fevereiro de 2020. Neste período, os vídeos foram acessados para análise e foram observadas mudanças nos números de *likes*, alguns comentários foram anexados e outros apagados, sinalizando a complexidade de gerar dados na web. Apesar de observar alterações nos comentários, eles não fazem parte dos dados desta investigação. Ao longo deste período de etnografia, não foram realizadas alterações nos vídeos em análise, ou seja, não foram inseridas novas edições do mesmo vídeo em outros momentos.

²⁹ O Youtube não disponibiliza publicamente a quantidade de compartilhamentos que foram feitos de um conteúdo, por este motivo os compartilhamentos não podem entrar como dados nesta pesquisa ainda que seja uma forma importante de interação entre o público e o produtor.

1.4 INSTRUMENTAL METODOLÓGICO ANALÍTICO

Para compreendermos as construções performativas da bruxa e também as memórias mobilizadas ao longo dessa construção, nos embasamos nos conceitos de entextualização (BAUMAN e BRIGGS, 1990 apud MELO e MOITA LOPES, 2015) e indexicalidade (OCHS, 1992; BLOMMAERT, 2006; ROCHA, 2013 apud MELO e FERREIRA, 2017).

A explicação a respeito do que estamos aqui chamando de performance, performativo e performatividade se encontra no capítulo 3 deste trabalho, por ora, podemos dizer que quando falamos, estamos também agindo pela linguagem, ou seja, realizado uma ação. E estas ações geram efeitos que trazem à tona aspectos ideológicos, crenças, valores, narrativas, convenções sociais, memórias, que fizeram parte de outros contextos. Logo, o fenômeno da indexicalidade é justamente esse laço que é capaz de precipitar traços do translocal para o local (MELO e FERREIRA, 2017).

O ato de colocar um discurso de um determinado tempo e espaço em outro contexto é o que chamamos de entextualização. O fenômeno que nos faz entender para onde esses discursos apontam é chamado de indexicalidade. E a forma pela qual podemos identificar tanto o fenômeno da indexicalidade quanto a própria capacidade de entextualização, é através das pistas que esses discursos deixam, que serão aqui chamadas de índices linguísticos ou pistas indexicais.

Deste modo, Bauman e Briggs (1990) a fim de explicarem melhor o que é a entextualização nos dizem que “ela é a capacidade reflexiva do discurso de ser compartilhado em diferentes sistemas de significação e o enquadramento do texto que carrega suas marcas para outros espaços” (BAUMAN e BRIGGS, 1990 apud MELO e MOITA LOPES, 2015, p. 61). Contudo, essas significações se descontextualizam e se recontextualizam das mais variadas formas, o que possibilita também novas construções de sentidos porque

a cada entextualização os textos deixam um pouco de si e se apropriam das marcas do contexto em que são recontextualizados. Em outras palavras, ao longo da trajetória os textos dialogam entre si, mobilizam novos sentidos e precipitam significados outros – há uma transformação desses textos, ou seja, uma atualização dos mesmos (MELO, 2019, p. 234).

Neste sentido, os textos multimodais em investigação são ações realizadas ao longo da manifestação por grupos distintos. Nessas ações são entextualizados discursos ou atos

de fala que apontam para determinadas memórias sobre bruxas. E conseguimos identificar essa mobilização de sentidos através das pistas indexicais que os manifestantes nos deixam.

Neste processo de entextualização, emergem ou são mobilizados determinados sentidos, crenças, valores, discursos e memórias sobre determinado assunto, no caso desta investigação, sobre as bruxas na manifestação. Este fenômeno que aponta para as memórias é conhecido como indexicalidade. Ele é entendido como a dimensão do significado em que é possível perceber as características textuais que sinalizam (indexam) outros significados recuperáveis contextualmente (BLOMMAERT e MALY, 2014, apud GUIMARÃES e MOITA LOPES, 2017).

Para identificar como ocorre a entextualização da bruxa recorreremos aos índices linguísticos³⁰ (SILVERSTEIN, 2003), ou seja, as marcas linguísticas que constroem os textos. Além disso, como os dados estão em vídeos, há imagens, cores, gestos e para analisá-los nos embasamos na perspectiva de análise semiótica sugerida por (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006 apud MELO e FERREIRA, 2017). Os autores tratam de como recursos semióticos podem ser analisados, considerando planos, posicionamento da imagem, profundidade, entre outros. Para este estudo, focamo-nos nas cores e nos posicionamentos de placas, cartazes, e demais objetos no vídeo; em outras palavras, nos planos que compõem as imagens para compreendermos a construção da bruxa e as memórias de gênero observadas nessa construção. Para compreendermos com mais profundidade o que estamos chamando neste trabalho de bruxa, no capítulo seguinte, apresentamos em detalhes o contexto da caça às bruxas e satanização das mulheres.

³⁰ Ao longo do trabalho o termo *pistas indexicais* será empregado como sinônimo de índices linguísticos.

2 CAÇA ÀS BRUXAS, SATANIZAÇÃO DA MULHER NA IDADE MODERNA, LINGUAGEM E MEMÓRIA

Este capítulo tem como objetivo abordar um episódio da história que culminou no assassinato de centenas de milhares de mulheres, ocorrido durante os séculos XVI e XVII, conhecido como a grande caça às bruxas da Europa Moderna. Em primeiro lugar, com o intuito de entender a construção de explicações mitológicas e místicas para dar conta da realidade, apresentaremos um breve histórico de como essa forma de explicação galgada em mitos se deu desde os primórdios da sociedade. Concomitante a essas explicações, o cristianismo se formou e se cristalizou construindo conceitos e práticas também baseado neste aspecto místico e mítico, no entanto, sustentado por uma instituição suficientemente capaz de exercer o poder autoritariamente.

A fim de entender melhor como se deu esse episódio galgado em misoginia, nos dedicamos mais demoradamente nos aspectos gerais da caça às bruxas na Europa Moderna, buscando retratar a perspectiva econômica, social e política do período para que esse contexto fosse compreendido. Nesse sentido, abordamos essas questões dando ênfase à vida das mulheres e principalmente ao efeito dessa conjuntura em suas vidas. Por fim, apresentamos a concepção de linguagem e memória que embasam este capítulo.

2.1 EXPLICAÇÕES MITOLÓGICAS E SUA RELAÇÃO COM O CRISTIANISMO

Terra redonda, gravidade, fecundação, existência de outros astros. Imaginem um mundo em que nenhuma dessas questões – que para nós hoje estão no senso comum – sequer fossem cogitadas. Um local onde ficássemos completamente entregues ao clima e às doenças que se alastravam, principalmente pela falta de conhecimentos básicos a respeito de higiene pessoal e saneamento. Segundo Armstrong (2005), o mito é uma das formas de responder a essas dificuldades humanas, ajudando também a superar o fluxo caótico de eventos aleatórios e, até mesmo, auxiliar as pessoas a encontrarem sentido em suas vidas. O mito trata basicamente

do desconhecido, com o intuito de explicar algo que as palavras não são capazes de alcançar; Karen Armstrong ainda aponta que o mito é mais do que uma história que nos é contada, ele nos mostra um padrão de comportamento desejado e traz, com isso, uma informação sobre uma peculiaridade do ser humano, que é a imaginação. De acordo com Armstrong (), esta faculdade da imaginação é o que produz tanto a religião quanto a mitologia e que talvez o cristianismo tenha sido o maior mito já criado até agora.

Hoje, quando dizemos a palavra “mito”, é capaz que façamos a ligação direta a algo que não seja verdadeiro. Porém, o que dá veracidade a um mito não é a comprovação por dados factuais, mas sim a eficácia que esse mito proporcionou ou proporciona (ARMSTRONG, 2005). Vejamos um exemplo: Jesus Cristo por mais que tenha existido, e disso não discordamos, foi colocado em um lugar de extrema bondade em um nível inalcançável, o que inclusive nos força a imaginar algo para além de nossa experiência. Junto disso, foram inventados rituais, ou seja, práticas foram incorporadas de forma maciça a fim de reiterar a importância dessa figura. Esse homem serviu, e serve até hoje, principalmente para cristãos, como um exemplo a ser seguido, ou seja, como um padrão de comportamento ideal e/ou desejado; ainda que, contraditoriamente, não seja possível nos igualarmos a ele. Todas essas características são, para a autora, peculiares ao que se pode designar de mito.

É a partir dessa perspectiva que Armstrong (2005) em seu livro *Breve história do mito*, sem se aprofundar nos períodos históricos, nos propicia o entendimento do que era considerado mito ou como a humanidade se relacionava com essa criação ao longo de cada período da história conhecida da humanidade. A autora nos diz que desde o período paleolítico, em que o humano ainda não tinha conhecimentos sobre agricultura, sobrevivendo exclusivamente pela caça, a mitologia já era um fator presente para explicar minimamente o inexplicável. Essa era a forma que encontravam de atribuir sentido às experiências, embora não soubessem que faziam isso através do que nomeamos hoje de mitologia. A teologia, tal qual conhecemos hoje, não era utilizada para tais explicações, sendo somente com o início dos conhecimentos sobre agricultura, no período Neolítico (10 mil anos antes da atualidade), que tais ligações começaram a ser realizadas. No entanto, o sacramental era atribuído ao plantio e a colheita, começando a serem feitas algumas reverências religiosas e a construção de ideias a respeito de vida e morte.

Posteriormente, com as primeiras civilizações, por volta de 4000 a.C., já com as criações das primeiras cidades e do desenvolvimento da escrita, os deuses não eram remotos e distantes como nos períodos anteriores. Nesse momento eles estavam inclusive no cerne das

explicações para enchentes e a própria criação das cidades. Já na Era Axial, por volta do século VIII a.C., foi um período que “se revelou fundamental para o desenvolvimento espiritual da humanidade (...) ele marca o início da religião como a conhecemos hoje” (ARMSTRONG, 2005, p. 69).

A existência de um Deus único foi criada e gerou grande polêmica no período Axial. Porém o que se instaura é o judaísmo. A autora aponta, no período pós-Axial (200 a.C. – 1500 d.C.), para a questão de que o judaísmo inspirou outros mitos e um deles é o cristianismo. Segundo ela, São Paulo transforma Jesus em uma figura mística. Assim, a medida em que o evento no qual Jesus foi crucificado se transforma em um símbolo que é utilizado em diversos momentos, por pessoas diferentes e em épocas diferentes, há inteira contribuição para o fortalecimento desse mito. Aquele evento, ainda que só tenha ocorrido uma única vez, permanece acontecendo a todo o tempo, seja no Vaticano, em cada igreja do interior dos Estados ou mesmo no crucifixo erguido por um dos manifestantes, como será exposto no capítulo 4. Armstrong (2005) relembra que um mito é um evento que ocorreu uma única vez, mas que também ocorre o tempo inteiro e que, para se tornar uma realidade viva, precisa ser transformado através de rituais introduzidos na vida das pessoas, o que, tratando-se de religião e do mito do cristianismo, ocorre a cada missa realizada em toda parte do mundo.

Daqui podemos tirar duas questões que se mostram como fundamentais para o desenvolvimento do nosso pensamento com este trabalho: a primeira está na criação – através da linguagem seja ela oral, escrita ou ritualística através de performances – das bases religiosas necessárias que preparam o terreno para a igreja (é fundamental entender que essas bases estão sendo cristalizadas desde antes mesmo de Jesus nascer). Os argumentos que os inquisidores utilizam, evocando falas como as de São Paulo, Santo Agostinho, Sócrates, Platão, Aristóteles e tantos outros, estão embasados em mitos, fundamentados pela imaginação. Logo, não é de se espantar que os inquisidores, embebidos por essa fábula imagética construída com séculos de delírio, também acionem esses mesmos mecanismos mitológicos e místicos para justificar o que lhes convinham na época, que era erradicar quem lhes desmentissem ou quem provocasse algum tipo de ameaça ao status que a Igreja assumia na sociedade, questão que será melhor desenvolvida ao longo deste capítulo. A segunda questão é justamente a transformação de um mito em uma prática.

Os inquisidores, baseados em interesses muito específicos, manipulam a linguagem de tal forma que criam, sob explicações místicas e mitológicas, leis, normas e proibições que fundamentam a satanização de mulheres e um terror ao redor do que eles

denominaram bruxa. O uso da linguagem, os processos de construção de verdades e naturalização de ideias serão melhor desenvolvidos no capítulo 3 deste trabalho. Neste sentido, concordamos com Nietzsche (2009), quando afirma que com os sacerdotes tudo se torna mais perigoso, não apenas os meios de cura e artes médicas, como também a altivez, vingança, perspicácia, amor, doença, virtude, sede de domínio.

O cristianismo, sustentando-se em livros ditos sagrados e pinçando na história da humanidade qualquer argumento que engrossasse suas ideias, inventa mitos que podem justificar pensamentos que convergissem com seus objetivos enquanto igreja.

A Igreja Católica, desde o início da Idade Média (meados do século V), foi fundamental para a construção do modo de vida dos séculos posteriores. “Os imperadores e escravistas apoiavam a igreja porque esta ensinava aos escravos e aos colonos a obediência aos senhores, reprovava as sublevações, diziam que os reis eram de origem divina” (KOMINSKY, 1980, p. 19). Depois disso, com a queda do Império, a Igreja tratou de cavar para si uma situação que possibilitasse a difusão do cristianismo entre os bárbaros e, para além disso, o próprio Clóvis, um dos príncipes, ofereceu grandes propriedades de terra e servos para a Igreja em troca de sua contribuição para o fortalecimento do poder real (KOMINSKY, 1980). Podemos ver com isso que o cristianismo e a igreja propriamente dita foram construindo, ao longo de séculos, bases ideológicas mas, sobretudo, de bens materiais com a obtenção de terras, riquezas, servos que possibilitava – através da materialidade – a difusão do imaterial, ou seja, a difusão de memórias e a cristalização de ideias e verdades que consolidaram – através da linguagem – o convencimento de que aquele sistema de classes estava aprovado por Deus e que não poderiam ter rebeliões para um novo modelo que não fosse aquele.

Na França, por exemplo, ao longo do século VI, os papas não eram somente autoridades espirituais, eles eram também soberanos: tinham terras, ouro e exerciam o poder de forma ativa. Assim formaram-se as possibilidades para que, inclusive, o papa Leão III coroasse Carlos Magno como imperador no ano 800. Na hierarquia feudal, os bispos, arcebispos e abades eram senhores importantes, além de terem muitos vassallos, possuíam grande importância nas guerras e eram economicamente favorecidos; tanto porque os dízimos eram recolhidos por eles e, em relação ao poder, em nada se diferenciavam dos seculares senhores feudais. Já na Alemanha, apesar de se estabelecerem algumas diferenças como, por exemplo, a maior quantidade de comunas camponesas livres – se comparado com a França da mesma época – não se diferenciavam tanto em relação ao poder da Igreja, a não ser por sua maior ascendência já que os bispos, naquelas terras, eram verdadeiros príncipes com grandes e numerosos castelos

e com a proteção de vassalos guerreiros, pois davam ao Rei aporte político e ideológico em relação aos camponeses e duques, a fim de assegurar sua ascensão (KOMINSKY, 1980).

De acordo com Le Goff (2005), a Igreja também tinha forte influência na economia da época. Na Idade Média, tratando-se de Ocidente, a economia tinha como principal finalidade a subsistência dos homens – seja ela em relação à alimentação, às vestimentas ou à moradia – e não o progresso econômico que, nesse sentido, era essencialmente agrário (LE GOFF, 2005). Contudo, como qualquer tipo de economia, observa-se a necessidade de ter pessoas produzindo esses bens materiais e é neste ponto que a Igreja tinha grande influência, pois estabelecia máximas religiosas e morais que faziam com que as pessoas não parassem de trabalhar, além de estarem convencidas de que aquele era o melhor, tanto para elas quanto para suas famílias. Um dos argumentos da Igreja era que a ociosidade deixava o campo aberto para que o diabo atuasse. Coincidentemente ou não, esse argumento do “diabo” estará presente em muitas regras da Igreja, inclusive na que sustentaria o assassinato de mulheres um pouco mais adiante.

Segundo Le Goff (2005), somente no século XI o diabo assume uma posição de destaque, tendo sido uma invenção da sociedade feudal. Entendemos com isso que, sustentando-se em sua posição privilegiada na hierarquia social, a Igreja se utiliza da figura do diabo para, diante do medo, motivar as pessoas a trabalharem, a darem esmolas, a serem fieis (tanto à Igreja quanto aos discursos machistas fomentados por ela) e o que mais conviesse a ela fazer. Os sacerdotes tinham, com todas essas atitudes, o intuito de se auto promoverem e manterem seus postos de poder.

Como podemos perceber, a igreja tinha uma relação bem íntima com o império e com os reis e isso permaneceu forte até o século XI. Mas foi com o papa Gregório VII que a libertação da igreja veio anunciar uma nova fase da instituição. Antes disso, os reis nomeavam os bispos e com isso a igreja ficava, de certo modo, rendida aos monarcas. No entanto, depois desse divórcio litigioso entre sacerdócio e império, os reis estavam proibidos de nomear quem quer que fosse à cargos sacerdotais como bispos e papas, papel esse que ficara incumbido somente à Igreja a partir de então. É certo que esse período não foi aceito na mais serena paz, porém o que se sucedeu desse episódio foram excomunhões de reis e um modelo de igreja imperial, ou seja, os papas “pretendiam assim governar ao mesmo tempo a Igreja, o conjunto do Ocidente, se possível a totalidade do mundo” (LE GOFF, 2002, p. 580). Esse fato é tão importante para nós porque foi ele o estopim para a inquisição, já que, após isso, foi organizada uma série de decretos responsáveis por dar nova face ao direito canônico e assim decretar novas

encíclicas e bulas, como a de Inocêncio IV que teve o poder prático de conceder às autoridades civis o recurso da tortura.

A igreja e o poder clerical tiveram grande notoriedade na formação das cidades, na colonização de povos e também na destruição em nome de Deus. Eles faziam isso principalmente coligados às mais altas classes da sociedade, dando sustentação, e muitas vezes, exercendo a força para fazer o que achavam necessário a fim de manter seu poder; mesmo que para isso fosse preciso matar metade da população, como foi o caso da caça às bruxas.

2.2 CONTEXTO GERAL DA CAÇA ÀS BRUXAS DA EUROPA MODERNA

O fenômeno da caça às bruxas ocorreu nos séculos XVI e XVII, o que corresponde a Idade Moderna, porém suas bases vieram do período anterior, a Era Medieval. Por esse motivo, é importante entendermos as características que cruzaram esses tempos históricos, para que assim seja mais didática a nossa abordagem.

A Idade Média, como o próprio nome diz, foi o momento entre a Idade Antiga e a Idade Moderna com a “descoberta” das Américas, datando aproximadamente do século V ao XV. É importante ressaltar que o nome “Idade Média” foi dado a esse período histórico pelos humanistas, a partir do século XIV e que, apesar de ser importante citar os séculos quando tratamos de um período datado historicamente, também concordamos com Lê Goff (2008) ao dizer que a história conserva sempre uma parte de continuidade. Isso quer dizer que, mesmo depois de um período que foi convencionalizado, algumas características do período anterior foram essa ordem do tempo fazendo com que alguns fragmentos da Idade Média tenham sobrevivido até, e durante, o século XIX; tendo sua descontinuidade somente com a grande Revolução Industrial e depois com a Revolução Francesa.

Não senti a Idade Média acabar no fim do século XV, mas avançar para o século XVI. A mesma dependência de uma economia rural à mercê de fomes, a mesma fragilidade das máquinas, a mesma vida urbana em que a burguesia não chegava a conquistar o poder, a mesma forte presença da igreja, as mesmas mentalidades “feudais”, e o impacto sempre forte da crença no milagre, os métodos sempre escolásticos de ensino universitário, os mesmos ritos monárquicos prolongam a Idade Média. (LE GOFF, 2008, p. 14).

Com este pequeno excerto podemos perceber algumas características fundamentais da Idade Média, tais quais: uma economia rural e agrícola baseada em um modo

de produção feudal; uma sociedade hierarquizada em estamentos estáticos que não davam muitas chances de mobilidade entre as classes; a prevalência da Igreja com ênfase política, religiosa, jurídica e ideológica; e uma construção de mentalidades, tradições, modos de vida e memórias concernentes ao feudalismo.

A Era Medieval foi um período muito confuso, com muitas tristezas, mas também com muitas descobertas e criações. Nesses séculos, convencionados como Idade Média, ocorreram descobertas tecnológicas como o moinho e técnicas novas de navegação; novas formas de lidar com o tempo, tendo em vista que foram criados os calendários separados em semanas e convencionado um dia de descanso para seis de trabalho. Os relógios também surgem nesse período, certamente não com a mesma precisão de hoje, mas a medição de um dia em 24h iguais surgiu a partir do século VII e se aperfeiçoou com o relógio mecânico no fim do século XIII. Os grandes monumentos góticos também provêm deste período histórico, como a Catedral de Notre-Dame de Paris. Grandes obras literárias foram escritas neste período – por homens, claro – como é o caso das novelas de cavalaria, poesias, historiografias com biografias de santos católicos, características do trovadorismo e, logo depois, no humanismo, vieram as prosas e teatros (LÊ GOFF, 2008; GIORDANI, 1974).

Nesse período histórico, o sistema feudal ditava até mesmo a construção das cidades. Existiam os feudos em que os servos moravam e trabalhavam, além do castelo do senhor feudal e os locais de circulação de pessoas, mercadorias, moedas, formando, então, uma pequena cidade. Nos espaços feudais, grandes até então, era possível encontrar moedas diferentes e, às vezes, até línguas distintas. Kunze (1989), a respeito das cidades nessa época, retrata Munique, no trecho a seguir, baseado em uma maquete contemporânea exposta no Museu Nacional Bávaro em Munique, correspondente ao período de 1570.

As casas, geralmente de dois ou três andares, são espremidas e estreitas, ou largas e desordenadas (...). Nada é uniforme: cada casa tem um ângulo diferente no telhado, uma forma característica (...). Era um amontoado angular de paredes e cantos; mesmo assim formava uma entidade única, uma cidade. Os becos eram estreitos e sombrios, as ruas principais eram grandes e espaçosas, ampliando-se com frequência até se transformarem em praças abertas. A maioria dessas praças tinha uma fonte (...). Os pátios estavam cobertos de vegetações e de flores. Raras as casas sem sua faixa de horta, e os regatos corriam por toda a parte. (KUNZE, 1989, p. 8-9).

Contudo ele aponta que, apesar de a maquete ser muito precisa em mostrar os detalhes daquele lugar, deixavam outras informações a desejar, como por exemplo o estado de limpeza que era característico das ruas neste período. O autor nos mostra algumas características gerais das cidades nos períodos feudais.

Até mesmo as melhores residências tinham estrumeiras e montes de lixo. As pessoas quase sempre simplesmente jogavam sua sujeira e seu lixo na rua, onde eram ansiosamente revirados pelos cães vadios ou pelos porcos por ali conduzidos com frequência (...). Galinhas ciscavam em meio às pedras do calçamento, ovelhas saíam dos quintais rurais para a rua, vacas eram levadas a beber nos poços. A música da cidade era feita de sinos tocando solenemente ou bimbalhando oficiosamente, a voz dos coros saindo pelas portas abertas das igrejas ou pelas janelas dos mosteiros, mulheres conversando nas fontes, crianças gritando, um galo cantando, um mascate anunciando suas mercadorias (KUNZE, 1989, p. 9).

De acordo com esse breve panorama dos feudos, podemos perceber que os locais eram bem propícios ao desenvolvimento de doenças. O que foi o fator biológico propiciador da Peste Negra entre os anos 1343 e 1353, que impactou a economia da época graças a um alto índice de mortes. Kunze (1989) menciona também as “mulheres conversando nas fontes” e isso nos leva a pensar a respeito dos campos comunais tão comuns e essenciais para a sociabilidade da época e, principalmente, para o trabalho em equipe desempenhado pelas mulheres, como veremos ao longo desta investigação.

Gostaríamos, portanto, de ressaltar e vincular com mais precisão a relação entre a criação de práticas sociais que influenciam diretamente na forma de vida das pessoas e as suas construções de memórias e subjetividades. Esse cenário é diretamente influenciado pela transição do sistema feudal para o capitalista. No entanto, não estamos aqui querendo dizer que a economia determina de forma automática como construímos nossas formas de sociabilidade, o que não se pode negar é a sua substancial relevância na construção de uma sociedade, incluindo as subjetividades dos sujeitos.

Como já sabemos, o sistema econômico feudal fazia com que a servidão fosse um ponto comum entre todos os trabalhadores da época, incluindo mulheres e crianças. Porém, contradizendo as imagens que podemos ter a respeito deste período histórico, esses servos não eram meros receptáculos dos senhores feudais, ou mesmo pessoas resignadas e obedientes a todo custo. De acordo com Federici (2017), o período feudal foi marcado por enfrentamentos e múltiplas formas de resistência por parte deles. Os trabalhadores lutavam contra os abusos de poder dos senhores feudais e do clero mas, como não possuíam uma posição social propícia para atingir imediatamente o que se pretendia, recebiam retaliações por seus atos de resistência.

A partir do século XIII começa a concessão de “privilégios” e as “cartas de foral”, documentos que podiam assegurar de alguma forma uma autonomia da comunidade aldeã para administrar seus pedaços de terra, assim como estabeleciam algumas regras que reduziam a aplicação de prisões arbitrárias, abusos de poder sob os servos e taxas fixas de

impostos, que antes eram flutuantes ao bel prazer do senhor feudal³¹. No entanto, ocorre uma questão específica que atingiu diretamente o eixo do sistema feudal e também impactou diretamente a vida das mulheres servas e sua relativa autonomia na comunidade comunal: a entrada do dinheiro na sociedade da época.

O pagamento que antes era feito através de serviços laborais, passou a ser feito através do dinheiro, ou seja, os alugueis e os impostos eram pagados no formato dinheiro ao senhor feudal e os camponeses, donos dessas cartas forais e privilégios, podiam, através do mercado local e de suas grandes extensões de terra, garantir novas formas de conseguir dinheiro e alguns, inclusive, empregavam outros trabalhadores desenvolvendo assim, um grande passo no caminho até a independência econômica e pessoal, na mesma medida em que os senhores diminuíaam seu controle sobre os arrendatários, quando eles já não dependiam diretamente de seu trabalho (FEDERICI, 2017, p. 62).

A forma como a transição do mundo feudal para o mundo capitalista aconteceu, pode indicar que o uso do dinheiro estava dando maior liberdade para os que antes estavam em estado de subordinação. Contudo, essa primeira impressão não corresponde à realidade. Federici (2017) embasada em Geremek (1994) nos mostra

um retrato estatístico da pobreza rural em Picardy no século XIII: indigentes e mendigos representavam 13%; proprietários de pequenas parcelas de terra, economicamente tão instáveis que uma má colheita representava uma ameaça à sua sobrevivência, eram 33%; camponeses com mais terra, porém sem animais de trabalho, 36%; camponeses ricos, 19% (...) Na Inglaterra, em 1280, os camponeses com menos de três acres de terra – insuficientes para alimentar uma família – representavam 46% do campesinato (GEREMEK, 1994, p. 57 apud FEDERICI, 2017, p. 61)

Como podemos observar, a maioria da população daquela época estava em situação de fome, pobreza e miséria. Foi nesse contexto econômico e social que fora marinada a acumulação primitiva do capital (MARX, 2011). Este período, que data aproximadamente dos séculos XV ao XVIII, tem uma relação direta com nosso tema principal, já que a grande caça às bruxas da Europa Moderna ocorreu dentro desse tempo histórico.

Como se pode perceber ao ler *O Capital*, de Karl Marx, o capitalismo foi possível devido à violência empregada nos processos da assim chamada acumulação primitiva do capital, que nada mais é que “o processo histórico que dissocia o trabalhador dos meios de produção” (MARX, 1988, p. 830). Em um contexto europeu, processos violentos de

³¹ Para maiores informações: FEDERICI, Silvia. Liberdade e divisão social. In, Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017. p. 60 – 65.

cercamentos³² de terras, exploração de força de trabalho e muitas mortes foram os mecanismos e estratégias empregadas na transição do feudalismo para o atual modo de produção capitalista.

Conforme Federici (2017), a acumulação primitiva é o termo que Marx utiliza “com a finalidade de caracterizar o processo político no qual se sustenta o desenvolvimento das relações capitalistas” (FEDERICI, 2017, p. 25). Ela concorda com ele quando afirma que a acumulação primitiva é um processo funcional ao capital; porém discorda quando diz que a violência própria das primeiras fases de expansão capitalista diminuiria de acordo com o aumento das condições materiais da humanidade. A autora não apenas discorda dessa ideia de Marx como diz que

Cada fase da globalização capitalista, incluindo a atual, vem acompanhada de um retorno aos aspectos mais violentos da acumulação primitiva, o que mostra que a contínua expulsão dos camponeses da terra, a guerra e o saque em escala global e a degradação das mulheres são condições necessárias para a existência do capitalismo em qualquer época (FEDERICI, 2017, p. 27).

Desse modo, entendendo que a acumulação primitiva é o processo que sustenta o desenvolvimento capitalista em qualquer época e que esse modo de produção tem arranjado, incessantemente, formas de se desenvolver. Podemos dizer que a acumulação primitiva do capital é constante e que também se desenvolve de acordo com os contextos que se inserem, todo esse processo recai também, se não principalmente, sob as mulheres. Nesse sentido, na época da transição econômica feudal para a capitalista, o processo de acumulação primitiva foi utilizado para dar subsídios à existência do capitalismo. Após implementado, a acumulação primitiva vem se mostrando necessária a cada crise do capital. Entender este aspecto é importante porque, como já dizia Beauvoir (2016), basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados.

Não por coincidência, as mulheres que pudessem causar maior ameaça à domesticação dos corpos ou uma oposição ao que estava sendo imposto, foram taxadas de bruxas e exterminadas por uma lei criada por homens clérigos que exerciam o poder de forma autoritária. Essas marcas deixadas por esse processo histórico estão amalgamadas no termo ‘bruxa’. Por isso, ao ser evocado, carrega consigo sentidos e memórias que, apesar de distantes

³² “Os cercamentos foram um fenômeno inglês pelo qual a classe proprietária de terras e membros abastados da classe camponesa cercaram terras comuns, colocando fim aos direitos consuetudinários e desalojando a população de agricultores e colonos que delas dependiam para sobreviver [...] os cercamentos incluíam ocupação de terras, introdução de aluguéis extorsivos e novas formas de tributação. Em todos os modelos, porém, esse foi um processo violento, que provocou profunda polarização no que tinha sido, até então, comunidades estruturadas com base em vínculos recíprocos” (FEDERICI, 2019, p. 48).

a nível temporal, ainda continuam causando efeitos. Porém, ele muito se modificou ao longo dos tempos e é sobre isso que iremos nos debruçar no próximo tópico, como veremos a seguir.

2.3 MULHERES, BRUXARIA E FEITIÇARIA

De acordo com Federici (2017), os campos comunais, no período feudal, eram um ponto da vida social que fazia toda a diferença para o campesinato em geral e, principalmente, para as mulheres servas. Ainda segundo a autora, os espaços comuns fomentavam a coesão e a cooperação comunitárias; davam aos servos uma relativa autonomia política e econômica já que conseguiam retirar recursos desses campos e trocá-los; propiciavam um tipo de relação que não era galgada em competição e individualização tal como ocorre hoje, mas por uma tendência à solidariedade e à vida em comunidade, sendo esses os fundamentos que possibilitavam a união necessária para as lutas da população rural medieval.

Podemos dizer que os campos comunais são o que marca a diferença entre os servos (tanto homens quanto mulheres, com ênfase para as últimas) dos trabalhadores assalariados que viriam a existir com a mudança de organização do trabalho no capitalismo. Esses campos eram os lagos, bosques, campos de pastoreio, florestas, que não pertenciam ao senhor feudal e onde servos e servas estabeleciam suas relações interpessoais e atividades, além de serem de grande relevância no quesito das assembleias.

Conforme nos elucidam Kosminsky (1980), os habitantes das aldeias se reuniam em assembleias, ocorridas nesses campos comuns, para resolver seus problemas. Complementando a relevância de tais espaços, Federici (2017) nos coloca com mais precisão a importância desses campos comunais para as mulheres nesta época.

Se também levarmos em consideração que, na sociedade medieval, as relações coletivas prevaleciam sobre as familiares e que a maioria das tarefas realizadas pelas servas (lavar, fiar, fazer a colheita e cuidar dos animais nos campos comunais) era realizada em cooperação com outras mulheres, nos damos conta de que a divisão sexual do trabalho, longe de ser uma fonte de isolamento, constituía uma fonte de poder e de proteção para as mulheres. (FEDERICI, 2017, p. 53).

Isso não quer dizer, portanto, que as mulheres não estavam sob a égide do patriarcado porque, conforme bem nos diz Saffioti (2015), este é um sistema de dominação-exploração que está galgado em construções desiguais de sexo e gênero que são seculares, não estando ligado diretamente ao capitalismo ou ao feudalismo, apesar de se manifestarem e se

complexificarem dentro deles. No entanto, as mulheres “eram menos dependentes de seus parentes do sexo masculino, se diferenciavam menos deles física, social e psicologicamente e estavam menos subordinadas a suas necessidades do que logo estariam as mulheres “livres” na sociedade capitalista” (FEDERICI, 2017, p. 51).

A autora ainda aponta cinco aspectos que posicionam as servas como menos subordinadas aos seus companheiros. O primeiro dá-se ao fato de que tanto as mulheres quanto os homens servos deviam obediência ao mesmo senhor feudal; o segundo e o terceiro aspectos estão relacionados ao fato de a terra ser concedida à unidade familiar e não ao homem. Desta forma, as mulheres trabalhavam e podiam dispor do produto do trabalho que desempenhavam, não dependendo dos homens para se manterem; já o quarto aspecto, diz respeito à organização do trabalho, o qual era concentrada na subsistência, ou seja, o trabalho doméstico que a mulher exercia era visto e considerado como essencial para a sobrevivência da família, não era invisibilizado ou colocado como menor; o quinto ponto é que havia cooperação entre as mulheres nessa época. (FEDERICI, 2017).

No entanto, a Era Medieval, apesar de possibilitar uma forma de organização social mais coletiva e menos individual, não pode ser vista de maneira romantizada, já que foi um período duramente marcado pela servidão em que homens e mulheres estavam submetidos a uma relação de subordinação para com os senhores feudais. Junto a isso, somente a existência de campos comunais não significava automaticamente que os servos e servas estabeleciam relações igualitárias porque, para que isso ocorresse, seria necessário que a comunidade controlasse seus meios de subsistência e todos os seus membros tivessem igual acesso a eles (FEDERICI, 2017), o que não era uma realidade nesta época e ainda não o é hoje.

Apesar disso, os campos comunais eram ambientes que compunham uma forma de sociabilidade, permitindo que pudessem fazer tanto trocas econômicas quanto o compartilhamento de aspectos da vida social em geral, enquanto fiavam, lavavam, maceravam etc. Contudo, com a acumulação primitiva do capital, houve cercamentos desses campos, fazendo com que os servos e servas não pudessem mais ocupar tais espaços.

Junto disso, e também por consequência ainda da Peste Negra que aprofundou o nível de miséria e mortalidade da população, a vida social e econômica desses trabalhadores servis foi comprometida, levando-os a diversas revoltas que, por sua vez, eram frequentemente iniciadas e dirigidas por mulheres, como podemos ver nos exemplos trazidos por Federici (2017). Algumas dessas revoltas foram

as Guerras Camponesas contra a privatização de terras, que incluíam as insurreições contra os cercamentos na Inglaterra (em 1549, 1607, 1628 e 1631), quando centenas

de homens, mulheres e crianças, armados com forquilhas e pás, começaram a destruir as cercas erguidas ao redor das terras comunais, proclamando que “a partir de agora nunca mais precisaremos trabalhar”. Na França, entre 1593 e 1595, ocorreu a revolta dos *croquants* contra os dízimos, contra os impostos excessivos e contra o aumento do preço do pão, um fenômeno que causou fome extrema e maciça em amplas áreas da Europa. (FEDERICI, 2017, p. 315).

Além dessas, ocorreram, nos anos de 1545 e 1652, respectivamente em Montpellier e Córdoba, revoltas também promovidas por mulheres para proteger os filhos da fome, que neste período assolou a sociedade. Essas mulheres iam às ruas e organizavam revoltas, junto a homens e crianças, para reivindicar condições de sobrevivência, o que causava medo nos soberanos. Apesar de terem sido violentamente reprimidas pelos príncipes, essas revoltas que pipocavam em diversos locais da Europa, representavam a não adequação e o repúdio ao novo modelo econômico capitalista que estava sendo estabelecido na época.

As mulheres eram as figuras centrais quando o assunto era trabalho coletivo, no entanto não era apenas através das revoltas que as mulheres exerciam seu protagonismo. Elas detinham conhecimentos sobre seus corpos, dominavam as técnicas de parto, formas de contracepção e cuidados com as crianças. Geralmente as mulheres mais velhas desempenhavam essas práticas e eram as parteiras das cidades, além de serem também as referências espirituais. As curandeiras tinham um poder reconhecido pelos membros das cidades, eram muito requisitadas também por pessoas que moravam em lugares distantes e, conforme nos diz Barstow (1995), na época da caça às bruxas, quando a necessidade era desesperadora, essas curandeiras eram procuradas até mesmo dentro da prisão. Seus trabalhos eram principalmente na prescrição de ervas como tratamento, a prática da obstetrícia, realização de rituais de adivinhação e curas. Por esses motivos, essas mulheres eram consideradas sábias e poderosas, como será visto no próximo capítulo.

As pessoas comuns da Europa apegavam-se às suas curandeiras populares, preferindo-as aos padres e médicos, até o século XIX. Elas viam que os padres não podiam ajudar durante os partos e que muitos pacientes dos médicos morriam. Além disso, a mulher sábia, com seu íntimo conhecimento de seus vizinhos, era frequentemente uma terapeuta eficiente, uma conselheira confortadora, sobretudo com seus rituais, colocando o doente no centro da atenção, solicitando com frequência o apoio de toda a família, aliviava suas mentes bem como seus corpos (BARSTOW, 1995, p.140).

Todas essas informações nos fazem entender que, para além do aspecto da cura que era possibilitado através dos saberes passados de geração em geração e ampliados com sua prática cotidiana, elas detinham conhecimentos que os padres e médicos não tinham, os quais eles estavam determinados a usurpar (BARSTOW, 1995). Mas, além de suas atuações como parteiras e curandeiras, eram também excelentes conselheiras, fazendeiras, taberneiras, fiandeiras, servas domésticas e assistentes de seus maridos no trabalho artesanal, entre tantas

outras coisas. Foram, portanto, “seus papéis produtivos, tanto quanto reprodutivos, que as tornavam potencialmente perigosas para os homens” (BARSTOW, 1995, p. 29).

Essas mulheres usavam também da magia e da feitiçaria, que eram comumente requeridas pelos pobres, com vistas a garantia de sobrevivência em um país assolado pela fome e pela miséria. As magias e feitiçarias eram utilizadas como ferramentas populares para conseguir uma melhor colheita, por exemplo, o que nos mostra que as práticas de feitiçaria não eram utilizadas para o exercício da maldade. Porém, com a transição da feitiçaria para a bruxaria, essas práticas passaram a ser satanizadas (RUSSELL e ALEXANDER, 2019).

Segundo esses autores, a feitiçaria e a bruxaria não são sinônimas. Não existe também um único significado para o que sejam bruxas, bruxaria ou feitiçaria. Porém eles demarcam um sentido que contribuirá para o nosso raciocínio. Eles dizem que foi o cristianismo que atribuiu esta carga diabólica à essas práticas, feitas até então de forma cotidiana. Segundo a visão cristã, para a realização dessas feitiçarias, era necessário a evocação de espíritos, todavia, anjos só podem ser suplicados, nunca evocados e, por esse motivo, toda a prática ou rituais que evoquem espíritos, eram considerados maléficis. Por isso, as feiticeiras e feiticeiros eram taxados de servos do demônio e praticantes de *maleficium*³³. Foi com este traço que começaram a ser criadas as bases para a transformação da feitiçaria em bruxaria (RUSSELL e ALEXANDER, 2019)

Para além disso, os autores apontam alguns outros fatores que contribuíram para tal transformação: o paganismo, o folclore e a heresia cristã; sendo a última a grande responsável por fazer com que a feitiçaria fosse transmutada para a bruxaria. Eles entendem que a prática realizada por feiticeiras ocorria de maneira isolada enquanto que, ao serem vinculadas à heresia, se davam em comunidade, o que as tornavam mais perigosas (RUSSELL e ALEXANDER, 2019). Como já podemos ver com Federici (2017), as práticas coletivas estavam sendo atacadas e, depois de serem interpretadas por dogmas cristãos e valores inquisitoriais, tiveram uma tendência fatal contra todos os que teimavam em continuar exercendo suas práticas em comunidade, as quais eram principalmente mulheres as figuras centrais dentro da comunidade.

Como podemos perceber, as mulheres, depois de nomeadas como bruxas, se tornaram os grandes bodes expiatórios para esses inquisidores que as apontaram como as grandes responsáveis por todo o mal que ocorresse na humanidade e, fundamentalmente, tudo

³³ Este é o nome latino utilizado pelos inquisidores autores de *Malleus Maleficarum* que “significa exatamente praticar o mal e blasfemar conta a fé verdadeira” (KRAEMER e SPRENGER, 2017, p. 57).

o que a Igreja não pudesse explicar. O que denotava, na realidade, o poder que os sacerdotes da época atribuíam às mulheres. Porém, foi somente com a publicação de *Malleus Maleficarum*, em 1484, escrito pelos alemães Heinrich Kramer e James Sprenger, que o caráter misógino da bruxaria passou a ser incorporado, fazendo com que se tornasse um crime exclusivamente feminino, a não ser quando vinculado ao crime de sodomia, em que os homens eram acusados com mais frequência.

Este foi um documento amplamente difundido na época da caça às bruxas e utilizado como um manual para o julgamento e punição dessas mulheres. Nele havia a afirmação de que a bruxaria é uma forma qualificada de heresia e que as mulheres eram mais propensas a serem tomadas pelo demônio, pois traziam consigo uma deficiência original em sua inteligência além de serem mais fracas na mente e no corpo, dentre outras características sempre depreciativas e inferiorizantes que, segundo eles, eram inatas às mulheres.

Os inquisidores justificam essa afirmação elencando três motivos pelos quais as mulheres abjuram a fé católica. O primeiro é pela credulidade, ou seja, mulheres tem a tendência de acreditar em tudo, tornando-se então alvo fácil do diabo. O segundo é por serem, por natureza, mais impressionáveis por espíritos descorporificados e o terceiro motivo é por serem “possuidoras de língua traiçoeira” (KRAEMER e SPRENGER, 2017, p. 93). Conforme já mostrado no primeiro ponto deste capítulo, as ligações místicas e fábulas imagéticas estavam presentes nessas atribuições feitas pelos inquisidores e estão atravessando todo o documento.

Depois de atribuírem às mulheres esse mal, ainda agradecem a Deus por ter livrado os homens de tão hediondo crime, como fica claro neste excerto “abençoado seja o altíssimo, que até agora tem preservado o sexo masculino de crime tão hediondo: como Ele veio ao mundo e sofreu por nós, deu-nos, a nós homens, esse privilégio” (KRAEMER e SPRENGER, 2017, p. 99), demonstrando, desta forma, que a bruxaria era um crime exclusivamente feminino. Em suma, para esses inquisidores, as bruxas ou feiticeiras são assim

denominadas por causa da magnitude de seus atos maléficis. São as que pela permissão de Deus, perturbam os elementos – as forças da natureza -, são as que confundem a mente dos homens, conduzindo-os à descrença em Deus, e que, pela força terrível de suas fórmulas malignas, sem qualquer poção ou veneno, matam seres humanos. (KRAMER e SPRENGER, 2017, p. 47).

Essas mulheres, as denominadas bruxas, percorriam caminhos de resistência rumo à tortura, à decapitação e à fogueira de forma legalizada e legitimada por *Malleus Maleficarum*, escrito por homens clérigos. De acordo com Federici (2017), estima-se que mais

de 80% de mulheres julgadas e executadas pelo crime de bruxaria na Europa nos séculos XVI e XVII foram assassinadas. No entanto, a quantidade de bruxas assassinadas

trata-se de uma questão controversa dentro da pesquisa acadêmica sobre a caça às bruxas, muito difícil de responder, já que muitos julgamentos não foram registrados, ou, se foram, o número de mulheres executadas não está especificado. Além disso, muitos documentos, nos quais podemos encontrar referências aos julgamentos por bruxaria, ainda não foram estudados ou foram destruídos. (FEDERICI, 2017, p. 292).

A estudiosa aponta ainda, utilizando-se dos estudos de algumas acadêmicas feministas não especificadas por ela, que houve um total de mortes equivalente ao Holocausto na Alemanha. Entretanto não é possível ter um número exato, já que ocorreram também muitos linchamentos e assassinatos em prisões ainda sem julgamento e suicídios em cela. Além dos aspectos já apresentados sobre os motivos das execuções dessas mulheres, vale salientar que os assassinatos por bruxaria ocorriam também porque elas eram acusadas de se submeterem a amores proibidos na época, serem prostitutas que seduziam os homens, ou mesmo por sofrerem de epilepsia, o que não era entendido cientificamente na época e, por isso, interpretado como uma ação do diabo (FEDERICI, 2017; BARSTOW, 1995).

Podemos observar que este fenômeno da caça às bruxas, começou acusando curandeiras e parteiras e acabou incorporando características extremamente misóginas que começaram a se acirrar quando a tortura passou a ser uma forma de obrigar mulheres a confessar crimes que não haviam cometido. Essas torturas tinham frequentemente ênfase sexual, com investidas sexuais gratuitas e até mesmo experimentos sádicos (BARSTOW, 1995).

Todos esses contornos depreciativos, fatais e misóginos em que as mulheres eram posicionadas, principalmente as consideradas bruxas, estão ainda amalgamados na sociedade em que vivemos; sendo, inclusive, parte fundamental da atribuição de significado da bruxa que foi contextualizada na manifestação aqui estudada e que abordaremos no capítulo de análise. Porém não apenas esse lado negativo está cristalizado nessa imagem de bruxa. Conforme Zordan (2005), as bruxas também encarnavam tudo o que é rebelde, indomável e instintivo nas mulheres, assim como todo o poder que a máquina civilizatória não conseguia domar. Além disso, toda expressão de poder que as mulheres pudessem exercer, desembocava em punição. Ao serem queimadas e mortas em grande escala, a Igreja estava, no mínimo, sentindo a necessidade de afirmar ou reafirmar seu poder como instituição. Contudo, vale dizer que isso somente se argumenta se, por algum motivo, estiverem se sentindo ameaçados de alguma maneira (ZORDAN, 2005).

Com base no exposto, podemos dizer que as bruxas personificavam um grande poder ao lidarem com energias não realizadas ou aceitas pelo poder clérigo. Ao exercerem o

poder nas práticas sociais, diversas orientações à comunidade com conhecimentos ancestrais, elas, algumas prostitutas, outras médiuns, se tornavam ameaça para a Igreja e também para não cristãos.

Para que a imagem feminina se consolide como uma ameaça, a Igreja conta com outras narrativas sobre essas mulheres. Segundo os inquisidores, elas eram capazes de matar, eram aliadas as forças da natureza, podiam se transformar em animais, praticavam atos de adivinhação, tornavam terras inférteis e podiam até voar, sendo todas essas ações consideradas fora da normalidade e contrárias aos preceitos cristãos da época. Ao trazer outra narrativa, a linguagem exerce um papel essencial, pois ela faz, constrói, e os efeitos disso marcam corpos e vidas como, por exemplo, o genocídio de milhões de mulheres sob torturas e fogueiras.

Essa memória da bruxa é retomada na manifestação contra Judith Butler, que ocorreu em 2017, e que será aqui trabalhada no capítulo 4. Butler foi representada como bruxa pelos manifestantes e, apesar de ter sido estabelecido por eles um vínculo entre a autora e as obras demoníacas, ela também é colocada em um papel de significativo poder. Segundo eles, a autora criou uma teoria que pode acabar com a diferença biológica entre os sexos, apresentar ameaça à família tradicional e até mesmo à moralidade cristã.

Dito isso, iremos nos aproximar um pouco mais da perspectiva de memória e linguagem fazendo as devidas relações com o objeto estudado e também traremos os aspectos que compreendem o exercício do poder na sociedade.

2.4 REATUALIZAÇÃO DA MEMÓRIA E OS ATOS DE FALA PERFORMATIVOS

Na introdução deste trabalho, especificamente nos objetivos, foi utilizado o termo performativo cunhado e desenvolvido na Pragmática para tratar da linguagem. Austin (1990) foi o autor que inaugurou esse termo ao propor a teoria dos atos de fala. Inicialmente, ele entendia que os atos de fala poderiam ser considerados constataivos ou performativos. Os primeiros seriam aqueles que constata algo do mundo real como por exemplo “a porta está aberta” ou “o céu é azul”, ou seja, eles descrevem situações. Já os performativos seriam aqueles que fazem com que aquilo que está sendo dito exista, ou seja, o exercício da linguagem é a própria condição para que aquilo que está sendo falado tenha uma existência no mundo, um exemplo disso é “eu vos declaro marido e mulher” ou “eu te batizo”. Porém, para este autor, o

que traz eficácia para essa ação são as condições de felicidade, ou seja, precisam ser enunciados por um sacerdote que tenha a real intenção de fazer essa ação e estar em um contexto propício, caso negativo sua eficácia seria nula. No entanto, existe uma forma de um ato de fala performativo não ser nem feliz e nem infeliz, que é o caso, por exemplo, de falas enunciadas por atores em um contexto não literal ou de “faz de conta”, esses, ele chama de estiolamentos.

Ao rever sua teoria sobre os atos de fala, Austin (1990) desconstrói a dicotomia entre constatativos e performativos dizendo que todo e qualquer ato de fala é performativo. Com essa desconstrução o estudioso afirma que, ao enunciar um ato, uma ação é realidade (MELO e ROCHA, 2015). Nesta segunda fase, o autor irá entender que o modo de operar a linguagem não é somente uma forma de representar, mas sim de fazer coisas, ou seja, de performar e criar sentidos no mundo. Buscando aprofundar no funcionamento destes enunciados ele separa, para fins didáticos, esses atos de fala em locucionários, ilocucionários e perlocucionários. O primeiro diz respeito a própria estrutura semântica que envolve o uso da língua e da linguagem. O segundo tem a ver com a ação que o enunciador faz com aquelas palavras. Por fim, o terceiro, corresponde aos efeitos que esses dois primeiros produzem ao serem colocados em ação, fato relevante para esta pesquisa.

A teoria dos atos de fala proposta por Austin foi sendo relida por outros autores, como Derrida e Butler (1997). Para Derrida (1988), todos os atos de fala são performativos, incluindo os estiolamentos, ou seja, aqueles atos ficcionais. Outro aspecto pontuado pelo filósofo é sobre as condições especiais propostas por Austin, para Derrida, não há condições especiais para que uma ação seja realizada, isso quer dizer que independente de qualquer fator externo ou interno, uma ação está acontecendo e essa sempre trará consigo um efeito. Duas grandes contribuições do filósofo são os conceitos de iterabilidade e citacionalidade.

Para nos ajudar a entender essas categorias podemos trazer a contribuição de Butler (2018) ao desenvolver o conceito de enquadre. Segundo a reflexão da autora, enquadre é uma expressão complexa que carrega alguns significados e para elucidar esse entendimento ela nos dá dois exemplos. O primeiro é o de uma pintura emoldurada, ou seja, enquadrada e o segundo é sobre o enquadre da ação que pode incriminar uma pessoa. Em ambos os exemplos o enquadre vai muito além do que uma contenção, ele também carrega em si a própria ruptura. Uma forma de entender melhor esse pensamento é imaginando que a própria moldura que serve para enquadrar a pintura, pode ser em si mesma o próprio embelezamento da obra e, inclusive, um objeto de estudo histórico. Já no caso da ação enquadrada que incrimina uma pessoa, é possível que o próprio enquadre seja alvo de investigações, já que pode ser manipulado para

acusação de alguém inocente. Nesses casos podemos observar que o próprio enquadre está sendo enquadrado, rompendo assim, a norma antes estabelecida, nos mostrando que nunca conseguiremos enquadrar totalmente alguma situação.

Deste modo, podemos dizer que os enquadres estabelecidos a respeito de algo ou alguém são construídos por obedecerem a uma norma, no entanto, o simples fato de identificarmos o enquadre já nos aponta para o início de uma ruptura, ou seja, para o fato de que tem algo para além da cena enquadrada. Conforme nos aponta (MELO e ROCHA, 2015) para que esses enquadres existam e possam parecer fatos naturais, são necessárias repetições exaustivas que só são possíveis ocorrerem através dos processos de iterabilidade e citacionalidade, como proposto por Derrida (1988). Nesse sentido, podemos perceber que algumas mortes são tratadas com extrema comoção social, enquanto outras não tem nem mesmo direito ao luto, como é o caso de muitos jovens negros moradores de favelas que são assassinados todos os dias.

Voltando para a explicação dos dois conceitos trazidos por Derrida (1988), podemos dizer que o processo de iterabilidade corresponde às repetições enunciadas por pessoas diferentes, em épocas diferentes, de formas diversas e em contextos distintos. Por esse motivo, ainda que possam carregar consigo um sentido parecido com o anterior, nunca ocorrem de forma idêntica, a não ser quando se trata de uma citação, e por isso o autor traz a concepção de citacionalidade. No entanto, essas repetições, exceto as citacionais, nunca ocorrem de forma igual, ainda que possam atuar com o mesmo sentido. Para este autor, até mesmo um texto escrito é uma estrutura iterativa porque uma vez que é produzido, os discursos contidos ali continuam reverberando independente da vontade de quem o produziu, ou seja, continua produzindo efeitos independente até mesmo da existência do enunciador. No entanto, esse processo ocorre não só quando um texto é falado ou escrito, a iterabilidade ocorre através de qualquer texto multimodal, piadas, gestos e/ou todas as outras formas que podemos utilizar durante o processo de interação com o outro, ou seja, no processo de comunicação e no uso da linguagem de uma forma geral.

Em outras palavras, o processo de iterabilidade pode ser considerado um instrumento pelo qual é possível cristalizar ideias ou mesmo romper com elas. Os atos de fala ao serem iterados estão a todo o momento produzindo efeitos, tendo eles a potencialidade de reproduzir o mesmo sentido, contribuindo assim para a sua naturalização, sendo este fenômeno chamado de performativo. Ou podem ser modificados, podendo manter ainda o mesmo sentido, contribuindo também para o performativo ou partindo para um uso transgressivo e subversivo

da linguagem, trazendo um sentido antagônico ao que estava sendo anteriormente iterado, a esse processo dá-se o nome de performatividade.

Conseguimos observar tanto o performativo quanto a performatividade atuando na manifestação que aqui está em investigação. O processo de iterabilidade é ativado pelos manifestantes ao trazem a imagem da bruxa queimando, assim como nos símbolos que marcam a vinculação diabólica atribuída a essas mulheres na época da caça às bruxas e incorporadas na figura da boneca feita por eles com o rosto de Butler, bem como nos cartazes e em tantos outros momentos conforme será exposto no capítulo de análise. Ali, um mesmo sentido estava sendo iterado, evocando assim um uso performativo da bruxa. Para além disso, os manifestantes certamente não tinham a dimensão de que os atos de fala que produzem teriam efeitos incalculáveis no contexto atual.

As escolhas linguísticas, o posicionamento dos corpos na rua, os gestos, os textos contidos nos cartazes e sobretudo a boneca em formato de bruxa que foi queimada, constroem e geram efeitos independente da real intenção dos manifestantes. Alguns efeitos podem ser, tanto locais, como por exemplo algum tipo de engarrafamento que pode ter ocorrido nos arredores do SESC Pompéia no dia do evento, ou algum ato de violência; podem ser online, com a proliferação de textos multimodais, *tweets*, postagens e repostagens sobre o evento; como também podem ser a nível teórico como é o caso de uma edição de número 53 de *Cadernos Pagu*³⁴ que foi elaborada após um evento organizado pela UNIFESP chamado “Quem tem medo de Judith Butler? As cruzadas morais contra os direitos humanos no Brasil” que ocorreu em 08 de dezembro de 2017 e teve como principal motivação a manifestação aqui estudada. Até mesmo a existência deste trabalho é um efeito ainda desta manifestação contra Judith Butler ocorrida há dois anos.

O termo bruxa em si, independente da manifestação, já demonstra esse caráter performativo e da performatividade da linguagem. O sentido de bruxa utilizado na época da caça às bruxas da Europa Moderna foi coligado a aspectos demoníacos. Dentro deste contexto, o termo e a imagem da bruxa foram repetidos de formas diferentes, por diversas pessoas em contextos e condições completamente diversas. As repetições que ocorriam na Idade Moderna contribuíram para cristalizar uma ideia que unisse mulheres e bruxaria a algo errado, mau e satanizado. As múltiplas violências, assassinatos, terror, ódio, perseguições e práticas sociais ocorridas contra essas mulheres ajudavam a marcar a bruxa como ruim, ainda que pudesse

³⁴ Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-833320180002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 dez. 2019.

também ser vista como algo bom. É este processo ininterrupto de significações, em diversas épocas e contextos diferentes que fazem ocorrer a reatualização de certos usos e condutas.

No entanto, com o decorrer dos séculos, outros sentidos foram criados. Peças teatrais, músicas, textos, romances, múltiplas resistências, frases como é o caso da propaganda por feministas “somos as netas das bruxas que não conseguiram queimar”, filmes como Harry Potter que tem a personagem Hermione como uma bruxa muito disciplinada, estudiosa, competente, sábia, inteligente e boa, e até mesmo pesquisas (como é o caso desta) que possibilita a exposição de uma nova narrativa para o que foi a bruxa através dos séculos. Esses exemplos nos sinalizam que o aspecto performativo da bruxa foi suspenso, dando lugar a criação de algo novo ativando, assim, a outra face da performatividade. Junto a isso, ao se repetir o termo e a imagem, a bruxa passa a significar também uma figura poderosa, competente, inteligente e resistente.

Em relação a performatividade, Butler (2019) nos diz que nada mais é do que “um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos” (BUTLER, 2019, p. 35). Para a autora a questão está para além de mostrar que a linguagem faz coisas e atua sobre nós, a linguagem é a própria ação. Butler ainda traz a linguagem como uma ação extremamente poderosa, tendo a capacidade inclusive de estabelecer padrões de gênero, nos encapsulando dentro dessas normas de gênero criadas pela linguagem e sustentadas por seus efeitos práticos. Contudo, felizmente, essa mesma potencialidade que a linguagem tem de aprisionar, se combinada aos mecanismos de poder e seus vínculos com a memória, é a mesma que pode contestar e modificar esses padrões.

Essa potencialidade acionada pela e na linguagem se torna palpável por conta de sua repetição, porém seria impossível ser cristalizada e evocada no momento da manifestação se não fosse pela sua articulação com a memória, da mesma forma que as memórias são possíveis de serem construídas por conta da ação da linguagem. Estamos longe de querer definir o que é Memória, até porque isso iria contra sua própria natureza, que é abstrata, sem limitações, fluida, atemporal, transdisciplinar, polissêmica, impossível de ser congelada em um tempo ou espaço, ela está por assim dizer sempre em disputa, nunca é dada. Segundo Gondar (2016), o único ponto de fixidez da memória é a sua permanente reconstrução.

Dentro da área do saber da Memória social diferentes autores nos fornecem explicações a respeito do que é este conceito, a começar por Halbwachs (2004), que foi quem inaugurou o termo. Ele nos fornece a base inicial para o entendimento a respeito da memória por critérios não só individuais, mas também, e principalmente, coletivos (Halbwachs, 2006).

O autor não está preocupado em entender o conteúdo do que é lembrado e nem mesmo suas causas, seu principal foco é compreender como lembramos, e articula tal aspecto pelos quadros sociais. Para o autor, nunca lembramos fora do contexto das relações sociais e é dentro desses quadros sociais que se produzem as memórias, ou seja, a memória coletiva é tanto estruturante como estruturada pelos grupos sociais (HALBWACHS, 2004). Em outras palavras, o que torna possível o processo de construção das memórias são os contornos sociais que os grupos são capazes de dar a um acontecimento.

Para o estudioso, memória nunca é puramente individual, porque até mesmo os sentimentos e pensamentos entendidos como individuais, só são possíveis porque estamos inseridos em meios e circunstâncias sociais. Em outras palavras, nunca estamos sozinhos, nossas ideias nunca são puramente individuais, elas sempre vêm de algum lugar, são sempre uma construção. De acordo com Halbwachs (2006), quando estamos inseridos em um grupo não nos damos conta de que vários pensamentos que parecem ser pessoais, são apenas um eco do que foi ouvido ou lido. Se nos afastarmos de uma interpretação determinista podemos nos aproximar com mais lucidez da ideia de que se uma memória foi construída coletivamente, nesse sentido é possível a construção de outras memórias também por vias coletivas.

Com isso, nosso intuito é sempre estudar este campo da Memória social como um instrumento para transformação social, ainda que isso implique algumas reatualizações de ideias, visto que o importante não é somente o que lembramos, mas também o que esquecemos e principalmente os efeitos obtidos entre o lembrar e o esquecer. Desta forma, nesta dissertação, o termo “Memória” se embasa em alguns pressupostos. O esquecimento e a lembrança estão em simultaneidade para que a Memória exista. Considerando o processo de iterabilidade trazido por Derrida, podemos dizer, também embasado em Halbwachs (2004; 2006) que neste processo de iterabilidade a memória nunca se repete, ela é sempre uma reatualização, carregando consigo uma potencialidade para transformação e criação de algo novo.

Linguagem e memória se unem neste estudo, pois a primeira constrói a segunda, ou seja, a linguagem constrói memórias para a construção de lembrança ou esquecimento de memórias. É também na linguagem que as memórias ganham existência e geram efeitos que marcam corpos e vidas. Um exemplo disso pode ser encontrado em uma cena simples como a de comer um bolo. Digamos que ao realizar esse ato de comer o bolo, a pessoa lembre de um momento da infância em que foi muito feliz ou que foi muito triste. Esse sentimento, no passado, só foi criado porque a linguagem possibilitou a evocação desses sentimentos, e em sua

reatualização no presente através da atuação da memória, o corpo dessa pessoa chora ou ri, sendo mais uma vez marcado pela linguagem.

Esse é o poder que a linguagem em conjunção com a memória pode criar. Através do processo de iterabilidade (DERRIDA, 1988) e da atuação da memória, é possível a transformação de sentido das palavras, e por conseguinte, de hábitos, ações. Porém, ao mesmo tempo em que essa força da memória como criação atua de forma a contribuir para a resistência, a memória enquanto conservação também se faz presente. Em nossa análise é possível observar tal fato. Os manifestantes contrários à Butler utilizam vários recursos para pinçar e evocar essa memória de conservação. De outro modo, a fala do líder religioso (que será vista no capítulo de análise), a adoção de termos como Terra de Santa Cruz para se referir ao Brasil, o símbolo da bandeira nacional para levar a um pensamento tradicionalista e nacionalista, o uso de cores nos cartazes para designar rosa para meninas e azul para meninos, e o próprio símbolo da bruxa nesta manifestação, nos apontam para uma memória de conservação. Em outras palavras, os manifestantes que estão contra o seminário fazem em linguagem e mobilizam memórias cujo objetivo pode ser conservar um passado que lhes favorece enquanto cristãos. Enquanto isso, no mesmo momento, Judith Butler está dentro do SESC abordando principalmente o tema da democracia, e evocando outras memórias, todas elas em linguagem e agindo em linguagem, o que traz efeitos outros.

Dentro de todo esse contexto, precisamos ainda dar destaque a um outro aspecto, que apesar de não estar inserido nas perguntas de pesquisa estão inseridos de forma transversal no trabalho, que é fenômeno da violência. Durante toda a manifestação, ainda que não tenha ocorrido nenhum tipo de briga, tiros, tapas, morte, a violência estava presente, do início ao fim e ganhava existência na e pela linguagem. Quando os manifestantes materializam em textos *queime a bruxa*, por exemplo, ali está uma ação, considerando o que a própria Butler (1997) diz que fazemos coisas com a linguagem. Ali se faz uma ação de violência contra ela.

Segundo Silva (2011), ao utilizar o processo da iterabilidade para reatualizar uma história, “o sujeito não só reitera uma forma de ferir prévia, como também desloca dessa origem o termo que fere” (SILVA, 2001, p. 110). Dentro deste contexto, o termo bruxa foi utilizado pelos manifestantes contrários à Butler, como um índice para feri-la, agredi-la e violenta-la. Ao queimarem a boneca eles não usam apenas o texto escrito, mas também estão simbolizando essa violência com a encenação de morte da boneca bruxa, ou seja, de Judith Butler, como veremos ao longo da análise. No material em análise veremos ainda que são mobilizadas memórias de gênero articuladas à violência contra as bruxas.

Ainda percorrendo os caminhos da linguagem, conseguimos perceber que não somente a utilização de termos trazem memórias. A ausência de termos, ou seja, o silêncio, também é linguagem, é ação e por consequência implica em efeitos. Os manifestantes a favor da apresentação de Judith Butler não fizeram grande alarde ao longo da manifestação. Eles estavam ali com seus corpos na rua, que também eram textos e assim como seu silêncio. É importante perceber que essa manifestação não ocorreu sem resistência. Mesmo no silêncio ou na fala comedida das pessoas que estavam a favor do seminário, houve ali um ato de repúdio àquelas falas religiosas e preconceituosas.

Isso nos faz lembrar do silêncio que as mulheres precisavam se submeter diante do julgamento como bruxa e também do silêncio que as mulheres ainda hoje precisam fazer diante de situações humilhantes dentro de relacionamentos abusivos, por exemplo, e ainda, o silêncio diante de uma situação de violência, já que um simples grito pode custar-lhes a vida. Com esses exemplos podemos perceber que o silêncio também é um exercício de linguagem que também pode estar em conjunção com a ação da memória. O silêncio foi um ato de resistência durante a caça às bruxas e ainda o é.

Dentro de um contexto de pós-guerra, Pollak (1989) faz um estudo sobre o silêncio. Ele toma como exemplo mulheres sobreviventes dos campos de concentração que após voltarem para seus lares nunca mais falaram sobre o assunto. No texto, o autor aborda o significado desse silêncio, que para ele, não é o mesmo que esquecimento, mas sim, uma forma de sobrevivência e de resistência exercida por essas mulheres. Ele diz ainda que é através do silêncio que uma memória pode permanecer viva quase que de maneira imperceptível, vindo à tona somente em alguns momentos específicos de conflitos para reivindicar seu espaço enquanto uma memória oficial. Porém, esses conflitos existem apenas em uma dimensão em que duas ou mais memórias estejam sendo interpretadas como concorrentes, ou seja, estejam em condições equivalentes de poder para que seja possível o início dessa tensão. É exatamente neste cenário de colisão de memórias que está criada a condição para a erupção de uma nova realidade.

Entender as ideias trazidas por esse autor é importante para interpretamos o que acontece com a memória das bruxas demoníacas que neste momento histórico social eclodem de maneira tão intensa. O índice linguístico *bruxa* foi entextualizado em muitos momentos desde a caça às bruxas e nesse processo foi sendo modificado e utilizado de diversas maneiras que subverteram o seu sentido demoníaco, assim como muitos outros que iteravam o seu sentido negativo. Um exemplo disto pode ser observado no filme Harry Potter em que a bruxa

Hermione foi construída como inteligente, poderosa, capaz de lidar com situações tensas e difíceis sem perder o foco do problema.

Contudo, no contexto político que o Brasil se insere, com forte presença de valores religiosos, a violência contra mulheres, e também contra tudo que é diferente, a memória demoníaca da bruxa ressurgiu, indicando que algumas mulheres, especialmente aquelas capazes, por exemplo, de propor teorias que alteram o pensamento ocidental de sexo e gênero, devem ser queimadas, silenciadas.

Podemos dizer que ao utilizar da linguagem e nela mobilizar esses significados de bruxa demoníaca, aponta-se também para uma memória de extinção e genocídio. E isso só é possível, só tem espaço e só toma força porque o contexto atual propicia isso. Não à toa também, criamos enquanto sociedade as condições necessárias para Bolsonaro ter ganhado as eleições. Por fim, o que queremos aqui retratar é que estamos dentro de uma relação de poder que é ativada e movimentada pelo uso da linguagem e que mobilizam memórias que podem servir para criar algo novo dentro de um viés de resistência e/ou conservar um passado atualizado para destruição e punição do diferente. Por isso se torna importante a partir de agora entendermos, a partir de Foucault, como se dão essas relações de poder, o que está sendo entendido como um saber e quais ideias estamos naturalizando como verdades.

2.5 APROXIMAÇÃO DOS CONCEITOS DE SABER, PODER E IDEIA DE VERDADE EM FOUCAULT

Nesta seção, interessa-nos os conceitos de Saber, Poder e ideias de verdade desenvolvidos por Foucault. Vale salientar que este recorte no trabalho de Foucault para esta dissertação foi necessário pois estes pontos dialogam com o objeto aqui em investigação.

Foucault (1969) nos apresenta a arqueologia como sendo um procedimento de pesquisa que é capaz de utilizar os discursos em linhas de descontinuidade, observando os limites desses discursos, possíveis pontos de cruzamento e de controvérsias. Desta forma, trata a arqueologia não como disciplina, mas como procedimento e ação. Isso quer dizer que a linearidade, cronologia e a tão famosa linha do tempo para designar aspectos importantes da história, para ele, não é um método eficaz. Pensar a arqueologia como procedimento é entender primeiramente que nada ocorre antes do discurso, tudo está em discurso, pois é inclusive pelo

próprio discurso que o sujeito se torna quem é. Junto disso, o movimento da arqueologia proposto por Foucault foge da preocupação em se achar uma gênese ou o fim de uma questão. Ele está dedicado em entender como um fenômeno se cristaliza, ou seja, quais são as suas modalidades de existência.

Dentro desta pesquisa buscamos seguir essa linha arqueológica apresentada por Foucault. A manifestação contra Judith Butler nos mostrou uma memória sobre bruxa que estava sendo indexada pelos manifestantes. E essas pistas nos levaram até a Idade Moderna onde bruxas eram queimadas. A partir disso, passamos a perceber diversas relações entre os discursos de inquisidores e dos manifestantes, e com isso começamos a buscar as materialidades que esses discursos ao longo dos anos, por repetidas vezes sendo descontextualizados e recontextualizados, foram criando. Todo esse movimento nos permite entender melhor como está sendo construído e porque está sendo entextualizado este símbolo nos dias atuais, sem que com isso estejamos querendo chegar em um fim ou um resultado engessado a esse respeito, porque dentro da própria lógica arqueológica de Foucault adotada neste trabalho, o fim não existe, ele só pode ser definido pelo próprio recorte temporal do pesquisador, que não significa, portanto, um esgotamento do objeto.

Apesar de Foucault ser conhecido pela elaboração de seus estudos acerca do poder, ele, na realidade, tem como principal objeto de estudo o sujeito e os modos de objetivação e sujeição deste sujeito. Deste modo, sua “teoria do poder” é elaborada em função deste sujeito que só pode ser entendido dentro de um contexto histórico e discursivo (TORRANO, 2010), por isso ele precisa estudar o que constitui e qual a trama que existe em torno desse sujeito, chegando assim, aos estudos acerca do saber, disciplina, ideias de verdade, poder e todos os outros conceitos referenciados pelo autor.

Esse conceito de arqueologia é de suma importância para nós, principalmente porque é com ele que o autor desconfigura a lógica de disciplina colocando-as todas no mesmo nível de saber. Isso quer dizer que quando todos os saberes são colocados em um mesmo patamar, tudo se configura como discurso, não existindo uma hierarquização inata entre eles. Foucault, no entanto, não faz isso para mostrar que não existe hierarquia, mas sim para evidenciar que ela não está dada, porque o que costura esses saberes, colocando-os em suas posições hierárquicas, são as relações de poder, que por sua vez, estão em disputa a todo o tempo dentro deste cenário social. Esses próprios saberes, transformados em disciplina, também contribuem para a criação do poder, sendo ela inclusive, uma forma de exercício do próprio poder. Em resumo, o que transforma esse saber em disciplina não é o saber em si, mas sim o

efeito de configurações sociais que se estabelecem por uma determinada relação de poder que se deu por um ou vários acontecimentos em um determinado tempo e espaço, possibilitando, desta forma, uma materialidade que é reconstruída a todo o momento.

Logo, é possível entender que os saberes dominados pelas mulheres denominadas bruxas, foram hierarquizados segundo os parâmetros e saberes religiosos e cristãos. Além disso, ainda foram demonizadas graças as relações de poder que eram estabelecidas naquele período histórico e que foram criando materialidades com as diversas práticas sociais como, por exemplo, os múltiplos assassinatos de mulheres e diversas criações de fábulas e histórias que conhecemos até hoje, como a das bruxas más de contos de fadas que no fim sempre sofrem algum tipo de punição, seja a forca, a fogueira ou a solidão (ZORDAN, 2005).

Porém, olhando para essa situação pela perspectiva arqueológica de Foucault, conseguimos perceber que os saberes dessas mulheres também representavam poder, o que nos confirma que saber-poder é um duplo que não pode ser visto de forma separada. Dizer então que “a aceitação de um sistema se dá apoiada por um nexo de saber-poder, aqui, significa que o saber provoca efeitos de verdade, e, em contrapartida, jogos de verdade conferem poder a uma prática” (TORRANO, 2010, p.8). Nesse sentido, é certo dizer que dentro do próprio tempo e espaço em que um fenômeno ocorre, este duplo faz com que, ao mesmo tempo que as mulheres bruxas fossem construídas como em um nível inferior da hierarquia, dentro de uma concepção patriarcal, elas também exerciam poder de alguma forma.

Conforme exposto no capítulo 1, antes da intervenção religiosa, as mulheres exerciam seu poder de forma cotidiana sem que isso representasse uma ameaça ou mesmo que fosse demonizado. Com a Igreja demarcando o que era considerado sagrado e profano, começou a haver também um aspecto punitivo. Como elas lidavam com o sobrenatural, com a natureza, com saberes comunitários e uma sabedoria e prática que não era oriunda do cristianismo, eram levadas a fogueiras para serem castigadas pelos crimes cometidos.

Em contrapartida, os homens eram os que criavam as leis, os que realizavam os julgamentos, produziam documentos relatando tais julgamentos, realizavam torturas para que as mulheres confessassem seus crimes, sendo inclusive este o único momento em que era dada às bruxas a possibilidade de falar. Nem mesmo como testemunhas, os discursos das mulheres valiam (BASTOW, 1995). E dessa forma podemos ver, nos utilizando dos conceitos de Foucault, que devido à ação possibilitada pelas relações de poder, alguns discursos foram criando possibilidades de configurar um cenário em que uma parcela da população era julgada,

silenciada e morta, enquanto que a outra cristalizava sua posição de superioridade e também o amalgamento de uma ideia de que o discurso religioso era o único verdadeiro.

Por ora é necessário entender o que Foucault define como sendo poder, porque somente assim conseguimos perceber qual a hierarquização criada nestes cenários e como as normas são construídas nestas relações de poder, ou quais mesmo são as normas que estão sendo referenciadas, assim como os efeitos que essas práticas estão possibilitando existir.

O poder, acho eu, deve ser analisado como uma coisa que circula, ou melhor, como uma coisa que só funciona em cadeia. Jamais ele está localizado aqui ou ali, jamais está entre as mãos de alguns, jamais é apossado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles. (FOUCAULT, [1976] 2005, p. 35).

Dentro desta concepção, podemos entender como o poder foi exercido tanto pelos homens clérigos, quanto pelas mulheres que eles intitularam bruxas. Conforme visto no capítulo anterior, as bruxas encarnavam tudo o que correspondesse a rebeldia, ou algo que não era possível ser domado (ZORDAN, 2005), representando assim, figuras de poder tão eficazes que, para esses inquisidores, somente com a morte seriam possível retirá-las dessas posições. Logo, podemos observar um campo de disputa entre memórias e discursos, onde o que estava em jogo era a existência física e simbólica entre o que deve ser esquecido e o que pode ser lembrado. Foi somente pelo silenciamento, através do assassinado de mulheres que esses homens clérigos e a Igreja, encontraram a possibilidade de sustentar um modelo de sociedade patriarcal e cristão, com o genocídio destas mulheres que colocavam em questão a verdade produzida pela Igreja.

O que vemos nesta manifestação, portanto, se relaciona com esse período histórico não somente pelo discurso produzido pelos manifestantes, mas também, e principalmente, pelos efeitos de verdade que estão sendo ali colocados. Porém, para ficar mais claro, precisamos primeiro entender o que são esses efeitos de verdade, ideias de verdade e regimes de verdade a nível conceitual.

Para Foucault não existe nada antes do discurso, ou seja, toda ideia caracterizada como verdade foi produzida como tal através do discurso. Logo, podem ser modificadas a partir do momento em que as regras de formação dos discursos que portam essas supostas verdades são também modificadas. Isso nos aponta que o tal discurso unicamente verdadeiro proposto

pela Igreja, não existe em sua essência, ele foi construído através dos tempos pelas materialidades que foram possibilitadas dentro de contextos sociais, que por sua vez conseguiram produzir os efeitos de verdade, que é exatamente o que possibilita a sensação de naturalização de uma ideia.

Contudo, todo este percurso só foi possível graças às práticas sociais secularmente repetidas discursivamente. Todos os dias em missas pelo mundo inteiro são repetidos discursos de um deus único e verdadeiro. Por outro lado, em diversos filmes e livros de ficção são repetidos os estereótipos da bruxa má, velha que come criancinhas e produz poções para matar pessoas, algo que também ocorre na manifestação contra Judith Butler aqui em análise. Nela, os manifestantes mostram que não existe outra configuração de bruxa exceto a demoníaca, e para além disso, entextualizam dentro dessa construção performativa, significados que serão aqui abordados no capítulo de análise, que também nos remetem para a Idade Moderna. Porém, o que é preciso reconhecer agora é que esses manifestantes se apoiam em uma verdade de que a bruxa é naturalmente má e que o saber religioso é o único possível, logo, deve ser seguido a todo o custo, sendo esquecidas assim as memórias das bruxas como conselheiras, curandeiras etc.

Embasadas em Foucault (2005), compreendemos que o regime de verdade sobre as mulheres e bruxas muda com a contranarrativa negativa sobre elas trazidas pela Igreja. Este regime de verdade, construído na iterabilidade e na citacionalidade, mobilizam certas memórias e apagam outras na manifestação contra Butler, prevalecendo as memórias que a coloca como uma mulher que merece ser queimada, e simbolicamente foi na manifestação.

Nesse sentido, esses manifestantes atuam em linguagem que nos demonstra uma base de saber cristão como sendo a gênese de tudo e a verdade a ser seguida, nem mesmo cogitando o questionamento desse saber, ou seja, atribuem um caráter de verdade absoluta a um saber que foi construído pela linguagem, na linguagem, e nos corpos de muitas pessoas, principalmente mulheres em se tratando da caça às bruxas. Portando, pensando através dessa chave de leitura conseguimos perceber que a interpretação que estamos fazendo deste evento em específico é que as memórias ativadas ali, nos levam para uma iterabilidade da linguagem de violência e entextualizam a própria violência em si, quando queimam a boneca em formato de bruxa, por exemplo.

A partir de todos os conceitos já apreendidos até aqui, seguiremos para o capítulo de análise a fim de responder nossas duas perguntas de pesquisa.

3 ANÁLISE

Ao longo desta dissertação, buscamos construir um percurso teórico metodológico para responder a dois objetivos e suas respectivas perguntas de pesquisa que são “Como ocorre a construção performativa da bruxa mobilizada na manifestação contra Judith Butler realizada em São Paulo no ano de 2017?” e “Que memórias sobre bruxas comparecem nos textos multimodais produzidos pelos manifestantes ao longo da manifestação citada?”

Na seção 4.1, apresentamos o canal IPCO e os manifestantes presentes na manifestação. Já no tópico 4.2, nos centramos em responder a primeira pergunta de pesquisa, ou seja, a construção performativa da bruxa, presente nas imagens veiculadas pelo canal IPCO.

No tópico 4.3 contextualizamos o canal PAVIO e seus manifestantes. E no tópico 4.4 respondemos a primeira pergunta de pesquisa, partindo do texto multimodal produzido pelo canal PAVIO.

Por fim, no tópico 4.5 respondemos à segunda pergunta de pesquisa, ou seja, centrando-nos nas memórias de bruxas que foram mobilizadas pelos manifestantes contra Judith Butler na manifestação nos textos em análise.

3.1 O CANAL IPCO

Antes de introduzir a análise, compreendemos ser relevante apresentar com mais profundamente os canais que produziram, editaram e publicaram os vídeos aqui em investigação. O primeiro deles é o canal do IPCO, “Instituto Plínio Correia”. No dia 05 de dezembro de 2019, às 19h e 12min observamos na página deste grupo no Youtube, a seguinte descrição:

Figura 16: descrição texto 1.

Voluntários da Ação Jovem do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira compareceram no último dia 7/11/2017, em frente ao SESC Pompéia com amigos do movimento pró-família e pró-vida, para protestar contra a conferência da ideóloga de “gênero” Judith Butler nessa instituição financiada com recursos públicos.

Categoria **Sem fins lucrativos/ativismo**

Fonte: acervo próprio da autora, 2019.

O Instituto Plínio Corrêa de Oliveira (IPCO) é assim intitulado porque seus membros se dizem discípulos de Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995), fundador da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (SBDTFP ou somente TFP). Essa Sociedade, fundada no ano de 1960 em São Paulo, tem como principal objetivo “enfrentar e barrar as investidas esquerdistas e progressistas e suas influências pretensamente deletérias para o Estado e a Igreja” (ZANOTTO, 2010, p. 91). Ela conta com entidades afins e unidades de representação em 28 países, configurando assim “uma escola internacional de pensamento e ação pautada essencialmente na obra pliniana e que tem demonstrado uma influência considerável em grupos e movimentos religiosos e políticos de diversos países, especialmente os ocidentais.” (ZANOTTO, 2007, p. 5).

A forma de atuação desse grupo ocorre por meio de “termos manifestos, abaixo-assinados, reuniões de divulgação, publicações de obras devocionais e doutrinárias, programas de formação, caravanas de divulgação, retiros espirituais, etc.” (ZANOTTO, 2010, p. 91). A atuação na manifestação contra Judith Butler, inclusive, foi uma das caravanas promovidas por eles. De acordo com o próprio site do Instituto³⁵, os principais temas aos quais essas caravanas se propõem são “pela Família Tradicional e a Vida Humana Inocente” que saem em direção ao contato direto com a população

com a finalidade de alertá-la sobre as artimanhas dos movimentos organizados pró-aborto e pró-agenda homossexual, que procuram impor suas ideologias e suas práticas antinaturais através da imprensa, de projetos de lei e decisões do Judiciário (INSTITUTO PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA, [n.d], [n.p]).

Desse modo, a atuação do *movimento católico*³⁶ na manifestação contra a palestra de Butler não ocorreu de forma aleatória, ela está pautada no propósito de existência

³⁵ Disponível em: <https://ipco.org.br/o-que-sao-as-caravanas/>. Acesso em: 06 dez. 2019.

³⁶ “Categoria proposta por Pablo Richard e que contempla justamente as instituições confessionais que estão fora do espectro eclesial, ou seja, os movimentos católicos são estruturas (organizações, movimentos, grupos, etc.) explicitamente confessionais ou religiosas, mas não diretamente dependentes das estruturas eclesiais hierárquicas, nem derivadas ou representativas de uma identificação ou de uma relação de poder entre uma estrutura eclesial e outra de tipo social, política ou cultural”. (RICHARD, 1982, p. 11 apud ZANOTTO, 2010, p. 92)

do Instituto que, por sua vez, é atuante em muitas partes do Brasil conforme pode ser visto no próprio site. Há diversos vídeos da atuação do grupo protestando com slogans contra a “ideologia de gênero” em vários estados do país assim como fizeram na manifestação foco de nossa análise.

Para além do tema supracitado, as caravanas ainda atuam em defesa da “Propriedade Privada”, contra as ideias socialistas de propriedade e visam a alertar o povo brasileiro também sobre isso, como mostra o excerto “sobre o perigo de uma legislação cada vez mais socialista que, sob pretexto de defender a natureza, visa apenas coibir a propriedade privada e a livre iniciativa, pilares de uma ordem verdadeiramente Cristã.” (INSTITUTO PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA).

Conforme Zanotto (2010), este grupo é formado exclusivamente por homens jovens e solteiros que são atraídos por um discurso anticomunista e em defesa de uma civilização cristã que está, segundo eles, sendo atacada, corrompida e destruída. Até o momento, as temáticas que mais mobilizaram os membros do TPF foram contra a reforma agrária, contra os Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), contra o progressismo católico, contra desarmamento de civis, contra o aborto, em defesa da família monogâmica e indissolúvel, entre outros. Ainda segundo a autora, muitas pessoas julgam o grupo como uma seita, um movimento iniciático ou mesmo um grupo fanático, porém isso silencia ou desconsidera uma atuação político-social e cultural da entidade em prol de valores tradicionais “e lutas por uma sociedade hierárquica, patriarcalista, pautada na inviolabilidade da propriedade privada e em uma estrutura de privilégios, coadunada com a proposta política conservadora” (ZANOTTO, 2010, p. 96).

O instituto tem um lugar de destaque dentre os grupos conservadores de São Paulo, promovendo diversas caravanas dentro do Brasil e impulsionando esses posicionamentos e pensamentos que corroboram para práticas sociais como as de repúdio à temas sobre gênero, sexualidade e, inclusive, o de democracia, que foi o foco de estudos deste seminário. Esses posicionamentos conservadores propagados pelo IPCO estão presentes nos discursos dos manifestantes conforme será visto ao longo da análise.

Os participantes representando o IPCO presentes na manifestação contra Judith Butler não podem ser identificados e com isso não podemos categorizá-los de forma homogênea. Por isso, entendemos que há possibilidade de existirem pessoas de diferentes religiões compondo aquele grupo de manifestantes, inclusive evangélicas. Porém, nossa linha interpretativa não se propõe a identificar quem são essas pessoas individualmente. Conforme

será apontado pelos dados, identificamos sim um grupo com forte vínculo religioso alimentado por uma tradição judaico-cristã de inspiração católica, conforme consta na própria denominação do grupo vista anteriormente.

No vídeo da manifestação, especificamente no minuto 2:23, o líder do IPCO explicita os vínculos com aspectos religiosos, principalmente católicos. Além disso, a partir do minuto 2:23 até 2:32, há um foco na imagem do líder do instituto, que com o microfone em mãos, fala à sua audiência e contra o evento. As figuras 17 e 18 mostram o momento citado.

Figura 17: fala líder IPCO antes do zoom.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

É possível identificar que na figura 17 a parte de trás da bruxa aparece pela primeira vez no texto multimodal, porém os índices que nos apontarão para uma construção performativa da bruxa será nosso foco de análise somente no próximo tópico do capítulo. Por ora, queremos dar destaque à bandeira brasileira que pode ser melhor observada na figura abaixo e que nos ajuda a compreender quem são esses manifestantes. Já na figura 18, temos o foco no líder do IPCO em plano destacado:

Figura 18: fala líder IPCO com zoom.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Durante o referido jogo de imagens proporcionadas pela lente da câmera, o líder faz o seguinte texto:

O Brasil não é *Sodoma*, o Brasil não é *Gomorra*, o Brasil não é Venezuela, o Brasil não é Cuba. O Brasil é e deve ser sempre a *Terra de Santa Cruz*. Quando *Herodes* perseguiu as crianças com menos de dois anos com o objetivo de matar o menino *Jesus*, a *sagrada família* teve que fugir para o Egito. Nós imploramos à *sagrada família*, não fuja do Brasil (...)

É possível perceber nos índices linguísticos destacados como, por exemplo, *Sodoma*, *Gomorra*, *Herodes*, *Jesus*, *sagrada família*, *Terra de Santa Cruz*, as marcas dessa vinculação religiosa. Sodoma e Gomorra, segundo a Bíblia, foram duas cidades destruídas por Deus com fogo e/ou enxofre que caíram do céu. Essas cidades representam o pecado, as ações contrárias às famílias cristãs e que, por esse motivo, foram destruídas por um deus cristão, marcado pelo masculino que não admitia a desobediência das normas impostas por ele. Segundo o livro sagrado, isso ocorreu porque seus habitantes tinham práticas e atos considerados imorais. Dessa forma, podemos entender que o líder religioso, ao dizer que o Brasil não é Sodoma ou Gomorra, aponta para o afastamento da imoralidade do Brasil para que, assim como essas cidades, nosso País não seja destruído por Deus. Para eles, as discussões de gênero e sexualidade ou qualquer outra que contrariem as regras impostas por Deus, são imorais, depravadas e transgressoras e, por isso, devem ser combatidas e destruídas, pensamento esse

que nos aponta para os discursos criados em *Malleus Maleficarum*, conforme fora demonstrado no capítulo 2 deste trabalho.

O uso do termo “Terra de Santa Cruz” para se referir ao Brasil aponta para um forte elo com o cristianismo e ideais conservadores, reiterando a inspiração católica que o próprio grupo diz ter. Por isso, a escolha do termo Terra de Santa Cruz para se referir ao Brasil não parece aleatória.

De acordo com Souza (1986), durante as grandes navegações os dois objetivos principais dos portugueses eram os de expandir o mercado e difundir a fé católica. Conseguiram chegar aos resultados almejados deixando um grande lastro religioso durante os anos subsequentes, se estendendo até os dias atuais, como podemos observar refletido na estrutura do próprio grupo IPCO.

Contudo, conforme nos aponta Souza (1993), o Brasil é o único país do mundo que carrega em seu nome a tensão entre Deus e Diabo. A autora diz, baseada nas narrativas dos invasores portugueses católicos, que 03 de maio foi o dia em que Pedro Álvares Cabral levantou a cruz nas novas terras, sendo essa também a data que se celebra a invenção da Santa Cruz na qual Cristo foi crucificado, por isso o nome Terra de Santa Cruz. Porém, havia na época uma abundância de árvores chamadas de pau-brasil, de onde era retirada tinta vermelha para tingir tecidos, sendo o nome Brasil o mais utilizado pela maioria das pessoas viventes naquele período histórico. A grande tensão ocorrida deu-se ao fato de que algumas personalidades da igreja católica, como o frei Vicente do Salvador, João de Barros, dentre outros, construíram uma argumentação de que essa mudança de nome ocorreu graças a uma ação do diabo que ficaria lembrada para sempre pelas chamas vermelhas do inferno representadas pela coloração da árvore que deu nome ao Brasil e afastou o nome santíssimo.

Com isso, podemos entender que a insistência do IPCO pela utilização do termo Terra de Santa Cruz para se referir ao Brasil demonstra, para além de uma mera opinião ou escolhas aleatórias de palavras, uma demarcação de espaço e autoridade. Quando uma terra é conquistada, quando uma nova fórmula ou remédio é descoberto, quando uma criança nasce, existe a necessidade de nomeá-los; porque só assim será possível identificar aquele objeto ou pessoa no todo. Todavia, ao fazer isso, estamos, sobretudo, atribuindo uma marca de pertencimento, o que nos transfere um sentido de propriedade, ou seja, ao estabelecer um nome está sendo gravada naquela coisa, pessoa ou terra, a sua marca de existência no mundo e, com ela, características linguísticas que a vinculam a alguém que detém a sua propriedade, direito e/ou obrigação. Para além disso, a escolha pelo termo Terra de Santa Cruz no lugar de Brasil,

também aponta para uma escolha do nome anterior à suposta ação do demônio que afastou o nome santíssimo, explicitando novamente essa necessidade dos manifestantes em demonstrar um repúdio ao demoníaco.

Como podemos ver na figura 19, o líder do IPCO ainda aparece falando às pessoas e a bruxa aparece com um pouco mais de clareza no canto direito da imagem, estando mais alta do que todos os manifestantes e com uma marca de gênero em seu cabelo e na pele da boneca, pistas essas que serão melhor trabalhadas no próximo tópico.

Figura 19: líder, bandeira e bruxa.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

O item que ganha destaque através deste enquadre é a bandeira nacional posicionada no meio da imagem ocupando grande parte da tela, comparecendo inclusive enlaçada ao corpo da mulher no canto inferior direito da imagem, fato recorrente ao longo de toda a manifestação como é possível observar na imagem abaixo, retirada do minuto 1:47 do texto multimodal veiculado pelo canal citado.

A Bandeira Brasileira foi utilizada em momentos diferentes, por várias pessoas e repetidas vezes. Essa insistente repetição mobiliza um sentido de importância e representação, nos mostrando que a Bandeira foi um símbolo utilizado por eles, que nos aponta para a essência da própria manifestação. Podemos observar com mais clareza na figura 20 que a Bandeira não é somente hasteada, ela também é utilizada de outras formas, como é o caso da senhora com um cartaz rosa que a utiliza amarrada na cintura como uma saia, ou a pessoa no centro da imagem que a utiliza como uma capa.

Figura 20: pessoas com a bandeira enlaçada ao corpo.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Este movimento de enlaçar a Bandeira ao corpo pode trazer a ideia de uma proteção mútua, em que a bandeira protege o cidadão e este, por sua vez, defende os ideais nacionalistas. Considerando a legislação sobre a bandeira, legal e teoricamente, esses participantes estariam cometendo um crime justamente contra aquilo que dizem estar em defesa. Segundo Art. 31 da Lei nº 5.700 de 1971, utilizar a Bandeira como roupagem é considerado um desrespeito à Bandeira Nacional, sendo uma atitude proibida e sujeita a “multa de uma a quatro vezes o maior valor de referência vigente no País, elevada ao dobro nos casos de reincidência” (BRASIL, 1971, Art. 35). Contudo, no contexto atual, a bandeira é um símbolo que representa as ideias da extrema direita no país e os ideais do governo vigente.

Ao entextualizarem a Bandeira Nacional, os participantes iteram, através desse símbolo, sentidos nacionalistas e conservadores, mas também trazem novos significados que aqui serão abordados mais adiante. A Bandeira Brasileira, como muitos podem achar, tem na cor verde a representação da mata, no amarelo as riquezas e no azul o céu. No entanto, essa relação nunca existiu³⁷. Anexaremos abaixo a imagem da Bandeira do Brasil para que fique mais clara sua representação em nossa mente.

³⁷ Esta informação e todas as outras que se referem aos significados contidos nos formatos e nas cores da Bandeira estão disponíveis em: <https://bandeiranacional.com.br/>. Acesso em: 18 fev. 2020.

Figura 21: Bandeira do Brasil.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Os formatos do retângulo verde e do losango amarelo foram entextualizados da Bandeira do Império que também tinha esses mesmos tons de cores, como pode ser visto na figura 22. Esse é o primeiro aspecto que nos aponta para uma tendência conservadora. A criação da Bandeira Nacional se deu logo após a Proclamação da República para marcar uma interrupção do Governo Monárquico. Porém, segundo o próprio Decreto N° 04 de 19 de novembro de 1889³⁸, as cores nacionais – verde e amarelo – foram mantidas porque “*recordam as luctas e as victorias gloriosas do exercito e da armada na defesa da pátria*” (BRASIL, 1889, Considerações iniciais). Diz, ainda, que essas cores nacionais “*independentemente da fôrma de governo, simbolizam a perpetuidade e integridade da patria entre as outras nações*”. Podemos interpretar daí que o próprio movimento de mudança de Governo, por mais que nos traga um novo símbolo nacional, ainda conserva valores imperiais sustentados por uma argumentação de luta armada e em defesa da pátria, assim como o próprio uso da palavra “perpetuidade” que marca esse não rompimento definitivo com o Regime Monárquico.

³⁸ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D0004.htm. Acesso em: 18 fev. 2020.

Figura 22: Bandeira do Império.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Em resumo, o verde traz muitos significados, mas recorda principalmente a casa de Bragança, a filiação com a França e o estandarte dos bandeirantes. O amarelo recorda o período imperial, o sol, mas também a casa dos Habsburgos e a casa que pertencia a D. Leopoldina, esposa de D. Pedro I. Já o azul, além de remontar a nacionalidade lusitana, também homenageia a história do Cristianismo e a mãe de Jesus, padroeira de Portugal e do Brasil³⁹.

Tendo em vista essas significações podemos entender que a ativação das bases de ancoragem de memória da Monarquia, da tradição, da Pátria, do respeito à Armada, da Família e do Cristianismo, é estabelecida e iterada todas as vezes em que é entextualizado o símbolo da Bandeira Nacional. Com isso, podemos perceber que a escolha da Bandeira do Brasil como símbolo principal da manifestação não se deu de forma aleatória, foi escolhida porque itera os valores conservadores, nacionalistas, patrióticos e cristãos que, a esses manifestantes, são essenciais.

Portanto, ao repetirem este símbolo, estão dizendo que para ser um defensor da Pátria, não basta ser brasileiro, precisa defender valores e crenças conservadoras, nacionalistas e cristãs. Logo, todas as outras práticas e ideias que, segundo eles, vão contra esses valores, são consideradas contrárias à Pátria e devem ser combatidas. No entanto esse aspecto será melhor aprofundado no item referente à análise do texto multimodal, veiculado pelo canal PAVIO. Por

³⁹ Como já dito em notas anteriores, todas essas informações referentes ao formato e cores nacionais estão disponíveis em: <https://bandeiranacional.com.br>. Acesso em: 18 fev. 2020.

ora, iremos continuar nosso entendimento sobre a ressignificação da Bandeira nessa manifestação.

Podemos perceber que a própria criação de uma bandeira marca a necessidade de pertencimento, que pode ser utilizado tanto para passar uma informação de união quanto de divisão⁴⁰. Isso fica muito claro, por exemplo, quando observamos territórios em guerra onde são hasteadas bandeiras a fim de demarcar um espaço como sendo de domínio aliado ou inimigo. Para além disso, a bandeira, ao ser fincada em terra, mostra o domínio daquele espaço por um determinado grupo, como foi feito pelos Portugueses após sua chegada em terras Ameríndias.

Trazendo essas informações para o nosso contexto de análise, interpretamos que, independentemente de toda simbologia que a Bandeira Brasileira traz nos significados de suas cores que aqui já foram trabalhadas, a utilização da figura da bandeira aponta para esse sentido de disputa, guerra e demarcação de espaço. Nesse sentido, a Bandeira Brasileira, nessa manifestação, deixa de ser utilizada como um símbolo de união de um povo ou expressão de uma nação e passa a ser ressignificada como um símbolo que defende as ideias de um determinado grupo. Em outras palavras, a Bandeira do Brasil nessa manifestação deixa de ser um símbolo nacional que representa o todo e passa a ser utilizada para simbolizar as crenças, os valores e os discursos de um grupo que defende ideias extremistas de nacionalismo, patriotismo e cristianismo. Essa marca de nacionalismo permanece ao longo de todo o texto, tendo sido escolhida inclusive uma música de fundo concernente a uma melodia que lembra algum tipo de hino nacional⁴¹ ou, melhor dizendo, um som que remete a sentidos de pátria, militarismo, autoridade e hierarquia.

Nesse sentido, podemos entender também que ali está sendo defendida uma conservação de valores postos como verdadeiros dentro dos seus construtos de ideias de verdade, ao mesmo tempo em que querem destruir todo o restante dos discursos e práticas que não reiteram essas ideias de verdade por eles defendidas. Ainda trazendo um sentido específico da Bandeira e, concomitantemente entrando na construção de gênero ou ainda na atribuição de gênero defendida por esse grupo, queremos explicitar o que significa o losango amarelo da Bandeira.

⁴⁰ Informações disponíveis em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/07/01/internacional/1435706029_139611.html. Acesso em: 18 fev. 2020.

⁴¹ Conforme a aba de descrição a música está contida em um álbum cujo nome é música militar da era da razão, porém não existe link para a música.

Esse losango amarelo contido na Bandeira do Brasil e herdado da Bandeira do Império, expressa uma representação da mulher na posição de mãe, esposa, irmã e filha⁴². Não aleatoriamente, essas são também as posições que a mulher pode exercer socialmente, na concepção desses manifestantes. Essa marca de feminilidade comparece em alguns momentos durante o texto multimodal, estando representada, inclusive, pelas cores das roupas dos manifestantes, como se pode ver abaixo na imagem retirada do minuto 3:02 do texto multimodal disponibilizado pelo canal IPCO.

Figura 23: destaque para marcas de feminilidade e masculinidade.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

As setas amarelas na figura 23 mostram pistas indexicais que nos apontam para uma marcação de gênero. Na figura 24 o rosa e o azul também se destacam dentre as cores sóbrias utilizadas pela maioria dos manifestantes. O cinza, o marrom e o preto são muito utilizados na vestimenta desses participantes, mancando uma homogeneidade e um mesmo sentido de grupo.

⁴² Essas informações estão disponíveis em: <https://bandeiranacional.com.br/>. Acesso em: 18 fev. 2020.

Figura 24: cores dos cartazes.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Dentre as cores sóbrias, algumas outras são utilizadas, não para contrapor as ideias comuns, mas para apoiar e reiterar esses valores e crenças que naturalizam e padronizam gêneros e que compõem as ideias de verdade do grupo, como o rosa observado na camiseta da mulher na imagem e usado por pessoas femininas, isto é mulheres. Na figura 24, retirada do minuto 1:26, existem algumas setas indicando para dois cartazes e para o nome do SESC. O cartaz à esquerda é amarelo e, conforme visto anteriormente, essa cor é uma das cores que representam a pátria. Entretanto, este mesmo cartaz está marcado com letras pretas que, segundo o dicionário de símbolos⁴³, representam o mal justamente por ser um sinal de ausência de cores. O preto também aparece no cartaz à direita da mesma figura, mas está marcado com letras vermelhas que, segundo o mesmo dicionário, quando é de um tom mais escuro representa perigo e guerra. Já o nome do SESC Pompéia é marcado há muitos anos com a cor vermelha e, não havendo nenhuma outra combinação de cores nesse nome, o tom de vermelho mais claro é considerado como uma cor estimulante e da criatividade.

Além disso, o vermelho também é uma cor que pode trazer algumas representações vinculadas ao comunismo, ao PT e, até mesmo, a questões demoníacas, conforme a própria história do nome do Brasil, exposto no início deste tópico. A propriedade privada é uma das principais pautas do IPCO e seus adeptos chegam, muitas vezes, até esta instituição juntamente por se identificarem com seu posicionamento anticomunista. Logo, a vinculação feita entre comunismo e PT, que pode ser vista no excerto abaixo, só nos aponta

⁴³ Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/significado-cores/>. Acesso em: 18 fev. 2020.

novamente para a essência do grupo e também da manifestação como um todo. Ao atribuir a queda do PT a um fracasso do comunismo, eles se colocam automaticamente como vencedores, sentido que permanece ao longo de todo o texto multimodal. Porém, não entraremos profundamente em questões políticas no presente trabalho, o que nos é necessário perceber, no excerto retirado do minuto 2:23, é o objetivo dessa manifestação segundo o IPCO.

(...) E é por isso que nós lutamos contra o aborto, lutamos contra o casamento homossexual, contra a agenda do movimento homossexual, contra essa malfadada e nefasta ideologia de gênero que quer expulsar, na verdade, a família e quer expulsar do Brasil as bênçãos do menino Jesus e é por isso que nós somos contra essa ideologia, somos contra o comunismo que envergonhado do seu fracasso com a queda do PT, tenta se refugiar nas questões culturais, tentam impor a ideologia de gênero às crianças na mais tenra idade (...)

Podemos identificar, pelos índices linguísticos em destaque, que através dessa enunciação nos é mostrada qual a pauta de reivindicação do grupo. Em específico, no primeiro trecho em destaque, o representante do IPCO mostra claramente que a manifestação se coloca contra o aborto, contra o casamento homossexual, contra a pauta do movimento homossexual e contra a “ideologia de gênero”.

Quando é demarcado um antagonismo entre família e casamento homossexual, fica claro que, para o grupo, a família é composta naturalmente e exclusivamente por um casal heteronormativo, como pode ser muito bem observado na figura 25, retirada do minuto 2:11.

Figura 25: base da sociedade.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Uma vez estabelecida essa ideia de verdade, eles excluem todo e qualquer tipo de família que foge do modelo dito tradicional, considerado por eles a gênese de tudo e a base da sociedade. No entanto, ao ser estabelecida, na fala do líder, uma diferença entre casamento

homossexual e agenda do movimento homossexual, é exposto que a luta deles não é somente contrária a união entre pessoas do mesmo sexo, eles apontam que estão contra qualquer pauta de luta que seja coligada a aspectos que englobem reivindicações favoráveis a uma equidade entre gêneros.

Isso também fica expresso quando o líder enuncia estarem contra a malfadada e nefasta ideologia de gênero. Esse termo permanece ao longo de toda a manifestação, sendo utilizado como principal critério de argumentação contra a fala de Judith Butler. Nos 0:28 segundos do texto multimodal, o que consta é a informação de que Butler é a pioneira dessa ideologia. Mas apesar dessa afirmação ser feita, não pudemos encontrar em qualquer de seus livros uma definição deste termo, o que nos levou a buscar de onde ele surgiu.

A autora escreveu um artigo⁴⁴ sobre o presente evento e nele nos deu uma pista de onde encontrar a definição deste termo. Ela diz que as bases para esta apreensão do gênero como uma ideologia foi introduzida pelo Papa Bento XVI em 1997 antes mesmo dele o ser assim considerado. Porém, a pensadora aponta que pode ter sido somente em 2010, com o lançamento do livro “La Ideologia de Género”, que tenha existido o ponto de virada das recepções de gênero não só no Brasil como na América Latina como um todo.

Scala (2011) afirma que o gênero é uma ideologia que se estabelece de maneira sutil e faz isso através da linguagem, utilizando-se de propagandas e meios de educação formal. Essa ideia do autor fica exposta, por exemplo, no final do excerto do representante do IPCO, quando diz que o comunismo tenta se refugiar em questões culturais e aí podemos entender porque esses manifestantes se colocam tão veementemente contra o SESC, já que vinculam a cultura a um veículo para difusão de ideias comunistas. Essa teoria de Scala também se faz presente na manifestação quando os participantes se colocam contra o ensino de saúde sexual e reprodutiva nas escolas, teoria que também se manifesta em toda a contrariedade expressa pelo movimento escola sem partido.

O autor ainda aponta que o gênero, apesar de ser a principal palavra utilizada para o que ele chama de “lavagem cerebral”, não é a única. Com isso, ele dá exemplos de algumas locuções utilizadas para complementar a argumentação significada por ele, como ideológica, e explica ao que cada uma delas corresponde. Como o nosso objetivo aqui é uma apreensão crítica da realidade, não iremos nos deter a tais explicações, sendo necessário a nós

⁴⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acesso em: 21 nov. 2019.

somente ter noção de algumas dessas locuções, significadas por eles como sendo palavras utilizadas para manipulação comunista. São elas:

opção sexual, igualdade sexual, direitos sexuais e reprodutivos, saúde sexual e reprodutiva, igualdade e desigualdade de gênero, "empoderamento" da mulher, "patriarcado", "sexismo", cidadania, "direito ao aborto", gravidez não desejada, "tipos" de família, "androcentrismo", "casamento homossexual", sexualidade polimórfica, "parentalidade", "heterossexualidade obrigatória" e "homofobia" (SCALA, 2011, p. 13).

O autor continua a sua compreensão enviesada dizendo ainda que a "ideologia de gênero" foi criada pelo terceiro movimento feminista, nomeado por ele de "feminismo de gênero" que seriam então as feministas radicais responsáveis por rejeitar e negar a natureza humana. Em suma, quando os manifestantes estão utilizando o argumento da "ideologia de gênero" seja em suas falas, cartazes, ou até mesmo nas cores - azul e rosa - para marcar uma padronização de gênero, estão indexando as ideias deste autor. A ideologia de gênero para eles, então, é uma forma de ensinar nas escolas e massificar em propagandas de massa as noções de que não existem diferenças biológicas entre homens e mulheres, que o sexo, aborto, prostituição, pedofilia são normais na sociedade e que o a sexualidade é uma opção.

Apesar de Ratzinger, conhecido hoje como Papa Bento XVI, já tenha em 1997 iniciado uma contraofensiva político-discursiva que atacava as ideias feministas, foi somente em 2007 com a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM) que as questões relacionadas a defesa do conceito tradicional de família foram de fato implementadas, já que a Igreja dizia que esse conceito estava sendo ameaçado e, portanto, precisariam travar uma batalha contra a "ideologia de gênero". Este documento conhecido como "documento de Aparecida" passou a ser declarado em toda a América Latina a partir de então (MISKOLCI e CAMPANA, 2017).

Segundo esses autores "a luta contra a "ideologia de gênero" é uma forma de resistência contra os recentes avanços que vêm se dando na América Latina em matéria de direitos sexuais e reprodutivos" (MISKOLCI e CAMPANA, 2017, p. 728). Na América Latina se deram diversos avanços nesses aspectos, como por exemplo em Cuba, Guiana e Uruguai⁴⁵, o aborto é permitido independente do motivo; Equador, sendo o quarto país a aprovar o casamento gay, sendo os anteriores Brasil, Argentina e Colômbia⁴⁶; e Chile e Argentina, com a

⁴⁵ Disponível em: <http://www.generonumero.media/portugal-espanha-e-uruguai-o-que-aconteceu-apos-legalizacao-do-aborto/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

⁴⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/equador-se-torna-quarto-pais-da-america-latina-aprovar-casamento-gay-23736361>. Acesso em: 12 jan. 2020.

implementação do Programa Nacional de Educação Sexual Integral, sendo o Chile o pioneiro, em 1960, e a Argentina tendo atingido recentemente, em 2006. Os demais países da América Latina, incluindo o Brasil, têm grandes dificuldades na implementação de tais direitos sexuais e reprodutivos já que as investidas para essa implementação estão sendo prejudicadas e sofrendo pressão de setores conservadores da sociedade.

Com isso, conseguimos perceber que é estabelecido por esses manifestantes um vínculo entre religião e política, e que por conta de uma enviesada concepção cristã de mundo, pretendem bloquear os avanços sociais, civis e políticos que abarquem as pessoas que não pensam como eles, ou seja, querem eliminar liberdades que não correspondam aos valores judaico-cristãos. Esse sentido não é novo na história da humanidade, nos apontando para o período retratado no capítulo 2 deste trabalho, onde abordamos que as principais práticas que foram taxadas como criminosas estabeleciam relação com o controle sexual e reprodutivo dominado pelas mulheres, consideradas bruxas. Logo, deliberar juridicamente a favor da descriminalização do aborto, por exemplo, é romper com as amarras que ainda nos prendem aos períodos medievais e inquisitoriais, o que nos parece, tendo em vista toda a investida deste grupo de inspiração católica, um grande passo ainda a ser dado.

Uma vez entendido quem são esses participantes e o que eles pretendiam com essa manifestação, podemos partir para a construção da resposta da nossa primeira pergunta de pesquisa, no que diz respeito ao texto multimodal produzido pelo canal IPCO.

3.2 CONSTRUÇÃO PERFORMATIVA DA BRUXA NA MANIFESTAÇÃO VEICULADA PELO CANAL IPCO

A fim de iniciar nosso percurso com vistas a entender como se deu essa construção performativa da bruxa na manifestação exposta através das lentes do canal IPCO, precisamos voltar a figura em que aparece pela primeira vez a imagem da bruxa neste texto multimodal.

Figura 26: primeiro aparecimento da bruxa IPCO.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

Conforme exposto na figura 26, retirada do minuto 3:02, a bruxa aparece pela primeira vez, com certa nitidez, no texto multimodal veiculado pelo canal IPCO. Perceba que em um vídeo de 6:15, somente no minuto 3:02 a bruxa aparece no texto. Isso nos mostra que, embora ela tenha sido um símbolo utilizado por esses manifestantes, por algum motivo, não ganhou destaque no texto publicado. Mas esse motivo será melhor abordado um pouco mais à frente ainda neste tópico. Por ora, vamos entender o que esta imagem da bruxa destacada pelo círculo amarelo nos mostra.

Observem que à esquerda da imagem está o líder do IPCO, uniformizado e enunciando o seu discurso já analisado no tópico anterior e a bandeira do Brasil, no centro da imagem ocupando parte central da tela, iterando uma linguagem também já abordada no tópico 4.1. Nossos esforços analíticos centram-se agora na figura da boneca em formato de bruxa exposta à direita na imagem. Como é possível perceber, ainda que a boneca esteja de costas para a câmera, ela está no meio das pessoas e mais alta que todos, demonstrando com isso que além de fazer parte da manifestação é uma figura colocada em destaque pelos manifestantes ali presentes.

O índice que nos aponta para a identificação da figura da boneca como sendo uma bruxa é o chapéu pontudo, secularmente utilizado e entextualizado para representar bruxas. Muitos caminhos podem ser feitos com o intuito de explicar essa representação da bruxa através

do chapéu e alguns deles podem ser encontrados em sites⁴⁷ livres dentro do meio online. Uma das explicações encontradas traz significações referentes à uma facilitação da comunicação dessas mulheres com as energias do Universo, e principalmente porque esse formato de cone pontudo, inspirado nas pirâmides de Egito, teria o poder de potencializar energias. Outra explicação também dada é a de que esse símbolo foi incorporado na Idade Média, período esse em que a produção da cerveja era dominada pelas mulheres. Elas então utilizavam um chapéu pontudo para se destacarem no meio da multidão e serem mais facilmente identificáveis e assim conseguirem vender seus produtos.

Aqui não nos cabe entender qual foi a origem ou mesmo qual história pode ser a verdadeira. O que podemos identificar nessas diferentes formas de interpretação é que o marcador de gênero estava sempre presente nas explicações e que essas mulheres ao utilizarem esse chapéu exerciam uma função de poder ou destaque, podendo ser ele tanto mágico/energético quanto de domínio da produção. Nesse sentido, os manifestantes ao entextualizarem a boneca com o chapéu de bruxa indexam também o poder exercido por essas mulheres ao longo dos séculos.

A marca de gênero pode ser também identificada pela cor rosa na pele da bruxa e pelo cabelo comprido, ou seja, frisa a posição de que a bruxa é uma mulher, e por isso precisa ser feminina, indexando a heteronormatividade e binarismo de gênero defendido por esses manifestantes. No entanto, esses índices só poderão ser melhor trabalhados na análise do texto multimodal veiculado pelo canal PAVIO, que dá uma maior centralidade à imagem da bruxa. Mas percebemos que essa economia de imagens, da manifestação como um todo e principalmente da figura da bruxa, nos aponta para outros aspectos importantes na análise deste conteúdo exposto pelo IPCO.

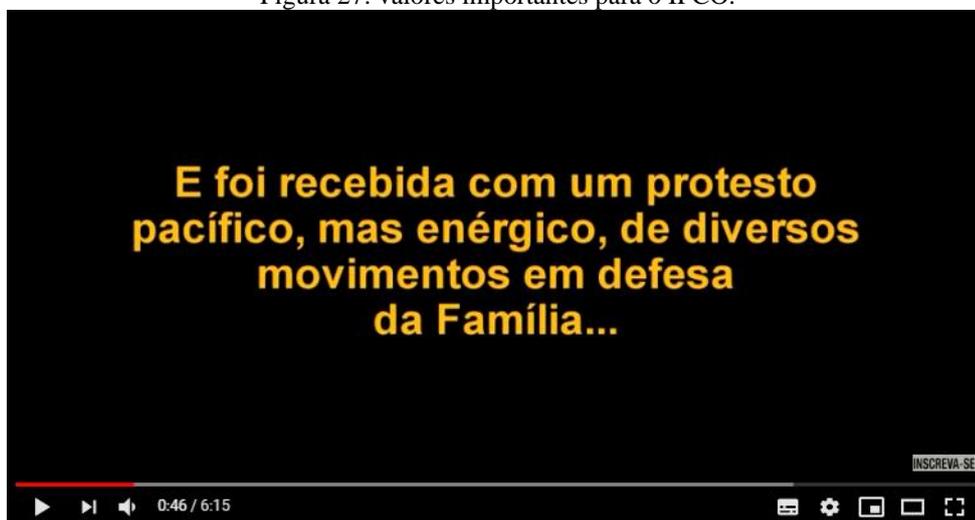
O Instituto inicia o conteúdo do vídeo trazendo imagens que apontam para o período de 2015 em que a autora veio ao Brasil pela primeira vez para participar do Seminário Queer⁴⁸ promovido pela Unicamp e realizado no espaço do SESC Vila Mariana. Neste evento, o IPCO também estava presente e contrários à fala da autora. Nesse minuto do vídeo, que vai desde o segundo 0:34 até o minuto 1:17, eles expõem imagens desta manifestação referente à 2015, e neste momento, mais precisamente no segundo 0:46 eles anexam uma tela, que pode

⁴⁷ Informações disponíveis em: <http://fantasticursos.com/bruxas-5-qual-e-realmente-a-origem-do-chapeu-da-bruxa/>, <https://caillean333.blogspot.com/2015/01/o-significado-do-chapeu-da-bruxa.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

⁴⁸ Informações sobre esse evento estão disponíveis em: <https://www.pagu.unicamp.br/pt-br/i-seminario-queer>. Acesso em: 20 fev. 2020.

ser vista na figura 27, que traz índices linguísticos que apontam para valores incorporados ao longo de todo o texto multimodal e que pode nos ajudar a compreender um dos motivos pelos quais a figura da bruxa não ganha tanto destaque.

Figura 27: valores importantes para o IPCO.



Fonte: acervo pessoal da autora, 2019.

O uso dos índices linguísticos *recebida* e *protesto* são antagônicos, muito embora tenham sido utilizados como complementares. Quando aplicamos o verbo receber, trazemos com ele um sentido de acolhimento, mas quando colocado esse sentido de acolhimento em conjunto com termo *protesto*, o significado passa a ser o contrário ao de acolher, ele ganha um sentido de expulsão. Vale observar que o uso do termo *pacífico* demonstra o valor que o grupo está querendo passar neste texto multimodal, porém com o uso do índice *energético*, eles remontam um significado de força e vigor. Em conjunção com uma análise das cores escolhidas por eles para passar essa mensagem, é possível perceber que a tela é preta, o que aponta para um significado de luto, e a mensagem escrita nela é composta por letras de cor amarela, que conforme já vimos, simboliza a nação mas que de acordo com o dicionário de símbolos, também traz o sentido de esclarecimento.

Logo, interpretando todas essas pistas, identificamos que o grupo cria um invólucro argumentativo pacífico ao mesmo tempo em que investem energia em uma prática de expulsão. Esse cenário é construído por uma ideia de verdade amalgamada por construtos judaico-cristãos sedimentados por práticas seculares de violências e silenciamentos sociais. Portanto, essa defesa da Nação, muito embora seja dita pacífica, pressupõe a supressão de direitos e de vidas de outrem que não comunguem dessas mesmas ideias de verdade defendidas pelo grupo. Deste modo, interpretamos aqui que para não cair em contradição com o próprio

uso de sua linguagem, ou seja, para não se dizerem pacíficos e mostrarem seus atos violentos, não dão ênfase à figura da bruxa sendo queimada em seu texto multimodal.

Para além disso, o único momento em que a figura da bruxa aparece no texto é durante o discurso do líder do IPCO, nunca em primeiro plano e sempre de costas, ou seja, a centralidade e o tom dado pelo grupo está em propagar um discurso e não em expor o contexto da manifestação.

Os manifestantes contra Judith Butler dispõem de um microfone, ou seja, recursos para serem ouvidos. Esses discursos pronunciados são filmados por diversas câmeras e celulares, o que o torna ainda mais entextualizável e iterável. Todo este cenário e aspectos observados nos apontam para o período inquisitorial onde somente os inquisidores detinham os recursos para serem ouvidos; eles criavam as leis, pronunciavam seus discursos e julgamentos, fazendo-os circular e se fazer cumprir, como foi o caso do documento *Malleus Maleficarum*, que mesmo tendo sido anexado oficialmente ao *Index Librorum Prohibitorum* (Lista de Livros Proibidos) no mesmo século de sua publicação, não deixou de ser utilizado e citado frequentemente em “atas de julgamentos de bruxas nas regiões da Alemanha, Grã-Bretanha, Península Ibérica ao longo dos séculos XV, XVI e XVIII” (PORTELA, 2012, p. 13).

Trazemos esse exemplo não com o intuito de incitar uma comparação entre momentos históricos tão diferentes, mas sim com o comprometimento e a necessidade de despertar para a importância do uso da linguagem enquanto prática e ação que pode possibilitar tanto a construção de vidas mais vivíveis ou a destruição delas em detrimento de outras. Em outras palavras, o que fazemos com a linguagem não tem a ver necessariamente somente com o que é verbalizado, mas sim com aquilo que é iterável a partir de todo um conjunto de linguagem que é sedimentado em práticas sociais. Desta maneira, o parco aparecimento da figura da bruxa nesta manifestação veiculada pelo canal IPCO compõe o próprio entendimento a respeito dessa construção performativa, uma vez que a importância dada a ela se configura somente em segundo e terceiro plano, e vinculada a um discurso religioso.

Os aspectos até então apresentados também se expressam na ação realizada do minuto 3:53 até o 5:55 em que os jovens do IPCO erguem cartazes e incitam pessoas a buzinares seus veículos. Podemos perceber com isso que o principal ponto de interesse do IPCO é publicitar como ocorreu a manifestação feita por eles, e todo o resto que fuja desse enquadre passa a ser trivial. Esse aspecto, portanto, não comparece no texto multimodal promovido pelo canal PAVIO.

3.3 O CANAL PAVIO

O canal PAVIO, se compararmos ao IPCO, tem menos informações disponíveis. As que conseguimos encontrar estão no Facebook e no próprio elemento “sobre” do canal do Youtube. Conforme já exposto no capítulo 1, o canal PAVIO se define da seguinte forma “A PAVIO é uma agência de vídeo-reportagem autônoma focada em pautas sobre violações de direitos e mobilizações sociais. Contamos as histórias pela perspectiva de quem está no centro dos fatos”⁴⁹.

Diante desta auto explicação, o canal já nos dá uma pista de que seu interesse principal não é defender uma causa própria. Não são uma organização que tem um líder religioso como é o caso do IPCO, ou mesmo uma instituição ativista. Eles são uma agência de vídeo-reportagem que se propõe realizar um enquadramento mais próximo aos acontecimentos, como se estivéssemos dentro do próprio evento. No entanto, como sabemos que nenhuma linguagem é neutra, o material produzido por esta agência também não seria diferente. A própria agência define qual é o tipo de evento que serão por eles retratados, sendo eles pautas sobre violações de direitos e mobilizações sociais, o que nos dá uma pista de sua tendência política concernente a defesa de minorias sociais.

Dentro dos materiais apreendidos por suas lentes, irão passar para o público uma posição que seja concernente com seus valores. Por esse motivo, buscamos saber um pouco mais a respeito deles utilizando como meio a página no Facebook. Acessamos o Facebook no dia 08 de janeiro de 2020 às 19h e 53 min, capturando a seguinte imagem referente ao ícone “sobre”, na aba história.

⁴⁹ Retirada da aba Início do canal do Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCaCc5U8QuTpT2MCVr6oQGOg/featured_. Acesso em: 08 jan. 2020.

Figura 28: quem somos PAVIO.

Quem somos

 PAVIO · SEXTA-FEIRA, 13 DE ABRIL DE 2018 ·

A PAVIO é uma agência de videoreportagem autônoma focada em pautas sobre violações de direitos e mobilizações sociais. Contamos as histórias pela perspectiva de quem está no centro dos fatos.

Contribuímos com a circulação de informações e denúncias a partir de um olhar autônomo, investigativo e crítico. Nascermos buscando alternativas e sabemos das dificuldades de não rezar cartilhas prontas. Entretanto, é preciso afirmar que fazer mais do mesmo não é nosso desejo, e não o fazer, por consequência, é o nosso desafio.

Fazemos crônica projetada em tela, vídeo escrito à mão. A PAVIO é um olhar invertido sobre o que geralmente é notícia e que não deixa de ser história.

Fonte: acervo pessoal da autora, 2020.

Conforme exposto acima, eles se colocam como criadores de um conteúdo diferenciado que não é habitualmente encontrado ou produzido por jornalistas. Sendo tipificado por eles como um desejo e ao mesmo tempo um desafio fazer um material que não seja mais um em meio à tantos outros. Para além disso, identificamos uma premissa da agência em produzir um conteúdo autoral com um toque de crônica, isso quer dizer que estão interessados em eventos cotidianos traduzindo-os de forma leve, simples, criativa e de fácil entendimento para quem os assistir.

Em resumo, o que conseguimos identificar deste canal é que eles pretendem estabelecer uma narrativa sobre determinados acontecimentos que embora não seja exposto por um jornalismo hegemônico, é ainda assim jornalismo de qualidade, crítico e que expõe uma face da história que talvez não pudesse ser apreendida pelas lentes de jornalistas tradicionalistas. Após essa breve interpretação feita através da própria definição exposta pelo grupo, podemos entrar no texto multimodal com alguns elementos mais amadurecidos para a análise.

Conforme exposto na figura 29, o primeiro segundo do texto já mostra símbolos que definem toda a manifestação. Os índices religiosos (crucifixo e Bíblia aberta) que são elevados pelos dois manifestantes, expõem o caráter judaico-cristão incorporado em seus discursos, questão essa que será abordada no próximo tópico deste capítulo. O áudio deste momento do vídeo é a própria fala desses manifestantes que é “não, não a essa ideologia”. Essa mesma mensagem também pode ser observada no cartaz que aparece no segundo plano da

imagem que diz “Não a ideologia de gênero”, ou seja, através desse enquadre eles expõem na forma de áudio, imagem e movimento de câmera a própria essência da manifestação.

Figura 29: primeiro segundo do texto multimodal do canal PAVIO.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

Além disso, o enquadre da câmera coloca os manifestantes em primeiro plano e de forma central, o que explicita e afirma a própria premissa do canal que é a de expor mobilizações dentro da lógica dos próprios manifestantes. Contudo, observem que o enquadre dado à lente da câmera demonstra também o posicionamento do canal frente à mobilização em andamento. O cinegrafista do PAVIO, ao se posicionar do lado oposto ao grupo conservador, está demonstrando que esse evento está sendo realizado por esse grupo, mas que a agência de vídeo reportagem está contra esse evento. Se estivessem coadunados à prática exercida pelo grupo conservador o cinegrafista estaria filmando ao lado desses manifestantes, demonstrando ser um desses participantes, o que nos daria então um outro tipo de enquadre.

Logo, desde o primeiro segundo do texto multimodal já conseguimos identificar qual o posicionamento do canal PAVIO frente ao evento e qual a sua premissa em ação. Na figura 30, retirada do segundo 0:09, podemos observar que no primeiro plano da imagem eles anexam um texto escrito. Este texto é escrito na cor branca que, conforme o dicionário de símbolos, transmite tranquilidade, paz e segurança. Essas palavras estão inseridas em um retângulo de fundo transparente, o que demonstra o cuidado do canal em não interromper as imagens que expõem a manifestação.

Figura 30: policiais e SESC Pompeia.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

Percebam que no texto escrito, anexado no primeiro plano da imagem, é utilizado o índice linguístico *filósofa* para identificar quem é Judith Butler, ou seja, eles fazem a escolha de marcar esta mulher enquanto uma pensadora. Na frase seguinte incluem a filósofa como uma figura que veio para *participar* de um colóquio e em seguida se utilizam das aspas para citar o nome do evento, que em nenhum momento foi citado pelo canal IPCO, por exemplo. E além disso, quando utilizam o índice linguístico *colóquio*, indexicam um sentido de interação, conversa, e ao dizerem que isso acontecerá no espaço do SESC Pompéia, colocam essa instituição como facilitadora desse diálogo. Todas essas pistas, nos indicam também que o canal PAVIO expressa um posicionamento favorável à realização do evento e de respeito à trajetória acadêmica de Judith Butler.

Ainda na figura 30 podemos perceber que em segundo plano estão as (os) policiais, transmitindo, assim, uma mensagem de que o evento está sendo observado por agentes de segurança. Mas, pela postura relaxada assumida por eles, podemos interpretar que não estão identificando naquele contexto motivo para preocupação.

Até o momento, podemos identificar que o canal PAVIO está comprometido em explicitar quem são esses manifestantes e quais discursos eles estão indexicando. Por mais que estejam assumindo uma posição favorável ao evento, trazem discursos tanto dos manifestantes contra a realização do seminário quanto os que estão a favor.

Incluíram no texto multimodal a fala de Douglas Garcia, ativista do Movimento Direita São Paulo, a partir do segundo 0:28 até o 0:56. A fala da advogada Ana Mendes,

manifestante contrária à palestra de Butler, do minuto 1:01 até 1:28. Dos 2:00 minutos de vídeo até os 2:24, a do empresário Tamaio também expressando sua insatisfação com a realização do seminário. Mas o canal PAVIO também inclui discursos de participantes que estavam a favor da fala da autora, como foi o caso do advogado Renan Quinalha, anexado do minuto 1:34 até 1:59. O do ativista Márcio Black contido do minuto 2:33 até 2:55 e o do filósofo Vladimir Safatle de 3:07 até 3:40.

Deste modo, podemos perceber que o canal PAVIO utiliza da citacionalidade para trazer três falas contrárias e três favoráveis a realização da palestra de Butler. O que queremos indicar aqui é o uso da edição com o intuito de imprimir no texto o seu próprio posicionamento enquanto PAVIO, demonstrando assim que mesmo um texto jornalístico não é neutro.

Durante a fala de Douglas Garcia, são anexadas três imagens que ajudam a confirmar e elucidar o que o ativista enuncia. Douglas diz que o Movimento Direita São Paulo, com apoio de outros movimentos incluindo o IPCO, convocam a realização deste evento. Concomitante a essa fala são anexadas as duas imagens que podem ser observadas nas figuras 31 e 32.

Figura 31: manifestação pela lente do PAVIO.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

No entanto, quem escolhe as imagens para elucidar o que o ativista fala é o canal PAVIO, demonstrando assim que o enquadre selecionado por eles imprime a sua forma de visualização do evento. Nota-se que na figura 31 a imagem escolhida expõe uma manifestação

composta principalmente por homens, sendo a bruxa uma das únicas representações de um componente feminino dentre os participantes deste evento.

Figura 32: participação do IPCO.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

Já na figura 32, foi selecionada uma imagem de um jovem com o uniforme do IPCO segurando um cartaz expondo o posicionamento do Instituto em relação ao que é considerado como casamento aos moldes de Deus, trazendo inclusive mais um índice que aponta para um discurso religioso.

Ao final da fala de Douglas, o mesmo diz que todos esses grupos estão apoiando o Movimento Direita São Paulo para afastar a ideologia nefasta que quer entrar no País. Concomitante a esta fala, o canal PAVIO anexa a imagem exposta na figura 33.

Figura 33: go to hell.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

A imagem escolhida pelos manifestantes para representar a ideologia de gênero é essa placa com uma foto distorcida de Judith Butler com os olhos pintados de vermelho, produzindo assim uma figura demoníaca. Para além disso o próprio texto escrito em caixa alta no cartaz “GO TO HELL”, demonstra um tom imperativo direcionado diretamente a autora, já que é escrito em inglês. Para além disso, existe uma ordem clara para onde essa ideologia, personificada em Judith Butler, deve ir (vá para o inferno).

Durante a fala da advogada Ana Mendes, o canal PAVIO também traz três imagens, trazendo assim novos elementos para a análise. No momento em que Ana afirma que essa ideologia propagada por Butler está comprometida em destruir a inocência das crianças, o canal PAVIO anexa a seguinte imagem ao vídeo

Figura 34: cartaz.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

Observem que a imagem que representa o príncipe e a princesa no cartaz, são desenhos, trazendo índices que podem apontar para uma defesa da infância. O uso do laço pela manifestante também indexa esse sentido de infantilidade e até mesmo em um segundo plano da imagem, a presença de uma mulher vestida de rosa levando no carrinho uma criança, reiteram o sentido exposto na fala da advogada. Junto a isso, Butler é retratada na imagem do cartaz como um demônio, tendo sido utilizado como pista indexical os chifres vermelhos. O sentido de defesa da infância também pode ser observado na figura 35 em que é exposto um cartaz com um menino aprendendo com um homem, como dar um nó na gravata, índice que marca o masculino, juntamente com a cor azul impressa no cartaz.

Figura 35: cartaz azul com um menino.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

É preciso ser dito que todos os índices que apontam para a construção performativa da bruxa e de gênero será o foco do próximo tópico de análise. Neste momento, é necessário ser entendido apenas como o canal PAVIO constrói os discursos dos manifestantes dentro do texto multimodal por eles veiculado. Portanto, ao trazerem junto da fala de Ana, imagens que demarcam o gênero como binário, heteronormativo e biológico, deixam claro que esses manifestantes, contrários à fala da autora, defendem um determinado modelo de infância que nem sempre pode ser encontrado no cotidiano, explicitando então o baixo nível de entendimento crítico a respeito do real problema que envolve as questões da infância. Podemos acrescentar inclusive que a própria pedofilia exposta na fala de Ana, foi uma ação historicamente realizada não por bruxas, mas sim por membros da igreja⁵⁰.

Concomitante a essa fala, a última imagem anexada pode ser vista na figura 36. O canal PAVIO traz esse enquadre mostrando que Butler, para esses manifestantes, é representada como uma bruxa pecadora e criminosa, sendo acusada de defender a pedofilia e destruir a inocência de crianças.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.paulopes.com.br/2016/07/na-idade-media-padres-ja-abusavam-de-criancas.html#.XIBRq5VKjIU>. Acesso em: 21 fev. 2020.

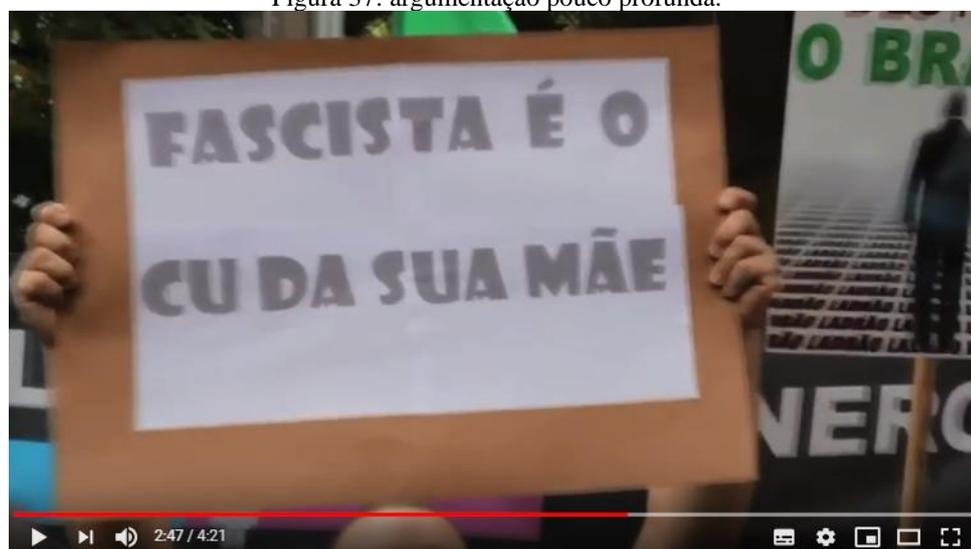
Figura 36: bruxa e pedofilia.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

A última fala em que o canal anexa imagens é a do ativista Márcio Black. Este participante defende a realização da palestra da autora e em um momento de seu discurso defende a ideia de que os manifestantes contrários à realização do seminário não possuem nenhuma profundidade em suas argumentações. É nesse momento então que o canal PAVIO inclui a imagem que pode ser vista na figura 37.

Figura 37: argumentação pouco profunda.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

Ao trazer essa imagem, eles afirmam o discurso do ativista, mostrando que o argumento contido na placa é apenas um insulto e não um argumento crítico. Deste modo, podemos identificar que, mesmo o PAVIO sendo uma agência de vídeo reportagem

comprometida em expor manifestações sob a ótica dos manifestantes, ainda assim trazem aspectos relevantes no que se refere ao seu próprio posicionamento enquanto grupo.

Dentro deste entendimento, podemos identificar que eles podem ter gravado muitos outros discursos dos manifestantes de ambos os lados. E mesmo aqueles que foram expostos sem interrupção de imagens, ainda assim passaram por um critério de seleção para estarem sendo ali representados, indicando assim um posicionamento do PAVIO a respeito do evento aqui retratado.

Uma vez entendido como o canal apresenta as informações contidas na manifestação, podemos partir para o entendimento a respeito da construção performativa da bruxa neste texto multimodal em específico.

3.4 CONSTRUÇÃO PERFORMATIVA DA BRUXA NA MANIFESTAÇÃO VEICULADA PELO CANAL PAVIO

Entendemos no tópico anterior o que é o canal PAVIO, como foi construído o vídeo veiculado por eles e quais foram as suas premissas e posicionamentos em relação a esta manifestação. Ficou claro também que este texto multimodal, por estar com o objetivo de publicitar a manifestação como um todo, expõem mais imagens de forma ampla, o que nos dá uma maior riqueza de detalhes a respeito do evento. Por isso, é através deste texto que iremos ter maior acesso à imagem da bruxa, como esses manifestantes contrários à fala da autora constroem os significados de gênero nesta manifestação e qual a construção performativa da bruxa.

Vamos iniciar essa análise então pelo segundo de vídeo. Como já foi visto no tópico anterior, e aqui será retomado, compõem o primeiro plano da imagem dois manifestantes erguendo a Bíblia aberta e um crucifixo, conforme pode ser melhor observado na figura 38.

Figura 38: Bíblia e crucifixo.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

O índice da Bíblia entextualizado por esses manifestantes, e indicado na imagem pelo círculo amarelo à esquerda, imprime o valor judaico-cristão, contido na essência desta manifestação. Já o índice do crucifixo contendo a imagem de Jesus é utilizado por católicos. Os protestantes são contra a utilização do crucifixo como veneração do sacrifício de Jesus, eles utilizam a cruz latina vazia para simbolizar assim a ressurreição de Cristo⁵¹. Com isso, podemos identificar uma marca do catolicismo presente nesta manifestação, muito embora exista a possibilidade de manifestantes de diferentes religiões estarem compondo esta mobilização.

Ainda na figura 38, a Bíblia não está fechada, ela está aberta simbolizando a necessidade desses manifestantes em não apenas se fazerem presentes enquanto cristãos, mas principalmente expor a palavra de Deus, que para eles é a única verdadeira. Essa palavra, para eles, é tão verdadeira e importante que podemos observar na figura 40 este mesmo homem que está erguendo esse objeto na figura 38, lendo o livro.

A Bíblia e o crucifixo são entextualizadas diversas vezes ao longo de todo o texto multimodal, iterando assim uma forte vinculação com um conservadorismo cristão e principalmente católico. Os valores cristãos também podem ser percebidos na Bandeira Nacional, conforme já exposto no tópico anterior. Diante disso, podemos entender que a composição conservadora presente nessa manifestação também se aplica ao gênero e principalmente na escolha da bruxa como um símbolo. As memórias do feminino que são

⁵¹ Informação disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/crucifixo/>. Acesso em: 22 fev. 2020.

colocadas como corretas e verdades a serem seguidas são calcadas em valores cristãos a respeito do que é ser mulher.

Conforme visto no capítulo 2, toda uma história a respeito das mulheres teve de ser construída para que fosse justificável a inferiorização de sua existência e sobretudo permitisse que homens pudessem exercer o controle sob suas vidas. Logo, através de bases mitológicas e místicas foram sendo construídas as ferramentas para que essa argumentação fosse então materializada. É dentro desta lógica que o cristianismo, com as histórias bíblicas, cria bodes expiatórios para justificar essa inferioridade da mulher. A história clássica de Adão e Eva, que a retrata como sendo criada a partir da costela de dele serve a essa construção argumentativa.

Primordialmente, Eva é colocada numa posição de dependência do homem, uma vez que foi criada depois dele e por uma parte de seu corpo. Isso contrapõe a ideia, por exemplo, de que é a mulher que gera e tem o poder de dar a vida. Observe que mesmo a mulher continuando na posição de dar à luz, esse ato foi simbolizado como algo biológico, natural à mulher e não mais entendido como um fator que a tornasse e a constituísse como poderosa. Todo esse processo foi possibilitado pela iterabilidade dos atos de fala que foram capazes de construir memórias cristalizadas e amalgamadas em ideias de verdade naturalizadas até hoje na sociedade.

Essa posição da mulher enquanto parte do homem e figura secundária dentro da ação de gerar a vida foi se materializando também pela prática do assassinato, perseguição e tortura de todas as outras mulheres que fugissem a esse papel estabelecido pelo cristianismo enquanto natural. As que fugiam dessa figura de mulher aceitável pelo cristianismo eram consideradas pecadoras, questão essa que também aparece em *Malleus Maleficarum*, documento que serviu de manual para julgar e matar bruxas, assim como justificar assassinatos e torturas contra mulheres.

Segundo Kraemer e Sprenger (2017), “embora o Diabo haja tentado Eva com o pecado, foi Eva quem seduziu Adão”. Para esses inquisidores, Eva é ainda mais amarga que a morte porque se somente ela tivesse comido a maçã, não teria sido capaz de trazer os males da alma e do corpo para a população que viria a partir deles. O que possibilitou, segundo os livros bíblicos, essa condenação do mundo aos pecados, foi Eva, que com sua língua traiçoeira seduziu Adão a também comer a maçã e assim causar toda essa destruição.

Deste modo, podemos entender que a Bíblia, os textos ditos sagrados produzidos por sacerdotes (homens), as bulas papais, os pensamentos de teólogos cristãos, dentre tantos

outros, foram todos constituídos enquanto ideias de verdade pela e na linguagem. Isso nos mostra que por mais que a Bíblia seja vista pelos cristãos como sendo a palavra de Deus, este é um documento escrito, e se assim o é, foi escrito por alguém, em um determinado tempo e espaço, o que nos aponta para a ideia de que toda essa criação da inferioridade da mulher a partir do mito de Adão e Eva foi criada e deu materialidade a uma ideia necessária para sustentar uma hierarquização que estava em disputa através de relações de poder, demonstrando assim que todo esse embate entre Deus e Diabo, na realidade, se deu após o discurso e para um determinado fim.

Com isso, podemos perceber que os manifestantes contrários à fala de Butler trazem essas percepções como verdade e, não somente estão dispostos a apresentar essa suposta palavra de Deus, mas estão a impondo e colocando-a em disputa. Isso é possível ser observado pelos gestos em movimento dos dois homens brancos erguendo esses dois objetos como se fossem espadas na figura 38. Porém, se os gestos forem modificados, também é possível que se modifique o sentido. Observem um exemplo disso nas duas figuras abaixo.

Figura 39: postura estática crucifixo.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

Figura 40: lendo a bíblia.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

O manifestante de boné, na figura 39, ergue o crucifixo e na figura 40 ele se coloca na mesma postura estática elevando um crucifixo e um rosário. Esses gestos apontam, por exemplo, para a mesma postura utilizada por sacerdotes em rituais de exorcismo, o que estabelece vinculação direta ao símbolo da bruxa, já que elas são assim nomeadas por serem, hipoteticamente, servas do demônio, conforme já visto no capítulo 2 deste trabalho. Para além disso, é possível identificar também nas duas figuras acima a presença da cor rosa tanto na figura da boneca, quanto na roupa de algumas manifestantes mulheres, marcando assim o seu gênero.

Nesse sentido, compreender a construção performativa da bruxa nesta manifestação implica identificar como as memórias de gênero foram sendo entextualizadas e iteradas por esses manifestantes, principalmente porque eles estão apresentando, através de pistas indexicais, que o cristianismo é a base de estruturação de seus atos. Em outras palavras, a fé cristã, católica e tradicional embasa a concepção dos corpos, de mundo, de gênero, de família, de forma de ação, além do maniqueísmo entre bem e mal. O mal, no caso do vídeo, é a bruxa, símbolo do que as mulheres não podem fazer/ser/estar, ou seja, se posicionarem de forma crítica no mundo, contestando valores caros para este grupo. As memórias construídas aqui apontam para um receio do medo da bruxa, de seu conhecimento, poderio, da sua independência, simbolizados na bruxa Butler que inclusive propõe uma discussão diferenciada sobre gênero. No evento, ela aborda a democracia, mas é representada pela estudiosa que propôs as teorias de gênero, observadas pelas pistas indexicais discutidas até aqui.

Na figura 41, podemos perceber e reafirmar o que já foi identificado através do texto modal do canal IPCO.

Figura 41: primeira vez em que a bruxa aparece no texto do canal PAVIO.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

Podemos identificar que esta imagem mostra a participação de uma maioria de homens com roupas de cores sóbrias, o que reitera a formação de uma ideia de grupo, questão essa já observada e trabalhada no tópico desta dissertação que analisa o texto multimodal veiculado pelo canal IPCO. Porém, o que está expresso somente no vídeo publicado pelo PAVIO é que Judith Butler está sendo representada e construída, por esses manifestantes, na e pela figura da bruxa.

Como já visto anteriormente, uma das representações de mulher pecadora era aquela que falava, afinal de contas, foi pelo poder de convencimento que Eva conseguiu fazer com que Adão comesse a maçã. Junto disso, esse ato de falar foi construído, em *Malleus Maleficarum*, como sendo uma das ferramentas utilizadas pelas bruxas para causar destruição. E esses são aspectos importantes de serem entendidos para que possamos interpretar o motivo pelo qual Judith Butler foi representada como uma bruxa.

As mulheres cristãs têm funções específicas segundo a Bíblia. Alguns desses papéis são os de amar ao marido e ser submissa a ele, ter filhos e discipliná-los dentro do caminho do Senhor e o de ser uma auxiliadora do marido (Genesis, 2:18). Dentre tantos outros papéis explicitados no livro sagrado, nenhum deles corresponde ao que Judith Butler representa. Esta é uma grande teórica reconhecida nacional e internacionalmente, ocupa uma cadeira de destaque na universidade em que leciona, é autora de muitos livros altamente utilizados

principalmente dentro do mundo acadêmico, tem um casamento estável com uma mulher, é independente, não tem filhos, sua pesquisa recebe financiamento de grandes instituições tendo sido uma delas inclusive a responsável por ter possibilitado a realização do seminário em questão e proporcionado o contexto para que a palestra ocorresse.

Se olharmos de forma aprofundada, conseguimos perceber que todo esse percurso de construção de memórias sobre mulheres, antes mesmo de ser marcado nesta manifestação pelo signo da bruxa, já nos aponta para uma vinculação de Butler com algo maléfico, uma vez que é através de uma palestra e livros, portanto, através da palavra, que a autora expõe suas ideias poderosas. A tentativa de silenciamento da fala da mulher é algo histórico nesta sociedade patriarcal. Mulheres não podiam estar em posições de destaque, nem na igreja, nem em meios políticos. Por muitos anos as mulheres foram impedidas de frequentar universidades, de votar, de ocupar cargos públicos. E todo esse cenário nos aponta novamente para o mito de Adão e Eva, que dá ênfase ao poder de convencimento da mulher possibilitado pelo uso da linguagem, meio pelo qual efetuam *maleficium*, conforme descrito pelos inquisidores.

Em *Malleus Maleficarum*, os inquisidores mostram que um dos motivos pelos quais a mulher abjura a fé católica é por serem possuidoras de língua traiçoeira, estando ali indexado o sentido diabólico atribuído a palavra da mulher. Junto a isso, os documentos que foram posicionados como sendo verdadeiros, os cargos de destaque, o poder de decidir quem morria e quem vivia, ou seja, a última palavra capaz de julgar o que iria ocorrer com outras vidas, se deram historicamente pela palavra do homem.

Nesse sentido, resgatando aqui questões já trabalhadas no tópico 4.1 deste trabalho, no que corresponde ao significado da Bandeira Brasileira, podemos perceber que a função social de mãe, esposa, irmã e filha, não estava sendo desempenhada pela autora. Butler estava ali na posição de filósofa, pensadora e em uma posição de fala, fugindo completamente dos padrões estabelecidos pelo cristianismo, indexados no símbolo da Nação e iterados nesta manifestação. Deste modo, ao fugir dessa padronização e função social da mulher estabelecida por uma tradição judaico-cristã, Butler é considerada uma figura demoníaca, que não cumpre com seu papel social de mulher e ainda se utiliza da palavra para destruição dessas bases religiosas e conservadoras. A partir do momento em que são feitas essas significações, a figura da bruxa demoníaca é a que mais corresponde aos parâmetros estabelecidos por esses manifestantes.

Mas essa vinculação à figura demoníaca iremos abordar mais adiante, por ora vamos identificar como esses manifestantes constroem o gênero ao longo da manifestação. Esses participantes utilizam a própria imagem da bruxa para estampar suas padronizações de gênero. Embora seja possível observar na figura 41 essas pistas, anexamos a figura 42 que mostra a figura da bruxa de forma um pouco mais aproximada, o que nos dá a possibilidade de observar com maior riqueza de detalhes essas pistas indexicais de gênero.

Figura 42: bruxa e as marcas do feminino.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

A utilização de um tecido rosa para representar o que seria a pele da boneca aponta para uma demarcação do feminino enquanto natureza biológica, demonstrando então que, para eles, se trata de uma questão relacionada ao sexo binário e não uma construção social de gênero, conforme as teorias bem desenvolvidas por inúmeras teóricas feministas, inclusive Judith Butler.

Junto a isso, colocam também o cabelo comprido na imagem da bruxa, ainda que a própria autora representada pela foto colada no rosto da boneca, tenha cabelo curto. A cor utilizada no cabelo da boneca é a vermelha, que pode simbolizar desejo, fogo ou mesmo uma feminilidade diferente, por exemplo, da rosa que simboliza um tipo de feminilidade romantizada e pura. Isso mobiliza novamente o sentido do performático feminino também evocado pelo tecido rosa utilizado na pele da boneca, porém o cabelo comprido estabelece um vínculo direto com a própria autora e com todas as mulheres que fizeram a escolha de não utilizar apetrechos que expressem feminilidade, seja pelo comprimento do cabelo ou pela utilização de sutiã, índice também utilizado para a construção da boneca.

A retirada desses adereços femininos é utilizada como um símbolo de luta entre muitas feministas, principalmente liberais e radicais, como pode ser observado em diversas manifestações em que essas ativistas queimam sutiãs, ou simplesmente se livram deles, deixando seus seios à mostra. Este movimento ficou conhecido durante o século XX, mais precisamente no ano de 1968 com a manifestação da época do Miss América em que feministas iam contra a beleza estética impostas às mulheres. Após esse ato, o símbolo de se retirar sutiãs é até hoje vinculado à feministas e à luta de mulheres por liberdades como um todo. Logo, a colocação do sutiã rosa na boneca, aponta para a oposição não só a teoria de gênero construída pela autora, como também a luta de tantas mulheres ao longo dos séculos.

Observem ainda que fora os índices que apontam para o feminino, nenhuma outra cor é utilizada a não ser o preto, que pode simbolizar a ausência de toda cor ou luz. Esta cor pode ser também utilizada para simbolizar penitência, condenação e luto, aos moldes do cristianismo⁵². E dentro dessa manifestação, essa também é uma das cores sóbrias utilizadas para padronizar todo o grupo, conforme já visto anteriormente.

O rosa e o azul foram utilizados ao longo de toda exposição do texto multimodal veiculado pelo canal PAVIO, demonstrando esse binarismo de gênero estabelecido pelos manifestantes contrários à presença da autora. Essa demarcação aparece nas cores das roupas conforme pode ser observado na figura 28, em que as mulheres, ao utilizarem a cor rosa mostram que estão contrárias ao que eles estão chamando de ideologia de gênero. Porém, essa demarcação de cores não aparece somente nas roupas dos participantes, ela também está presente nos cartazes expostos por eles. Na figura 43, retirada do segundo 0:57 do texto multimodal, podemos ver no último plano da imagem, o cartaz que contém o maior slogan da manifestação “Não à ideologia de gênero”.

⁵² Informações disponíveis em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/cor-preta/>. Acesso em 22 fev. 2020.

Figura 43: não à ideologia de gênero.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

Observem que a barra, indicada pela elipse em amarelo, demonstra de forma didática essa binarização pretendida pelos manifestantes. A barra é dividida ao meio sendo colocada do lado azul a figura de um boneco e na metade rosa, um símbolo de boneca. A letra *ó* na palavra “Não”, indicada pelo círculo amarelo à esquerda da imagem, aponta para essa ideia binária e biológica fixada pelos manifestantes. Esta letra traz os símbolos de feminino e masculino, tal como é utilizado em contextos científicos, reforçando assim, a ideia de que o gênero, para eles, é um assunto ligado a questões biológicas e não sociais. Na letra *ó*, eles ainda posicionam esses símbolos de forma oposta, marcando assim uma diferença, que pode indicar também um sentido de opostos complementares.

Para estes manifestantes, essa complementariedade dos dois sexos é materializada na ideia de familiar tradicional, que é defendida, inclusive, no áudio que é exposto concomitantemente à figura 43 que diz “Deus, Pátria, Família”.

O índice linguístico família, quando utilizado por esses manifestantes, traz uma ideia de unicidade, ou seja, aponta para uma construção de um modelo de família único em que todas as pessoas devem se adequar a esse modelo familiar composto por um homem e uma mulher, conforme bem demonstrado no cartaz exposto na figura 44.

Figura 44: um homem e uma mulher.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

Observem que ao ser utilizado o índice linguístico *Deus* para justificar esse modelo único de família, eles iteram novamente valores religiosos e sobretudo cristãos e trazem ainda uma nova pista ao utilizar a cor azul para representar *Deus*, o marcando como sendo masculino.

Este índice linguístico perpassa toda a manifestação, mas quando incorporado na frase “Deus, Pátria, família” enunciada pelos manifestantes em assembleia, é anexado a um cenário político em que não necessariamente é possível ser aplicado, não pelo menos nos moldes cristãos de exclusão. Como já pudemos perceber, as crenças católicas deste grupo é o fator regente, predominante e essencial para qualquer tipo de tópico de reivindicação que eles possam vir a expressar. Deste modo, quando é incluída a ideia de Pátria e Família, não podem retirar elementos de outro entendimento a não ser o cristão.

A pátria, como já foi bem entendida no tópico 4.1 deste trabalho, disponibiliza elementos contidos até mesmo no próprio símbolo da Bandeira Nacional que indexam uma constituição tradicional e cristã de uma forma de se expressar o gênero, mas sobretudo, uma maneira correta de se performar o feminino. Essas bases são correspondentes a esse modelo único de família que os manifestantes defendem. E qualquer tipo de expressão de gênero que fuja dessa dimensão tradicional, e para eles divina, deve ser excluída e expulsa.

Além disso, essa alteridade entre pátria e gênero, além de expressar o próprio posicionamento do grupo, propaga também um sentido de oposição que faz parecer que as pessoas que estão “a favor” de uma discussão ampliada sobre gênero estão se posicionando

contra o Brasil. Dentro deste bojo também podemos observar um determinado sentido do que eles estão considerando Brasil, demonstrando um entendimento tradicionalista em que é necessário fazer uma escolha entre a pátria sagrada conservadora ou o gênero, considerado nefasto por eles.

O conservadorismo, para esses manifestantes, é significado como algo positivo e que deve ser marcado com a devida importância. Isso fica bem expresso na fala enunciada no minuto 3:40, vinculada à imagem disponível na figura 45, em que o manifestante diz “Aqui no Brasil existe um povo que é conservador e que luta sim pela família”.

Figura 45: povo conservador.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

A blusa do manifestante é azul, iterando novamente o significado masculino dado a essa cor. Concomitantemente a essa fala, o canal PAVIO anexa uma imagem, exposta através da figura 46, que nos aponta para um tipo específico de conservadorismo. Por entextualizarem o crucifixo, apontam para um conservadorismo necessariamente católico.

Figura 46: crucifixo.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

Essa *família* tão defendida pelos manifestantes, pressupõe uma mulher que cumpra suas únicas funções aceitáveis dentro de um entendimento cristão, que são as funções de mãe, esposa, filha e irmã, qualquer outra função que fuja desse padrão, esta é taxada de demoníaca. Butler é representada justamente como esta figura coligada ao demônio. Esse aspecto fica bem expresso na imagem abaixo em que a imagem da pensadora é desenhada com um chifre.

Figura 47: bruxa e princesa.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

A mulher com laço rosa, na figura 47, segura um cartaz azul, relacionando novamente o gênero a uma cor, porém, ao serem posicionados em oposição os índices linguísticos “+ príncipes + princesas” e o “menos bruxas” demonstram um cenário de disputa entre essas duas posições. Além disso, a pista indexical trazida pelos chifres desenhados na cabeça de Judith Butler apontam para uma construção da própria autora como um demônio.

Podemos observar em outros cartazes essa mesma construção feita da filósofa, como pode ser bem notado nas figuras 48 e 49.

Figura 48: go to hell.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

Na figura 48, podemos observar que o olho de Butler é pintado de vermelho, que para além de poder simbolizar um vínculo demoníaco, pode também ser interpretado como se Butler estivesse pegando fogo. O uso do índice linguístico *Hell*, também ajudam a compor este cenário demoníaco ao catolicismo, já que o inferno só existe por conta da criação de uma alteridade com o céu, criada justamente, para permitir um controle cristão. Já na figura 49 é possível identificar no símbolo do X em cima do rosto da autora, o desejo desses manifestantes pela expulsão, exclusão ou eliminação da autora e/ou de suas teorias. Esta mensagem se itera na própria imagem quando é anexado o índice linguístico *out butler*.

Figura 49: out Butler.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

Nesse sentido, se estabelece aqui uma diferença notória entre mulheres cristãs, disciplinadas, submissas e com seu papel bem categorizado dentro da família, e mulheres que lutam por seus direitos, que são independentes e que são aqui vinculadas a bruxas e ao demônio.

Logo, nesta manifestação existe um critério bem definido a respeito de quais são as vidas que importam, qual mulher pode ou não falar, quais ideias e práticas são ou não permitidas. O desejo pelo cancelamento da palestra mostra essa necessidade de se impedir a fala de uma mulher específica, mas também, quando a bruxa é queimada, conforme será visto no próximo tópico, aponta para mais do que o impedimento, mobilizam ali o desejo de extermínio de tais ideias e práticas.

3.5 MEMÓRIA SOBRE BRUXA NA MANIFESTAÇÃO

Nesse momento, visamos responder a segunda pergunta de pesquisa, identificando, desta forma, quais são as memórias sobre bruxas que aparecem nos textos multimodais aqui referidos. Contudo, para iniciar esse momento do trabalho é importante entender que fazer essa identificação irá contribuir para a compreensão acerca da construção performativa da bruxa ao longo desta manifestação. Isso ocorre porque, como já vimos, linguagem e memória coabitam e juntas constroem novos significados. Por isso, é preciso saber

identificar quais são essas memórias e principalmente para onde elas apontam, para que assim, seja possível subvertê-las. Aí está o grande potencial da memória de criação.

É importante percebermos também que as memórias sobre mulheres enquanto inferiores e subjugadas aos homens, como bem imposta pelas crenças judaico-cristãs, principalmente católicas, estão ligadas às memórias sobre bruxas. Logo, se queremos entender quais são essas memórias sobre bruxas precipitadas na manifestação, é preciso ter também o entendimento de que as memórias sobre gênero estão ali implicadas e que é impossível compreender uma descolada da outra.

Como já pudemos perceber no tópico anterior, a marca feminina está presente na imagem da boneca construída por esses manifestantes, seja pelo cabelo cumprido ou pela cor rosa impressa na pele da boneca e no sutiã, item feminino também colocado nesta figura. Logo, a primeira memória, e a mais nítida sobre bruxas, está presente na própria representação da boneca, que marca essa bruxa como sendo, necessariamente, uma mulher.

Concomitantemente a isso, as marcas do feminino nesta boneca nos apontam para uma separação de mulheres. Em outras palavras, o que esses manifestantes nos mostram é que algumas mulheres são consideradas bruxas e outras não, sendo o cristianismo o grande definidor dessa separação. Essa relação visceral com a tradição judaico-cristã, e principalmente católica, já foi bem exposta e trabalhada nos tópicos anteriores. Partindo então desse entendimento, é possível identificar que nem todas as mulheres são consideradas bruxas. O que define, para eles, quem são bruxas e quem não, é a função social da mulher que só pode ser cumprida dentro de seu papel de mãe, esposa, irmã e filha, conforme estabelecidas pelo que eles chamam de lei de Deus, impressa na Bíblia.

Maria de Nazaré é identificada como Maria mãe de Jesus⁵³; Leia é a esposa de Jacó; Marta era irmã de Maria e Lázaro; Miriã, irmã de Moisés e Arão; Raquel, filha de Labão e esposa preferida de Jacó; Rebeca, esposa de Isaque; Sara, esposa de Abraão e mãe de Isaque; Eva, apesar de ser a primeira mulher criada, era a esposa de Adão e inclusive as mulheres consideradas prostitutas ou as que tinham plenas condições materiais, como por exemplo, Raabe e Maria de Madalena, são retratadas na Bíblia como fiéis seguidoras de Jesus.

Vale notar que o estabelecimento das funções desempenhadas pelas mulheres na bíblia cristã, são todas representadas tendo como o ponto de referência um homem, sendo ele seu marido, seu pai, irmão ou mesmo Jesus. Toda essa representação da mulher na Bíblia é

⁵³ Todas essas descrições estão disponíveis em: <https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/perguntas/mulheres-mencionadas-na-biblia/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

capaz de iterar e contribuir para a materialização do que é considerado por esses manifestantes como sendo a posição compatível com o que a mulher pode exercer socialmente.

Nesse sentido, podemos perceber que Judith Butler não está cumprindo esses papéis da mulher estabelecidos pelo cristianismo. Ainda que Butler seja esposa, ela é casada com uma mulher, ainda que seja filha, não está ali exercendo essa função, e mesmo que venha a ser mãe ou que tenha um irmão ou irmã, essas não são funções que a impedem de cumprir outros papéis dentro da sociedade, como por exemplo, o de ser uma professora e pensadora social. Em outras palavras, nenhuma posição que Butler assuma, ainda que seja a de mãe, filha, irmã ou esposa, será para corresponder a padronizações estabelecidas pelo cristianismo. Qualquer tipo de ação desempenhada por ela não precisará ter como ponto de referência um homem para que seja validada.

Logo, podemos identificar que essa ação de Butler desempenhada na linguagem incute nesses manifestantes um efeito de se sentirem ameaçados, o que aponta para uma falta de controle do cristianismo no que diz respeito ao domínio do corpo da mulher. Essa percepção, combinada ao símbolo da bruxa utilizado por eles, nos aponta para o período histórico da Idade Moderna, que foi morada de algumas das mulheres que também romperam esse controle cristão. Estas mulheres tinham mais do que o domínio pelos seus corpos, pela cura, ou pela produção e reprodução de seres humanos, elas representavam sobretudo um poder que os soberanos católicos não tinham. Essas mulheres representavam uma resistência frente ao embrionário sistema capitalista que se gestava, e apesar de hoje estarmos longe ainda de representar essa ameaça ao sistema econômico, estamos mobilizando sentidos de liberdade, pelo direito de existir e pela democracia, foco inclusive do seminário em questão.

Judith Butler, em um artigo que fala sobre essa manifestação, publicado pela Folha de São Paulo, aborda esse aspecto da democracia dizendo que talvez o foco que os manifestantes tenham dado sobre o gênero, não tenha de fato se afastado do tema principal do seminário “Os fins da democracia”. A pensadora diz que quando “a violência e o ódio se tornam instrumentos da política e da moral religiosa, então a democracia é ameaçada” (BUTLER, 2017, [n.p])⁵⁴. Com isso, apesar dos manifestantes contra Butler estarem se dizendo a favor da liberdade, da vida, da democracia e da nação, o que eles estão fazendo é o contrário disso. A luta do Direita São Paulo, IPCO e tantos outros não se constitui a favor de todas as vidas, mas

⁵⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acesso em: 23 fev. 2020.

sim pela reivindicação da não existência de pessoas que sejam diferentes deles, seja essa não existência simbólica ou física.

Nesse sentido, podemos entender que a luta desses manifestantes a favor da família se constitui absolutamente sob atravessamentos de crenças religiosas, que definem um modelo único de família a ser seguido e com isso, visam excluir ou impedir a possibilidade de qualquer outro que dele destoe. Isso fica claro, por exemplo, na fala enunciada pelo líder do IPCO a partir do minuto 2:23 contida no texto multimodal veiculado pelo mesmo canal. A fala é a seguinte: “Quando Herodes perseguiu as crianças com menos de dois anos com o objetivo de matar o menino Jesus, a sagrada família teve que fugir para o Egito. Nós imploramos à sagrada família, não fuja do Brasil”. Mais adiante ele ainda fala “somos contra essa malfadada e nefasta ideologia de gênero que quer expulsar, na verdade, a família e quer expulsar do Brasil as bênçãos do menino Jesus”.

Observem que na primeira frase, ao anexar o índice linguístico *sagrada* para adjetivar a *família*, ele indexica o sentido de família aos moldes cristãos, que tem em sua composição um homem e uma mulher. Para além disso, também indica que somente a família com essa composição é sagrada e, portanto, é a única que deve permanecer existindo, se afastando assim de um sistema democrático. Já no segundo trecho, ele marca um sentido de expulsão. Ele diz que a ideologia de gênero quer expulsar a família, aos moldes cristãos, do Brasil e personificam essa ideologia, ao longo da manifestação, na figura de Judith Butler. Todavia, é a manifestação promovida por eles que está pretendendo fazer o movimento de expulsão da autora do país, o que fica claro também no texto multimodal veiculado pelo canal PAVIO, em que a advogada Ana Mendes a partir do minuto 1:25 diz “se for para tirar ela do país, a gente tira”.

Uma justificativa por eles assumida, para efetivar esse sentido de exclusão, pode ser percebida principalmente em dois excertos contidos no texto multimodal promovidos pelo canal PAVIO. O primeiro foi dito coletivamente, podendo ser acessado do minuto 2:25 até 2:32, que é “pula sai do chão quem não quer *depravação*”. O segundo está inserido na fala do empresário Tamaio, disponibilizada no mesmo texto multimodal do minuto 2:17 até o 2:22, em que diz “nós não queremos esse tipo de *subversão* da sociedade aqui no Brasil”. Partindo do pressuposto que o contexto desta manifestação é para expulsar Butler do Brasil, impedir a fala da autora e que ela foi representada no símbolo de uma bruxa, podemos interpretar que todo e qualquer adjetivo utilizado para caracterizar Judith Butler também nos remete ao significado que esses manifestantes estão dando à bruxa. Logo, os índices linguísticos *depravação* e

subversão, utilizados pelos manifestantes, nos apontam para as memórias de bruxas que estão sendo aqui indexados.

Butler é também caracterizada nesta manifestação, conforme já visto no tópico anterior, como um demônio, tendo sido indexalizada em sua figura representada em cartazes, chifres que remetiam a essa ideia. Com isso, podemos perceber que essa memória demoníaca está totalmente ligada a memória de bruxas da época da inquisição. Os inquisidores, autores de *Malleus Maleficarum*, dizem que as bruxas são servas do demônio e que é através da sua fala que o diabo consegue atuar. Dentro desta linha de raciocínio eles ainda enunciam a seguinte frase “Concluímos, portanto, que esta é a verdade católica: para realizar perversidade, tema de nossa discussão, as bruxas e o Diabo trabalham em conjunto” (KRAEMER e SPRENGER, 2017, p. 53).

Podemos entender daí que ao exercer a linguagem e definir qual é a verdade católica, os inquisidores estão realizando uma ação, e essa ação, por sua vez, é iterada também no momento da manifestação contra Judith Butler, ao passo que o diabo está sendo representado tanto na exposição da autora como uma bruxa, quanto na utilização de chifres mobilizados em sua imagem.

Conforme está sendo trabalhado ao longo de toda esta dissertação, as bases cristãs permanecem sendo entextualizadas e iteradas a cada ato de fala contido na manifestação, porém, existe um ato que talvez seja o mais característico no que corresponde a essa vinculação entre cristianismo e bruxas. Observe na figura abaixo retirada do minuto 4:10, contida no texto multimodal publicado pelo canal PAVIO, um dos momentos em que aparece a bruxa sendo queimada.

Figura 50: bruxa sendo queimada.



Fonte: acerto pessoal da autora, 2020.

Conforme nos aponta Russell e Alexander (2019), esse ato de queimar bruxas mostra diretamente uma vinculação a questões religiosas. Os autores, ao fazerem um aprofundamento histórico a respeito da transição da feitiçaria para a bruxaria, puderam identificar que a Inglaterra foi uma exceção nos processos de julgamentos de bruxas. No país, a bruxaria estava mais associada a feitiçaria e não à heresia, sendo considerado assim, um crime civil, e por esse motivo as mulheres julgadas como bruxas, eram enforcadas. Já no resto do continente europeu, a bruxaria estava ligada à heresia, sendo considerado então, um crime religioso, e por isso as mulheres julgadas como bruxas, eram queimadas.

Logo, podemos perceber que a queima na fogueira está ligada a um crime religioso, contra a fé católica, o que é um símbolo importante para esta análise, visto que a boneca em formato de bruxa com o rosto de Butler, foi queimada ao final da manifestação, como pode ser observado na figura 50.

A memória sobre bruxas ativada nessa manifestação, aponta para além do período histórico da caça às bruxas na Europa Moderna, aponta para uma bruxa assim definida por preceitos cristãos. Logo, essa mulher fere uma verdade católica e não uma lei civil. Ela é criminosa por ferir as leis de Deus, criadas por homens cristãos, e não por cometer um crime que esteja vinculado ao mal de outrem, por que se assim fosse, esses manifestantes teriam enforcado a imagem da bruxa, e não a queimado.

Também podemos perceber aspectos misóginos presentes nesta manifestação. O homem branco, vestido com uma blusa azul, posicionado no centro da figura 50, enunciou as

seguintes palavras a partir do minuto 3:54 “É você que vai morrer queimada. Vou queimar você e a sua rosca, você inteira. Sua cadela dos infernos. Maldita, vá para o inferno, go to hell”.

Neste excerto é possível identificar alguns índices linguísticos que confirmam a misoginia já que este manifestante expressa o desejo claro de ver aquela bruxa, portanto uma mulher, morta. Além disso, ele aponta para a devida forma que essa morte deve ocorrer, que é através do fogo. E ainda marca com o índice *inteira* para dizer que nada pode sobrar desta bruxa. Esse inclusive é um outro significado para a queima das bruxas na Idade Moderna. Segundo Zordan

não bastava enterrá-las, pois se acreditava que tinham a capacidade de emergir de dentro das sepulturas (...) era necessário queimar seus corpos e lançar suas cinzas ao vento, para que, através das artes diabólicas, seu corpo não fosse capaz de se reconstituir (ZORDAN, 2005, p. 335).

Porém, ao trazer a fala deste manifestante queremos enfatizar a seguinte parte “vou queimar você e a sua rosca”. Aqui podemos identificar uma pista indexical que nos aponta para a ênfase sexual desta violência, o que novamente nos leva para a bruxa da Idade Moderna, assim designada por homens clérigos, que no ato de tortura se aproveitavam sexualmente dessas vítimas.

Segundo Barstow (1995), quando uma mulher era açoitada, ela tinha que ser despida até a cintura deixando os seios à mostra para todo o público. Quando uma mulher era aprisionada, ela poderia ser estuprada como foi o caso da jovem Catharina Latomia, ou Magdalena Weixler que prestou favores sexuais ao seu carcereiro em troca da promessa de ser poupada da tortura, o que não ocorreu, tendo sido ela torturada e executada mesmo assim. Ou em exorcismos públicos em que padres podiam demonstrar seus interesses lascivos e suas fantasias sexuais pelas mulheres supostamente possuídas, como foi o caso das irmãs Joana dos Anjos e Elizabeth de Ranfaing.

Quando uma mulher era estuprada e assassinada na prisão a culpa era colocada no diabo e isso fazia com que esses homens aproveitassem suas posições de autoridade para se entregarem a sessões de pornografia, revelando assim que queria mais a caça às feiticeiras do que a condenação delas (BARSTOW, 1995, p. 158-159).

No entanto, essas torturas relacionadas ao sexo não aconteciam somente nas salas do tribunal ou nas cadeias. Segundo Barstow (1995), todas as execuções por feitiçaria eram eventos públicos que frequentemente atraíam multidões. Em relação a isso, como mostra a figura 50, a queima da boneca na manifestação se deu publicamente e muito provavelmente

também foi assistida por multidões, já que a maioria dos homens ali reunidos estavam filmando ou fotografando a cena da queima da boneca e também a enunciação do homem de azul.

Barstow (1995) ainda relaciona o intenso conteúdo sexual das perseguições por feitiçaria a um crescimento das leis de restrição da conduta sexual. Os crimes que estavam relacionados ao sexo e que poderiam servir de acusação legal contra mulheres eram os de adultério, dar à luz a filhos ilegítimos, aborto, infanticídio e incesto. Em todos eles, as mulheres eram punidas mais severa e frequentemente que os homens. O único crime relacionado ao sexo que os homens superavam as mulheres era o de sodomia. Voltando a manifestação contra Judith Butler, é possível identificar aspectos que nos apontem para este cenário exposto por Barstow. Conforme a fala do líder do IPCO já exposta aqui, é possível identificar as pautas de reivindicação desses manifestantes, sendo elas: contra o aborto; contra o casamento homossexual e a agenda do movimento homossexual.

A imagem da boneca bruxa sendo queimada também manifesta um sentido de corpo violentado, verbal e simbolicamente. Como pudemos ver, a violência perpetrada contra mulheres no período da caça às bruxas era justificada pelo suposto pacto com o Diabo. Ao trazerem símbolos diabólicos para essa manifestação e marca-los nas imagens de Butler, os manifestantes também indexalizam essa justificativa, ou seja, eles incorporam uma memória que foi materialmente construída há séculos, e com ela, sustentam o ato de destruição da boneca.

Com isso, podemos entender que quando os manifestantes se utilizam da língua e da linguagem nesta manifestação para evocar símbolos como o da bruxa queimando, ou até mesmo o uso dos cartazes que colocam a figura de Butler como demoníaca, estão mais do que demarcando um pensamento no mundo, estão realizando uma ação. E esta, por sua vez, tem o efeito de ameaçar a existência de mulheres, sejam elas cisgênero, lésbicas, trans ou travestis, assim como de reatualizar um fundamentalismo religioso que pretende ceifar os direitos sexuais e reprodutivos como um todo.

Ainda no artigo escrito por Judith Butler, ela mostra que a liberdade e a democracia só serão possíveis em um mundo que se recuse a aceitar as violências contra as mulheres e pessoas trans, ou qualquer discriminação com base no gênero. Ela aponta que “Liberdade não é – nunca é – a liberdade de fazer o mal. Se uma ação faz mal a outra pessoa ou a priva de liberdade, essa ação não pode ser qualificada como livre – ela se torna uma ação lesiva” (BUTLER, 2017).

Então, a violência contra as mulheres que trazemos aqui não diz respeito somente aos índices quantitativos expostos na introdução deste trabalho. A violência que é despejada

contra as mulheres e população LGBTQI+ está no cerne da luta por existência nesse mundo e pelo exercício da democracia, da liberdade e da vida. Portanto, ao existir uma manifestação que coloca em xeque essa existência e inclusive evoca a imagem da bruxa sendo queimada em uma fogueira, eles estão demonstrando sua tendência secular e hipócrita pela defesa da vida.

Além disso, a violência e perseguição ocorrida contra a própria autora e sua esposa, no aeroporto de Congonhas no dia 10 de novembro de 2017⁵⁵, ou mesmo as múltiplas violências simbólicas e verbais que ocorreram durante a manifestação, nos fazem vincular não só com uma memória da bruxa, como também com uma memória de um feminino que é inferior, que vale menos e que, portanto, pode ser expulso e violentado. Em todo caso, trata-se de uma disputa imbricada por relações de poder que estão no fluxo do lembrar e do esquecer, caracterizando assim uma atuação da memória.

Conforme bem nos mostra Gondar (2003; 2016), o movimento entre lembrar e esquecer são fatores constitutivos da memória, sendo o esquecimento um combustível que pode atuar tanto de forma positiva quanto negativa. A autora aponta que a conotação negativa que tem se dado historicamente para o esquecimento está ligado a uma memória de conservação, porém, ela aponta também que é justamente na falha, ou seja, na existência do esquecimento, que o caráter inaugural e de criação da memória se manifesta. Logo, o esquecimento visto como algo negativo, está comprometido com uma uniformidade e recusa a pluralidade, diversidade e diferenças. Enquanto que, se coligado a um viés positivo, abarca o que a autora chama de uma produção inaugural das diferenciações.

Essa autora diz ainda que qualquer guerra se gera e se alimenta pela falta de um esquecimento, ou seja, pela dificuldade em se destruir algo que já foi e acolher o outro que chega. E uma vez criada essa diferenciação através da recusa do esquecimento, “o outro se torna um inimigo mortal a ser aniquilado” (GONDAR, 2003, p. 12). Logo, o que vemos nesta manifestação, é justamente uma recusa do esquecer, portanto, uma vinculação a atos de destruição, aniquilação e até mesmo a construção desse inimigo que eles chamam de Ideologia de gênero, representado pela figura de Judith Butler.

No entanto, essa representação não se encerra na queima da bruxa. Os atos de fala ao longo de toda a manifestação estão reatualizando uma memória da bruxa que foi possibilitada pelas múltiplas materialidades criadas a respeito da inferioridade da mulher enquanto sexo biológico. A Igreja e o discurso religioso desempenharam papel central nessas

⁵⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/judith-butler-e-agredida-ao-embarcar-no-aeroporto-de-congonhas>. Acesso em: 28 jan. 2020.

construções, e até hoje, nessas reatualizações, a memória religiosa ainda se manifesta e é parte fundamental nas cristalizações de verdades a respeito do que é ser mulher e também do que é ou não permitido por se ser uma mulher nesta sociedade e do que pode ou não existir no que diz respeito às suas funções sociais.

O símbolo da bruxa, ao ser evocado nesta manifestação, traz consigo essa reivindicação pela não existência, não só de Judith Butler, mas também, e principalmente, de todas as pessoas que se enquadram dentro do transgressor e subversivo. Com isso, ao ter entextualizado este símbolo da bruxa, em meio a tantas referências cristãs que desembocam nas únicas verdades a serem seguidas, eles apontam para uma eliminação de tudo o que não for concernente com essa ideia, conforme é bem expresso na fala do ativista Márcio Black, no texto multimodal veiculado pelo canal PAVIO a partir do minuto 2:33, que está a favor da realização do seminário e falando a respeito dos manifestantes contrários à palestra. Ele diz:

Então o que estimula eles, é justamente isso, *eles querem silenciar todas as vozes que sejam discordantes do que eles colocam*, por mais que quando você vai olhar para o discurso deles mais aprofundadamente, você vê que ali não tem nada também de profundo. O que você tem são vários projetos de sociedade que são reacionários e conservadores e que *querem suprimir liberdades*. Basicamente é isso (ATIVISTA MARCIO BLACK, 2017, [n.p.]

O aspecto de silenciar vozes e suprimir liberdades, que comparecem nessa manifestação, estabelecem uma relação direta com o símbolo da bruxa, uma vez que elas foram assassinadas justamente por esses motivos na Idade Moderna. Porém, se olharmos por uma outra perspectiva que supere a eliminação, morte e silenciamento tão presentes nessas práticas, conseguiremos identificar as relações de poder, que na realidade, se apresentam como fio condutor tanto nesta manifestação quanto também foi na época da caça às bruxas.

Estamos aqui falando das representações de bruxas como poderosas que podem ser interpretadas, por exemplo, na fala do líder do IPCO, já tão mencionada ao longo desta dissertação, em que ele implora para que a sagrada família não fuja do Brasil. A fala da advogada Ana Mendes no texto multimodal veiculado pelo canal PAVIO também traz essa ênfase na bruxa como uma figura poderosa, podendo ser identificada no excerto contido do minuto 1:01 a 1:13 em que diz “ela com essa ideologia quer destruir a família, quer desconstruir tudo o que a gente lutou para conquistar, quer tirar a inocência das crianças”. A própria existência da manifestação, também já nos aponta para uma certa preocupação do grupo conservador. Caso não estivessem se sentindo ameaçados, não sentiriam a necessidade de ir lutar contra a realização da palestra. Ao mobilizarem tantos grupos conservadores para estarem

presentes no dia da manifestação e inclusive criarem um abaixo assinado com mais de 300 mil assinaturas, eles demonstram que, ou estão identificando que suas bases cristãs de controle sob os gêneros estão enfraquecidas, ou estão colocando as teorias, como as de Butler, em um patamar alto o suficiente que torna possível a destruição dessas bases cristãs.

Conforme visto no capítulo 2 deste trabalho, quanto mais expressão de poder essas bruxas exerciam, no período da caça às bruxas, mais eram punidas e mortas. Baseado nos números incontáveis de bruxas torturadas e queimadas nesse período, podemos entender, então, a representação de poder que essas mulheres estabeleciam. Junto a isso, se trouxermos para o cenário da manifestação, podemos identificar a necessidade de extermínio que os manifestantes expressaram ao queimar a imagem de Butler, e para além do ato violento e criminoso perpetrado por eles, podemos também identificar ali uma tentativa desesperada de exterminar algo muito poderoso, que se viver, terá a possibilidade de estremecer as bases do fundamentalismo religioso cristão.

Deste modo, pudemos perceber com essa pesquisa que a construção performativa da bruxa ao longo da manifestação, mesmo indexando memórias demoníacas, também apontam para o poder exercido tanto pelas mulheres da época da inquisição, quanto pelas mulheres de hoje em dia, que subvertem a realidade opressora e de extermínio. Sendo assim, como forma de ilustrar quais foram as memórias sobre bruxas evocadas nessa manifestação, organizamos em uma tabela quais as pistas indexicais que nos levaram a essas memórias e em qual texto multimodal foi possível essa identificação.

Tabela 1 - Pistas indexicais e Memórias de Bruxas

CANAL	PISTAS INDEXICAIS	MEMÓRIA SOBRE BRUXAS
IPCO	Sodoma e Gomorra	Destruidora / Poderosa
IPCO	Expulsar a família e as bênçãos de menino Jesus	Destruidora / Herege / Poderosa
IPCO / PAVIO	Cabelo cumprido e pele rosa	Mulher
IPCO / PAVIO	Bandeira Nacional	Subversiva / Contra a ordem
IPCO / PAVIO	Losango amarelo	Subversiva / Domina seu corpo e destino
IPCO	Uso de cores preta e vermelha	Perigosa / Maléfica / Subversiva / Poderosa
IPCO	Contra o aborto	Mulher que domina seu corpo (Poderosa)
IPCO	Contra o casamento e agenda homossexual	Transgressora / Subversiva
IPCO	Contra o comunismo	Defensora de questões comuns
IPCO	Refugiar em questões culturais	Criativa

CANAL	PISTAS INDEXICAIS	MEMÓRIA SOBRE BRUXAS
IPCO / PAVIO	Chapéu pontudo	Mulher poderosa / Figura de destaque
PAVIO	Go to hell	Diabólica / Poderosa
PAVIO	Chifres e olhos vermelhos	Diabólica
PAVIO	Defensora de pedofilia e zoofilia	Pecadora / Criminosa
PAVIO	Destruir inocência de crianças	Criminosa / Poderosa
PAVIO	Bíblia e crucifixo	Herege
PAVIO	Imagem de Butler no rosto da bruxa	Linguagem destruidora / Linguagem poderosa
PAVIO	Queima da boneca	Bruxa da inquisição Mulher que rompe com o cristianismo / Resistência

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a compreender como se deu a construção performativa da bruxa na manifestação contra Judith Butler, ocorrida em 2017 e, dentro desse movimento, identificar quais memórias sobre as bruxas estavam sendo mobilizadas por estes manifestantes. Parte da escolha do objeto eclodiu de um cenário político arraigado em práticas conservadoras, de um aumento incessante do número de mulheres vítimas de violências e das eleições de 2018. Embebidas então pelos conceitos de linguagem como ação e memória como criação, pudemos traçar um rumo novo de pesquisa, já que nosso foco era justamente fazer uma nova interpretação do evento e trazer novas abordagens que pudessem contribuir para esse cenário caótico.

Iniciamos então nosso percurso teórico com a aproximação de conteúdos produzidos por estudiosos sobre a época da caça às bruxas. Entendemos que as mulheres desta época eram figuras centrais das aldeias pois tinham conhecimentos sobre seus corpos, dominando técnicas de parto, formas de contracepção, além de serem grandes referências espirituais para os habitantes dessas cidades. As feitiçarias eram utilizadas de forma corriqueira neste período, sendo somente após a publicação de *Malleus Maleficarum* em 1484 que essas práticas passaram a ser satanizadas pela Igreja. A bruxaria passou a ser considerada então, um crime de abjuração à fé católica e referenciado pelos inquisidores como um crime feminino, já que para eles as mulheres, devido a credulidade, eram presas fáceis para o diabo.

No entanto, de acordo com algumas estudiosas sobre o tema, como Barstow (1995), podemos observar que este fenômeno da caça às bruxas, começou acusando curandeiras e parteiras e acabou incorporando características extremamente misóginas que começaram a se acirrar quando a tortura passou a ser uma forma de obrigar mulheres a confessar crimes que não haviam cometido, mostrando que esse triste episódio da caça às bruxas foi utilizado principalmente para domar e exterminar mulheres poderosas.

Após esse entendimento geral sobre a caça às bruxas da Europa Moderna, nos debruçamos sob os aspectos da linguagem como performance e seus efeitos para que pudessemos assim, fazer a ligação cabível com as memórias dessas bruxas e a interrelação com

os tempos atuais, especificamente, nas memórias sobre bruxas evocadas na manifestação contra Judith Butler.

Conseguimos entender que a memória da bruxa como demoníaca foi construída ao longo dos séculos, levando em conta o processo de entextualização, citacionalidade e iterabilidade desenvolvidos em linguagem. Os assassinatos dessas mulheres e a argumentação inquisidora que justificava essas mortes, após passassem por longos séculos de entextualização, contribuem para que os manifestantes em questão, elessem a bruxa como um símbolo de representação para seus ideais conservadores.

Porém, não só esse é o fator que propicia essa escolha, mas também o atual contexto político em que o Brasil se insere com grande repúdio à diversidade, um aumento incessante das violências de gênero e contra as mulheres e principalmente à forte presença de valores conservadores e religiosos. Na análise conseguimos mostrar a presença marcante de pistas que explicitam esse vínculo religioso em torno dessa memória da bruxa, uma vez que a boneca foi queimada e não enforcada.

Toda essa análise se mostra como importante e relevante para os dias atuais porque os manifestantes, ao evocarem esse símbolo da bruxa sendo queimada, estão indexando uma memória de não existência e sobretudo de extermínio. Porém, se escolhermos olhar por uma perspectiva otimista, também podemos considerar que, assim como as bruxas da idade moderna com seus poderes de mulheres sábias, representavam uma ameaça para o *status quo* da época, nós como mulheres do nosso tempo, que se mantêm em posição de resistência e de existência, também estamos, de certa forma, representando uma ameaça à essas ideias e práticas destruidoras e exterminadoras de gente.

Em relação a análise podemos dizer que a escolha do meio online como local de pesquisa foi um grande desafio, tendo em vista que os dados sofrem frequentes modificações em segundos. A escolha metodológica requer muita organização e técnicas, ainda não dominadas para o armazenamento dos dados, sendo este o motivo de não termos conseguido apontar precisamente as modificações ocorridas ao longo de todo o processo de pesquisa. É importante ser dito também que por se tratar de um formato metodológico ainda em construção, não existem regras até o momento que exijam identificação das pessoas inseridas nas imagens, já que nesta dissertação, as plataformas de trabalho foram o Youtube e os textos multimodais aqui analisados, estão disponíveis publicamente no site.

Essa possibilidade de recorrer repetidas vezes ao texto foi o movimento que nos possibilitou identificar novas memórias sobre bruxas e uma outra construção performativa que

não fosse somente a de violência e subjugação da mulher, questão essa já apontada por muitos trabalhos. Revisitar esse material de análise todos os dias nos possibilitava identificar novas pistas indexicais e combinações de imagens e áudios que apontassem para memórias de resistência e de poder, exercido tanto pelas mulheres da inquisição quanto pelas mulheres dos nossos tempos, traçando assim uma nova perspectiva a respeito das violências contra as mulheres; o que nos faz tornar reticente o trabalho desta dissertação.

Com esta pesquisa foi possível aprender novas formas de expor ideias e lidar com dados de análise, sendo o próprio processo de escrita uma válvula impulsionadora de processos profundos de amadurecimento teórico e pessoal. Apesar deste significativo aprendizado, muito ainda se tem a acrescentar a respeito desta temática, podendo ser criados a partir de agora novos enfoques acadêmicos, sendo alguns deles o de identificar e analisar os vínculos estabelecidos entre bruxas e feministas, ou ainda, aprofundar nas violências perpetradas contra mulheres nos dias de hoje ou em outros contextos. Foi identificada ao longo deste trabalho, e durante trocas edificantes em congressos acadêmicos, a possível semelhança entre as torturas de cunho sexual contra mulheres ocorridas no período da ditadura militar no Brasil e contra as bruxas da Idade Moderna. Essas informações podem nos levar a novos caminhos de pesquisa, porém ainda são possibilidades a serem amadurecidas.

Vale ressaltar ainda que frente a essa atual conjuntura política e aos incessantes ataques à universidade pública, gratuita e de qualidade, a existência desse trabalho pode ser considerada um símbolo de resistência que essa Instituição é capaz de criar. O sentimento de impotência e desestímulo causado por esta conjuntura se mostrou muitas vezes como preponderante ao longo da escrita de toda essa dissertação, mas ainda assim, em algum momento este trabalho pode ser um ponto catalisador e propulsor de novas teorias para fins emancipatórios.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**: Palavras e ação. Trad. de MARCONDES, D. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. **Annual Review of Anthropology**, California, n.19, p.59-88, 1990.

BARSTOW, Anne Llewellyn. **Chacina de feiticeiras**: Uma revisão histórica da caça às bruxas na Europa. Rio de Janeiro: José Plympio, 1995.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BIANCO, Erica Cristina Verderio; JUNIOR, Aryovaldo de Castro Azevedo. O processo de mitificação de Bolsonaro: Messias, presidente do Brasil. **Dossiê Novas Faces do Poder**, v. 22, n. 2, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: Quando a vida é passível de luto? 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018[a].

BUTLER, Judith. **Excitable speech**: a politics of the performative. Nova Iorque: Routledge, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Limited Inc**. Evanston: Northwestern University Press, 1988.

DERRIDA, Jacques. Assinatura acontecimento contexto. In: **Margens da filosofia**. Campinas: Papirus. Trad. Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. 1991, p. 349 – 373.

DIAS, Adriana. O universo simbólico neonazista na Internet: breve relato de uma experiência etnográfica. In: FERIANI, Daniela; CUNHA, Flávia Melo da; DULLEY, Iracema (org.) **Etnografia, etnografias: Ensaio sobre a diversidade do fazer antropológico**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e a caça às bruxas: da idade média aos dias atuais**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000. Disponível em: www.nodo50.org%2Finsurgentes%2Fbiblioteca%2FA_Microfisica_do_Poder_-_Michel_Foucault.pdf&usg=AOvVaw2yTtLFJSDuKAPzzghkgeud. Acesso em: 30 mar. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: Curso no collège de france (1975 -1976)**. São Paulo: Martins Fontes, [1999] 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FERRAZ, Daniel; PELEGRINELLI, Denise; MATOS, Ecivaldo de Sousa. et. al. **Etnografia virtual: uma tendência para pesquisa em ambientes virtuais de aprendizagem e de prática**. 2009. 74 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

GIORDANI, Mário Curtis. **História do mundo feudal: acontecimentos políticos**. Petrópolis: Vozes, 1974.

GONDAR, Jô. O esquecimento da memória. In: GONDAR, Jô e BARRENECHEA, Miguel Angel de. (org.) **Memória e espaço: Trilhas do contemporâneo** – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco Ramos de; GONDAR, Jô (org.). **Por que Memória social?** Rio de Janeiro: Híbrida, 2016.

GOMES, Emanuel Pedro Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. A mídia como ator político: Uma análise de textos da revista Veja sobre casos de corrupção política. In: **Alfa**, rev. linguíst. São José Rio Preto, v. 63, n.1, 2019.

GUIMARÃES, Thayse Figueira; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Trajatória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, performances identitárias e etnografia**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/8033/6450>. Acesso em: 12 set. 2019.

GUTIERREZ, S. A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais online. Rio de Janeiro: **32ª Reunião Anual da Anped**, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London, Sage Publications, 2000.

KOSMINSKY, E. A. **História da idade Média**. Centro do livro Brasileiro, 1980.

KRAMER, Henry; SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras: Malleus Maleficarum** [1484]. 28 ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London, New York: Routledge, 2006.

KUNZE, Michael. **A caminho da fogueira: A vida e a morte do tempo da caça às bruxas**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

INSTITUTO PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA. **O que são as caravanas?** São Paulo, [n.d.]. Disponível em: <https://ipco.org.br/o-que-sao-as-caravanas/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

LÊ GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (cord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

LÊ GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. São Paulo: Edusc, 2005.

LÊ GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MARX, Karl. A assim chamada acumulação primitiva. In: **O Capital**. Boitempo Editorial, v1, 2011. Disponível em: https://3A%2F%2Fdisciplinas.usp.br%2Fpluginfile.php%2F2547757%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2FMARX%252C%2520Karl.%2520O%2520Capital.%2520vol%2520I.%2520Boitempo..pdf&usg=AOvVaw3XkNoLxN4x5bSjym-J-ANf. Acesso em: 18 set. 2019.

MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. “Você é uma morena muito bonita”: A trajetória textual de um elogio que fere. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 54. p. 53-78, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8641521/9038>. Acesso em: 12 set. 2019.

MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. As performances discursivo-identitárias de mulheres negras em uma comunidade para negros na Orkut. In: **DELTA**. V. 29, n.2, 2013.

MELO, Glenda Cristina Valim de; FERREIRA, Juliano Tito Rosa. As ordens de indexicalidade de gênero, de raça e de nacionalidade em dois objetos de consumo em tempos de Copa do Mundo 2014. **Revista Brasileira de Linguística aplicada**, v.17, n. 03, Belo Horizonte, 2017.

MELO, Glenda Cristina Valim de; ROCHA, Luciana Lins. Linguagem como performance: Discursos que também ferem. In: RODRIGUES, Marilda Giselda; MELO, Glenda Cristina Valim de; et. al. **Discursos: sentido e ação**, 2015.

MELO, Glenda Cristina Valim de. Anúncios de comercialização de escravos nos séculos xix e xxi: trajetória textual, entextualizações e ordens indexicais. In: SZUNDY, Tatianne Carréra;

TILIO, Rogério Tilio; MELO, Glenda Cristina Valim de. (Org.). **Inovações e Desafios Epistemológicos em Linguística Aplicada: perspectivas sul-americanas**. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 229-260.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, v. 32, nº3, 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada A linguagem como condição e solução. **DELTA**, v.10, nº2, 1994.

NIETZSCHE, Frederich Wilhelm. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

PINTO, Celi Regina Jardim. **A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015)**. Lua Nova: São Paulo, n. 100, 2017. p. 119-153.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, v.2, n.3, 1989.

POLIVANOV, Beatriz. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia?** Implicações dos conceitos. 2013.

PORTELA, Ludmila Noemi Santos. **O Malleus Maleficarum e o discurso cristão ocidental contrário à bruxaria e ao feminino no século XV**. 2012. 122 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

REBS, Rebeca. Reflexão Epistemológica da Pesquisa Netnográfica. **Comunicologia**, n.8, 1o sem. 2011.

RUSSEL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. **A história da bruxaria**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and dialectics of sociolinguistic life. **Language & communication**, University of Chicago, n.23, p.193-229, 2003.

SCALA, Jorge. **Ideologia de gênero: O neototalitarismo e a morte da família**. São Paulo: Katechesis, 2011. Disponível em: <https://masculinistaopressoroficial.files.wordpress.com/2017/06/ideologia-de-gc3aanero-o-neototalitarismo-e-a-morte-da-famc3adlia-jorge-scala.pdf>. Acesso em 12 jan. 2020.

Silva, DanIel Nascimento. **Pragmática da violência: o Nordeste na mídia brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras: FAPERJ, 2011.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**, São Paulo: Companhia das letras, 1986.

SOUZA, Laura de Mello e. **Inferno Atlântico** demonologia e colonização séculos XVI-XVIII, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TORRANO, Luísa Helena. **O campo da ambivalência**: Poder, sujeito e linguagem e o legado de Michel Foucault na filosofia de Judith Butler. 2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

ZANOTTO, Gizele. Tradição, família e propriedade (TFP): um movimento católico no Brasil (1960-1995). **Revista de história**, v. 30, n.1, p. 87-101 – Juiz de Fora, 2010.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. **Revista Estudos Feministas**, ago. 2005, vol.13, n.2, p.331-341.